



primeira infância

CADERNO®

edição 17

capa: © ILUSTRAÇÃO DE MARIANA ZANETTI SOBRE FOTO SHUTTERSTOCK

edições anteriores

- 1. FUTURO DO LIXO | DEZEMBRO 2012
- 2. SUBÚRBIOS E IDENTIDADES | MARÇO 2013
- 3. REALISMO MÁGICO NO SÉCULO XXI | OUTUBRO 2013
- 4. MOBILIDADE URBANA | ABRIL 2014
- 5. MENOS30 | OUTUBRO 2014
- 6. EDUCAÇÃO: MITOS E FATOS | DEZEMBRO 2014
- 7. CONSUMO CONSCIENTE | JUNHO 2015
- 8. EMPREENDA-SE | DEZEMBRO 2015
- 9. VOZES DO VELHO CHICO | MAIO 2016
- 10. SOMOS TODOS OLÍMPICOS | AGOSTO 2016
- 11. ASSISTA A ESSE LIVRO | JANEIRO 2017
- 12. CORPO: ARTIGO INDEFINIDO | JUNHO 2017
- 13. ENTRE DADOS | SETEMBRO 2018
- 14. PROFESSOR | NOVEMBRO 2018
- 15. NARRATIVAS (DES)CONSTRUÍDAS | JULHO 2019
- 16. DESLOCAMENTOS E REFÚGIOS | AGOSTO 2019

primeira infância

CADERNO

CONSELHO EDITORIAL

DJAMILA RIBEIRO, filósofa
EDNA PALATNIK, gerente de Desenvolvimento de Dramaturgia da Globo
FERNANDA TORRES, atriz e escritora
GABRIELA MOURA, relações-públicas e escritora
GEORGE MOURA, autor e roteirista
ILONA SZABÓ, cientista política
JAILSON DE SOUZA E SILVA, geógrafo e professor
LÁZARO RAMOS, ator e escritor
MARCUS BARÃO, presidente do Fórum da Juventude da CPLP
MÔNICA WALDVOGEL, jornalista

COORDENAÇÃO EDITORIAL

BEATRIZ AZEREDO
VIRIDIANA BERTOLINI
GISELE GOMES

CURADORES DESTA EDIÇÃO

ANNA MARIA CHIESA,
Universidade de São Paulo

DANIELA TÓFOLI,
Editora Globo

LUCIANE NENO,
Canal Gloob

PEDRO HARTUNG,
Instituto Alana

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

ANA PAULA BRASIL
MARIANA VASCONCELLOS

EDITORA-CHEFE

GRAZIELLA BETING

EDITORES

MURILO RONCOLATO
MARIANA SGARIONI

REVISÃO

RICARDO JENSEN DE OLIVEIRA

TRADUÇÃO

ELENICE ARAUJO

PROJETO GRÁFICO E VERSÃO DIGITAL

CASA 36

ILUSTRAÇÕES

MARIANA ZANETTI

PRODUÇÃO GRÁFICA

TONINHO AMORIM

GLOBO

COMUNICAÇÃO

SÉRGIO VALENTE,
diretor

RESPONSABILIDADE SOCIAL

BEATRIZ AZEREDO,
diretora

GLOBO UNIVERSIDADE

VIRIDIANA BERTOLINI,
gerente
VIVIANE TANNER,
supervisora

EQUIPE

FATIMA GONÇALVES
GISELE GOMES
HELENA KLANG
ISABELLA SALLES
JUAN CRISAFULLI
MILANA BERNARTT

CADERNO GLOBO 17

São Paulo, novembro 2019

Tema: Primeira infância

ISSN 2357-8572

Editor: Globo Comunicação
e Participações S. A.
Globo Universidade
Endereço: Rua Evandro Carlos
de Andrade, 160
São Paulo – SP
CEP 04583-115

EDIÇÃO DIGITAL E PODCAST

O Caderno está disponível em
versão digital e em podcast no link:
APP.CADERNOSGLOBO.COM.BR e
nos principais tocadores de sua
preferência

SUMÁRIO

CIÊNCIA

EDITORIAL Primeira pessoa _____ 4

REPORTAGEM Neurônios a todo vapor, *por* Mariana Sgarioni _____ 8

ARTIGO Patrimônios do cuidado, *por* Anna Chiesa _____ 16

ARTIGO A experiência como estímulo, *por* Beatriz Ferraz _____ 20

ENTREVISTA Fale com ela, *com* Maryanne Wolf _____ 26

ENTREVISTA Máquinas de aprender, *com* Sidarta Ribeiro _____ 34

ARTIGO Para embalar o sono, *por* Elizabeth Pantley _____ 40

ARTIGO Alimento de primeira, *por* Márcia Maria Tavares Machado _____ 44

SOCIEDADE

INFOGRÁFICO Infância em dados, *por* Murilo Roncolato _____ 54

ARTIGO Criança em primeiro lugar, *por* Pedro Hartung _____ 58

ENTREVISTA Investimento inicial, *com* Naércio Menezes Filho _____ 62

ARTIGO 3 desafios, *por* Beatriz Abuchaim _____ 70

ENTREVISTA A cidade vista de outro ângulo, *com* Skye Duncan _____ 76

REPORTAGEM A descoberta da arte, *por* Karen Acioly _____ 86

ESCUITA

PRIMEIRA PESSOA Com a palavra, quem cuida, *por* Mariana Sgarioni _____ 96

GALERIA Aquarela do Brasil _____ 110

SERVIÇO Pela primeira infância, *por* Murilo Roncolato _____ 124

PRIMEIRA

peessoa

Do nascimento aos 6 anos – a fase conhecida como primeira infância –, o cérebro humano está no auge de sua capacidade. Os neurônios de um bebê atingem um nível de atividade que não se repetirá em nenhuma outra fase da vida. E as oportunidades e experiências que uma criança tem no início da vida pavimentam o caminho para que ela desenvolva todo o seu potencial, com impacto no seu presente e no seu futuro.

Essa etapa, tão crucial, tem sido olhada com especial atenção pela neurociência e a genética desde o final dos anos 1990. E, por mais surpreendente que pareça, as descobertas científicas de laboratório comprovam: além das condições mínimas necessárias de sobrevivência do bebê (nutrição, higiene, saúde etc.), para assegurar seu desenvolvimento, nessa fase o cérebro precisa de dois ingredientes fundamentais: carinho e afeto. Os vínculos conquistados dessa forma, em ambientes que propiciem experiências e estímulos positivos, são essenciais para garantir o crescimento de um bebê, de uma comunidade e, consequentemente, do futuro de uma sociedade.

O inverso também se aplica. Um bebê que vivencia situações de violência e abuso e de carência e descuido sofrerá os efeitos disso ao longo da vida. Mas nem tudo está perdido, e o cérebro humano desafia toda visão determinista. Pois, quanto mais é estudado, mais ele revela sua capacidade de se remodelar – o que os cientistas chamam de plasticidade. Ou seja, mesmo quando uma criança sofre experiências negativas nos seus primeiros anos, é possível reverter parte dos efeitos maléficos expondo-a a experiências positivas. Mas isso precisa ser feito logo. O que só reforça a importância de olharmos para esse tema cada vez mais atentamente.

Qualquer projeto de país passa pela prioridade dada às suas crianças, desde muito cedo. Necessidade que se torna ainda mais urgente num país como o Brasil, que tem 20 milhões de crianças até 6 anos, das quais 7 milhões vivem em estado de pobreza ou extrema pobreza. Ou seja, uma imensa população em situação de vulnerabilidade, que precisa de toda a atenção de políticas públicas específicas.



Um investimento inicial que, como mostram estudos apresentados nesta publicação, significa até a redução de despesas públicas posteriores.

Esta 17ª edição do Caderno Globo se dedica a esse assunto e, para isso, conta com a parceria da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, que trabalha pela causa da primeira infância no Brasil. Nas páginas a seguir, aprofundamos essa discussão por meio de artigos, entrevistas e reportagens com especialistas e também com as pessoas que lidam de perto com o desafio de cuidar de um bebê. Seus depoimentos, em primeira pessoa, revelam as diversas formas de exercer a parentalidade nos dias de hoje, em suas mais diversas configurações.

Mas a publicação não poderia dispensar a participação dos principais interessados. Por isso, a edição traz uma galeria de desenhos e entrevistas com crianças de até 6 anos que dividem com o leitor suas alegrias, medos e esperanças para o futuro.

E, em um ensaio visual sobre o tema, o Caderno mescla, ao longo dos textos, ilustrações criadas especialmente pela artista e arquiteta Mariana Zanetti para a edição.

O tema na Globo

A primeira infância foi o tema da sexta edição do programa *Mitos & Fatos*, debate que reuniu, em outubro de 2019, a professora Carina Rodrigues, diretora de uma escola de educação infantil em São Paulo; o pediatra Daniel Becker e Beatriz Ferraz, doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. O programa pode ser visto na versão digital do Caderno.

A discussão vai ao encontro de uma série de ações que a Globo promove, em suas mais diversas áreas, que focam a infância, da gestação do bebê à juventude. O principal exemplo disso é a campanha Criança Esperança, em parceria com a Unesco, que já tem 34 anos. Há também o projeto Toda Gestação Dura 1000 Dias, realizado com a Pastoral da Criança. Na área da dramaturgia, algumas das produções recentes são a série *Pais de primeira*, de Antonio Prata, e a novela das nove *Amor de mãe*, trama escrita por Manuela Dias, com direção artística de José Luiz Villamarim, que retrata a vida de três mulheres, Lurdes (Regina Casé), Thelma (Adriana Esteves) e Vitória (Taís Araújo). Elas exercem a maternidade em toda a sua plenitude, cada uma à sua maneira, em realidades e trajetórias distintas que se encontram ao longo da novela.♥

Neurônios a todo vapor 8

Patrimônios do cuidado 16

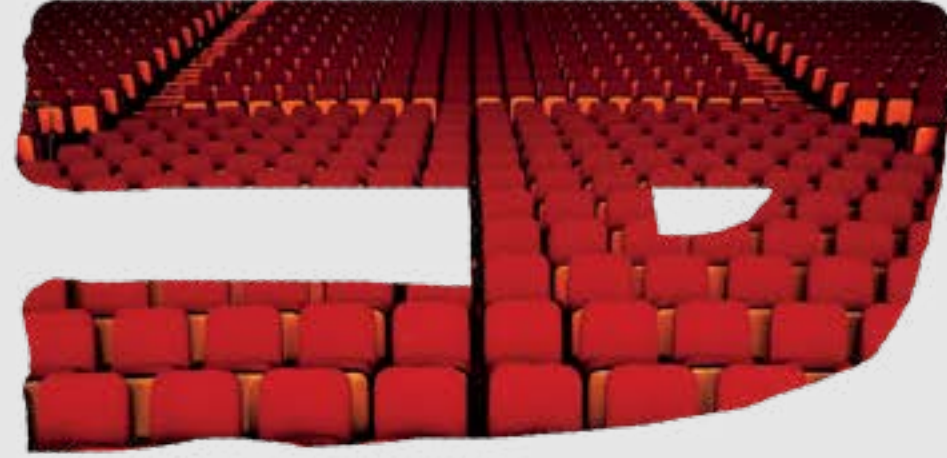
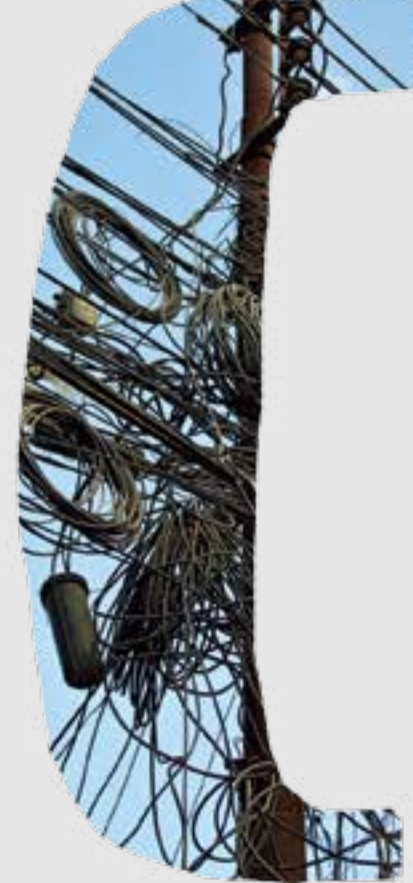
A experiência como estímulo 20

Fale com ela 26

Máquinas de aprender 34

Para embalar o sono 40

Alimento de primeira 44



REPORTAGEM
por MARIANA SGARIONI

neurônios

a todo vapor

A CIÊNCIA APONTA:
O CÉREBRO DOS BEBÊS
PODE NASCER FRÁGIL,
MAS É COMPLEXO, POTENTE,
E ESTÁ EM CONSTANTE
DESENVOLVIMENTO

Do ponto de vista científico, nos últimos 30 anos as pesquisas sobre primeira infância avançaram muito. Antes disso, pouco se sabia sobre bebês – aliás, pouco se dava atenção a eles. Pensava-se que mal enxergavam ou escutavam. Não existia muito interesse da ciência por seres que ainda não falam e, portanto, não têm como relatar o que sentem. Suas reações, em geral, eram vistas como parte inerente ao desenvolvimento humano. Um dos primeiros médicos a jogar luz sobre a importância de prestar atenção em recém-nascidos foi o francês Frédéric Leboyer, na década de 1970. “Claro que bebês não falam. Mas nem sempre é necessário falar. Repare nos olhos cerrados, a fisionomia contraída, o choro desesperado, as mãos crispadas, implorando, depois próximas da cabeça, num gesto de desespero. Os espasmos do corpo, todo aquele tremor. O recém-nascido não fala? Ora, nós é que não sabemos ouvi-lo”, dizia ele, ao chamar atenção para o sofrimento terrível imposto a bebês que acabam de nascer, com procedimentos médicos invasivos e muitas vezes desnecessários.

“Nos últimos anos, nossa perspectiva sobre bebês virou de cabeça para baixo. Agora estamos descobrindo que os bebês são os melhores aprendizes e cientistas do mundo”, diz Alison Gopnik, psicóloga e pesquisadora da Universidade da Califórnia, no filme *O começo da vida*. Mais que isso, a ciência agora está entendendo que, quanto mais sólida for a base da construção, ou seja, o início da infância, melhor será a vida adulta. Para Andrew Meltzoff, pesquisador da Universidade de Washington, “há evidências científicas de que o desenvolvimento da criança no começo de sua vida ajuda a determinar o adulto que ela será. O cérebro do bebê é esculpido pelas experiências. Ele é profundamente afetado pelas interações sociais e físicas que tem com o mundo. Nesse período, o bebê aprende mais do que aprenderá em qualquer outro período cronológico similar”. O pediatra Ricardo Chaves, professor assistente do Departamento de Pediatria da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), e mestre em Saúde Pública pelo Instituto de Medicina Social, reitera que diversos estudos atuais revelam que oferecer condições ao desenvolvimento infantil é mais eficaz e menos custoso do que tentar tratar as consequências das adversidades iniciais mais tarde. “Estamos cuidando do início da vida de seres humanos que provavelmente viverão 100 anos. Como serão esses 100 anos? Se não tivermos uma primeira infância saudável, corremos o risco de viver mal por muito tempo, com doenças crônicas como obesidade, hipertensão, cardiopatias”, considera.

Como nasce o cérebro

O cérebro de um bebê recém-nascido é molinho, pouco maior do que uma goiaba madura, cheio de ossos ainda flexíveis que não estão soldados uns aos outros. Sem contar as famosas – e afiladas – moleiras, que são justamente lacunas ou espaços macios e membranosos que separam os ossos do crânio dos recém-nascidos. Essa fragilidade toda acontece porque o cérebro nasce antes da hora. E de propósito. É somente fora da barriga, em contato com o mundo exterior, que os ossos vão se juntar e que o ser humano vai, literalmente, se tornar um cabeça dura.

A primeira explicação vem da evolução humana. O processo evolutivo para andarmos de pé fez com que o cérebro adulto aumentasse de tamanho e, ao mesmo tempo, o quadril das mulheres diminuísse. Se o cérebro nascesse pronto, grande, com ossos duros e grudados, certamente não passaria pelo canal vaginal. Enquanto o parto de macacos grandes é fácil, rápido e indolor porque o canal de nascimento é grande em relação ao tamanho da cabeça do feto, nós, humanos, precisamos nascer com a cabeça menor e mais mole para conseguir passar. Por isso, os bebês humanos nascem

O cérebro do bebê é esculpido pelas experiências e afetado pelas interações sociais e físicas que tem com o mundo

Andrew Meltzoff,
pesquisador da Universidade de Washington

Formando mentes

Nos primeiros anos de vida de uma criança, seu cérebro está em atividade máxima, estabelecendo a base das habilidades necessárias para seu desenvolvimento.

PRIMEIRA INFÂNCIA

O período entre a gestação e o primeiro passo dentro de uma sala de aula do ensino fundamental é crucial para o desenvolvimento da capacidade de um indivíduo de aprender, se relacionar, se expressar e interpretar o mundo ao seu redor. No Brasil, a “primeira infância” é definida como o período que abrange os seis primeiros anos da vida de uma criança (Marco Legal da Primeira Infância, Lei nº 13.257/2016). O documento “Agenda 30”, da Organização das Nações Unidas (ONU), incorpora o tema entre seus Objetivos de Desenvolvimento Sustentável para educação e estabelece a meta de, até 2030, assegurar a todas as crianças “o desenvolvimento integral na primeira infância, acesso a cuidados e à educação infantil de qualidade”.

1 Gerig G, Gilmore JH, Lin W. Maturação do cérebro dos recém-nascidos e dos bebês. In Tremblay RE, Boivin M, Peters RDeV, Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância, maio 2011. <https://bit.ly/2rgmLqS>

frágeis, precisando de cuidados, e com um longo período de desenvolvimento pela frente. De acordo com o psiquiatra Daniel J. Siegel, professor da Universidade da Califórnia, nosso cérebro demora cerca de 20 anos para se desenvolver completamente. O pediatra Ricardo Chaves sugere comparar o nascimento de humanos com o de outros mamíferos para perceber “o quanto nossos filhotes demoram para sobreviver sozinhos”. “Uma baleia já nasce nadando. Uma girafa sai andando, um cavalo também. O filhote humano só vai conseguir ficar de pé perto de 1 ano de idade. Ele nasce muito imaturo para o grau de maturidade que a vida futura vai exigir dele”, explica o médico. “A fragilidade do bebê humano é extrema. Nunca mais, até chegar à idade do ancião, o ser humano volta a experimentar tanta debilidade e dependência. No entanto, é essa debilidade que lhe permite atravessar o período de maior plasticidade neural – a infância”, escreve Sidarta Ribeiro, professor titular de Neurociência, fundador e vice-diretor do Instituto do Cérebro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em seu livro, *O oráculo da noite* (Companhia das Letras).

A primeira infância vai do nascimento aos 6 anos de idade. Entretanto, o período de maior velocidade de crescimento e desenvolviment cerebral ocorre no que chamamos de primeiros mil dias da criança. “Desde o nascimento, o cérebro do bebê faz ligações entre os neurônios numa velocidade impressionante. Isso proporciona a eles todo tipo de experiência”, diz Jack P. Shonkoff, diretor do Centro de Desenvolvimento da Criança, da Universidade Harvard, no filme *O começo da vida*.

Um estudo de imagem realizado em conjunto pela Universidade de Utah e Universidade da Carolina do Norte com 84 crianças com idade entre 2 e 4 semanas e 35 crianças de 1 ano mostrou que o volume total do cérebro aumentou 101% ao longo do primeiro ano.¹

Construção e amadurecimento

Do que esse cérebro bebê precisa para amadurecer? Segundo Jack Shonkoff, cérebros são construídos ao longo do tempo, de baixo para cima. A arquitetura básica do cérebro é construída em um processo contínuo que se inicia antes do nascimento e continua até a maturidade. “As relações que um bebê tem nos primeiros anos constroem seu cérebro. Então, se essas relações são carinhosas, otimistas e positivas, o cérebro se constrói ao redor desses valores”, diz Raffi Cavoukian, fundador do Centre for Child Honouring, centro de pesquisa e apoio à infância em Salt Spring, no Canadá. Shonkoff, de Harvard, explica: “As interações físicas, as sensações do bebê, como processa tudo o que está acontecendo, o que ele ouve, o que ele vê, o contato físico, tudo isso faz parte das conexões que estão formando seu cérebro”.

Mecanicamente explicando: um bebê nasce com aproximadamente 100 bilhões de neurônios que, na vida adulta, se reduzem, em média, a 20 bilhões.

Desde o nascimento, o cérebro do bebê faz ligações entre os neurônios numa velocidade impressionante

Jack Shonkoff, diretor do Centro de Desenvolvimento da Criança, da Universidade Harvard

EM PLENA ATIVIDADE

É nessa fase que o desenvolvimento cerebral está no seu auge. Aos 3 anos de idade, o cérebro infantil já tem 80% da sua formação definitiva (adulta). Tudo o que a criança vê, ouve e experimenta desencadeia uma série de conexões entre neurônios (sinapses) que serão importantes para o resto da vida. O volume de atividade cerebral chega a ser o dobro da observada em cérebros adultos. É quando o indivíduo está em seu máximo potencial de assimilação e aprendizado. Após a infância, as conexões são reduzidas e dá-se início a um processo de “poda neural”, na qual conexões pouco úteis são cortadas visando eficiência e outras novas são criadas, porém de modo bem menos acelerado.

CONSTRUINDO PONTES

Um dos fatores que tornam o cérebro uma máquina tão fascinante é a sua plasticidade, ou seja, a sua capacidade de se adaptar e evoluir mediante situações e estímulos. Na primeira infância, essa maleabilidade vive seus anos de glória. Segundo o Centro de Desenvolvimento da Criança, da Universidade Harvard, cérebros infantis chegam a realizar 1 milhão de novas conexões neurais por segundo, determinando o desenvolvimento das capacidades de observação e escuta, compreensão e linguagem e de funções cognitivas (ligadas à atenção, organização e tomada de decisões). Como efeito, nessa fase o indivíduo é altamente sensível ao seu ambiente. E isso pode ser algo bom ou ruim.

ATENÇÃO E CARINHO

A ideia de que a primeira infância é base importante para o desenvolvimento da criança, e que as experiências vividas nessa fase têm impacto até no seu futuro, tem fundamento na neurociência. Crianças que crescem recebendo estímulos positivos – o que inclui atenção e afeto de seus cuidadores – apresentam maior potencial de ter suas habilidades cognitivas, sociais e emocionais mais bem desenvolvidas. Da mesma forma, experiências negativas – bem como alimentação ruim, acesso à saúde de baixa qualidade, contato com violência, etc. – podem prejudicar a formação de conexões neurais justamente durante esse período de maior atividade tão importante para um crescimento adequado.

EM TEMPO

A exposição abaixo da ideal a estímulos positivos pode afetar o pleno desenvolvimento de habilidades sociais, cognitivas e emocionais, mas isso não significa que ao longo da vida a criança não possa reverter esse déficit inicial de experiências. O caráter plástico do cérebro vive seu auge durante os primeiros anos de vida, mas persiste até a vida adulta. A atenção familiar e o investimento público na primeira infância, no entanto, são fundamentais para diminuir desigualdades de oportunidades e garantir que todas as crianças possam desenvolver seu potencial máximo no tempo certo.

Folha em branco?

O cérebro humano começa a ser formado já nas primeiras semanas de gestação e, à medida que a criança se desenvolve, são criadas conexões entre os neurônios, as chamadas sinapses. Entretanto, esse cérebro que vem ao mundo tão imaturo não é uma “folha em branco” a ser preenchida, como se pensava antigamente. Os cientistas estão longe de uma única teoria sobre o que exatamente os bebês sabem, mas existe um consenso de que já há uma carga de conhecimento ao nascer. Um feto de apenas 24 semanas já traz nada menos de 50 trilhões de sinapses nos seus 100 bilhões de neurônios. Isso permite que já tenha percepções do que está acontecendo ao seu redor e até reconhecer a voz da sua mãe. Um estudo da Universidade de Brasília de 2015 aponta que a frequência cardíaca de recém-nascidos se torna mais estável quando escutam suas mães.

No livro *O instinto da linguagem*, o psicólogo canadense Steven Pinker, da Universidade Harvard, afirma que todos aprendemos nossa língua materna com imensa facilidade. E isso se deve a um instinto ou, talvez, a um “módulo” mental da linguagem, que já vem pronto de berço. Um estudo publicado pela revista científica *Proceedings of the National Academy of Sciences* afirma que padrões neurais criados pelo idioma ouvido nos primeiros anos de vida permanecem guardados na memória. É como se o idioma falado pelos pais ficasse gravado na cabecinha dos bebês. “Nos estágios iniciais do desenvolvimento da linguagem, as crianças aprendem a distinguir, independentemente do idioma, quais sons são importantes e sig-

nificativos”, afirma Lara Pierce, da Universidade McGill, no Canadá, autora do estudo. “Ele deixa uma espécie de representação no cérebro, que as crianças usam para construir sua língua nativa”, acrescenta.

Brincar para aprender

Como vimos, bebês estão programados para aprender rápido. Logo, os adultos não precisam se preocupar com estímulos tão elaborados. O melhor estímulo para um bebê pequeno aprender é, além do contato físico e visual (ou seja, pegar o bebê no colo, olhar para ele), um ambiente amoroso, no qual os cuidadores conversam com ele. Ler para o bebê e cantar também são atividades profundamente estimulantes. De acordo com Maryanne Wolf, pesquisadora e neurocientista da Universidade da Califórnia [leia entrevista na página 26], esse procedimento estimula as áreas no cérebro referentes à linguagem. É importante, no entanto, parar por aí: encher o bebê de estímulos sonoros e visuais, como televisão, celular ou telas de computador, pode ter um efeito reverso, causando excesso do hormônio do estresse no cérebro e prejudicando o desenvolvimento. “Nascemos naturalmente curiosos para aprender o que está ao nosso redor. É preciso dar tempo para que a criança e o bebê possam também brincar livremente, sozinhos. Este é um grande aprendizado”, diz ela.

O melhor estímulo para um bebê pequeno aprender é, além do contato físico e visual, um ambiente amoroso, no qual os cuidadores conversem com ele

Maryanne Wolf,
neurocientista da Universidade da Califórnia

Segundo Daniel Siegel, da Universidade da Califórnia, brincar é essencial para o desenvolvimento intelectual, emocional e social. “Sentar as crianças à frente de telas não é brincar. Competir numa equipe também não é o que nós queremos dizer com brincar. Brincar é uma interação espontânea e autêntica, livre de julgamentos. Há muitos estudos que mostram que se não brincarmos podemos ter menos competências emocionais e sociais, bem como criativas”, afirma. O neurocientista Sidarta Ribeiro, do Instituto do Cérebro, completa: “Os mamíferos inteligentes aprendem brincando. Quando o tigre ou o leão filhote está brincando com seu irmãozinho, por exemplo, ele está, na verdade, treinando para fazer caçadas perigosas no futuro. O mesmo acontece com o ser humano”, diz. Em outras palavras: deixar uma criança livre para brincar sozinha, do jeito que ela quiser e com o que quiser, sem interferir, e de modo não dirigido, não é perda de tempo. É ganho de saúde. ♥



patrimônios DO cuidado

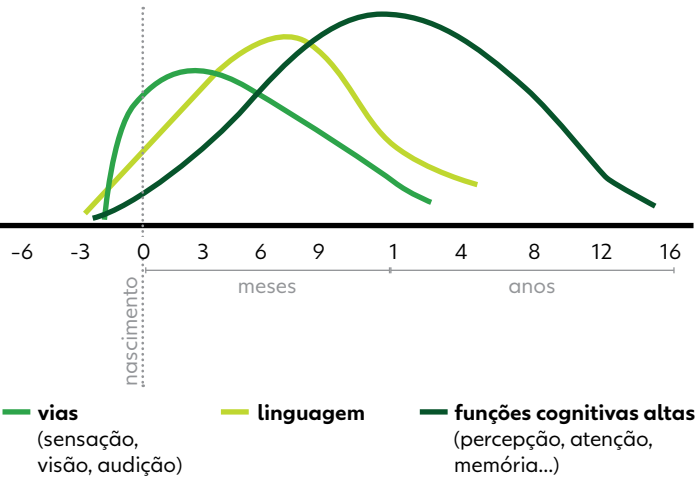
CONVERSAR,
DEMONSTRAR
CARINHO
E AFETO
SÃO PEÇAS
FUNDAMENTAIS
PARA MOLDAR
A ARQUITETURA
CEREBRAL
DO BEBÊ

D

escobertas científicas do final dos anos 1990 contribuíram para reforçar a necessidade de defender a infância como prioridade absoluta em uma sociedade que pretende reduzir as desigualdades sociais, ampliando as oportunidades de desenvolvimento integral no início da vida. Os exames de neuroimagem abriram a possibilidade de compreender a estrutura e o funcionamento do cérebro de forma mais profunda e detalhada e permitiram o reconhecimento de períodos sensíveis ou “janelas de oportunidades”, nos quais a possibilidade de conexões neuronais ocorre em uma velocidade muito intensa (até 1 milhão de novas conexões por segundo).

ANNA CHIESA
é professora associada do Departamento de Enfermagem em Saúde Coletiva da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP) e membro do Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância

PERÍODOS SENSÍVEIS NO DESENVOLVIMENTO CEREBRAL:



FONTE: C. NELSON. FROM NEURONS TO NEIGHBORHOODS, 2000

Os períodos sensíveis apontados na figura acima indicam o que ocorre no desenvolvimento cerebral, desde a gestação, quando o feto já tem áreas ativas de recepção da percepção sensorial, linguagem e das funções executivas, até os primeiros meses e anos de vida. Esses períodos de formação da arquitetura cerebral são mais intensos nos primeiros mil dias (da gestação até os 2 anos de vida) e dependem do tipo de cuidado que o bebê recebe da mãe e/ou dos adultos que compartilham esse cuidado.

O melhor funcionamento da estrutura cerebral ocorre quando a rede de neurônios está conectada, em função da complexidade da resposta demandada.

O desenvolvimento infantil integral pressupõe que o potencial de cada bebê seja estruturado de maneira integrada, e os benefícios dessa estrutura estão associados com melhores condições de saúde física (menor propensão para diabetes, obesidade e taxas elevadas de colesterol), mental (menor possibilidade de ocorrência de depressão e transtornos de ansiedade), aprendizagem (menor evasão escolar e melhor desempenho) e social (menor dependência de programas sociais e envolvimento com criminalidade). Por isso, aproveitar os períodos sen-

síveis facilita a melhor construção de uma arquitetura cerebral que será a base para o desenvolvimento das dimensões cognitiva, emocional e relacional dos indivíduos, que sustenta o desenvolvimento humano durante toda a vida.

Durante a gestação, o feto já “conhece” ou “experimenta” o mundo a partir do que a mãe transmite a ele. Além de receber os nutrientes da alimentação que ela ingere, o feto percebe o ambiente por meio dos hormônios que estão relacionados aos sentimentos que a mãe vivencia e estão presentes na sua circulação. Depois do nascimento, o bebê ainda é extremamente vulnerável para sobreviver, e isso faz com que dependa fundamentalmente de um cuidador dedicado, que, em geral, é a própria mãe. O vínculo que a mãe ou cuidadores estabelecem com cada bebê é fundamental na promoção do seu crescimento e desenvolvimento, pois este necessita tanto de cuidados físicos como de conforto e segurança emocional.

O vínculo afetivo que o adulto transmite no cuidado rotineiro (na alimentação, na higiene, nas brincadeiras, contando histórias) é um elemento essencial para que o bebê se sinta atendido nas dimensões físicas e emocionais. Isso, além de assegurar o crescimento do bebê, fará com que ele se desenvolva com apego aos cuidadores. Essa é a base para a autoestima e a segurança emocional que as crianças já desenvolvem desde a fase inicial da vida. Nesse sentido, podemos afirmar que o afeto molda a arquitetura cerebral e que o cuidado necessário para o desenvolvimento integral é amoroso e responsivo, ou seja, deve incluir afeto e interação.

Desde o início da vida e durante toda a infância, as necessidades essenciais de um indivíduo abarcam o seguinte: os relacionamentos sustentadores e contínuos, a proteção física, a segurança, a regulação e a possibilidade de vivenciar experiências que respeitem seus ritmos em cada etapa do desenvolvimento.

Compreender as necessidades essenciais na infância é fundamental para ressignificar a ideia de que o cuidado de crianças pequenas

depende exclusivamente do “instinto materno” e de que toda pessoa que já teve uma experiência de cuidado de crianças se encontra apta para desempenhar a complexa tarefa de criar e educar as crianças. Com isso, vale resgatar o conceito de parentalidade como o conjunto de atividades propositadas realizadas pelos adultos para assegurar a sobrevivência e o desenvolvimento da criança. A parentalidade não está atrelada aos laços biológicos, podendo ser exercida pelos pais ou por adultos da rede familiar e social das famílias em questão.

As práticas de cuidado biomédico mais voltadas para a sobrevivência ainda prevalecem sobre as práticas de interação com o bebê. Isso não significa que familiares e cuidadores não sejam carinhosos e responsivos no seu cotidiano, porém é preciso ampliar o conhecimento sobre a importância de conversar com o bebê ou demonstrar carinho e afeto para o pleno desenvolvimento das crianças pequenas.

O campo da epigenética – que, entre outras coisas, estuda o impacto do ambiente na expressão dos genes – tem evidências acerca do papel decisivo do ambiente no processo de desenvolvimento infantil, sobretudo no período de maior formação das sinapses neuronais, que é justamente o de maior dependência do bebê para com os cuidadores. Considerando as necessidades essenciais na infância, propõem-se as seguintes dimensões para organizar o ambiente:



No Brasil, a maioria das crianças de até 3 anos de idade é cuidada principalmente em casa pelos familiares, com a ajuda da rede social de supor-

te da família e/ou de instituições presentes no território, como as creches ou abrigos. É fundamental que haja comunicação entre os adultos envolvidos, sejam familiares ou não, e permanência dos processos de cuidar, para que as diferentes experiências se complementem e acrescentem em termos de diversidade.

Os elementos essenciais abarcam:

- a presença de afeto e responsividade aos interesses do bebê, mesmo que esteja presente mais de um adulto na oferta do cuidado;
- a rotina de cuidados deve contemplar as necessidades de cada fase do desenvolvimento do bebê (sono, alimentação, brincadeira, higiene), podendo ser flexível;
- a preocupação com a segurança do ambiente deve estar sempre presente, porém a necessidade de exploração e curiosidade do bebê deve ser igualmente atendida.

Esses elementos podem contribuir para se pensar na organização de ambientes e cuidados familiares, educacionais (creche) e de atendimento emergencial (unidades de abrigamento). É fundamental ampliar o debate sobre os tipos de cuidado em diferentes contextos e ambientes, dado que a responsabilidade pela primeira infância é de toda a sociedade.

Desde março de 2016, o Brasil conta com a Lei 13.257, uma enorme conquista para reforçar a responsabilidade de todos os setores das políticas públicas no apoio ao protagonismo familiar para a promoção do desenvolvimento infantil integral.

O Marco Legal da Primeira Infância aponta também para a necessidade de articulação intersetorial, enfatiza a necessária formação com caráter interdisciplinar entre os diferentes profissionais que atuam nos diferentes serviços e propõe a adoção de práticas de promoção da parentalidade positiva junto às famílias. 🌱

1 Ver “Conceitos fundamentais: 1 - As experiências moldam a arquitetura do cérebro”, em bit.ly/2mJE1mw.

2 Ver “Conceitos fundamentais: 2 - O jogo de ação e reação modela os circuitos do cérebro”, em bit.ly/2o9r31D.

ARTIGO
por BEATRIZ FERRAZ



BEATRIZ FERRAZ
é doutora em Educação
pela Universidade de
São Paulo (USP), com
especialização em
Liderança em Políticas
para a Primeira Infância
pela Universidade
Harvard. É diretora da
Escola de Educadores,
trabalhando com
consultoria em
projetos na área
da Educação Infantil

a experiência como estímulo

PESQUISADORA DESTACA
QUE PROPICIAR UM
AMBIENTE RICO EM
VIVÊNCIAS POSITIVAS É MAIS
IMPORTANTE DO QUE AÇÕES
MECÂNICAS QUE PODEM
NÃO TER SIGNIFICADO
PARA AS CRIANÇAS

A importância dos estímulos na primeiríssima infância está evidenciada pelas pesquisas recentes da neurociência, que comprova que a arquitetura do cérebro começa a se formar e segue evoluindo na mesma velocidade em que experiências são vividas pelas crianças. Entretanto, o termo “estímulo” muitas vezes nos leva a pensar em ações mais mecânicas, que podem não ter significado para as crianças e não necessariamente geram aprendizagens.

Por isso, prefiro falar sobre experiências. Elas estão relacionadas com vivências de que as crianças participam de forma ativa e que as marcam, pois envolvem um processo de construção de sentido.



As crianças possuem uma série de perguntas genuínas. São perguntas de vida: querem saber quem são, quem são as pessoas à sua volta, o que são as coisas com que vão interagindo à medida que têm a oportunidade de descobrir o mundo. Quando as crianças colocam um mordedor na boca, iniciam uma experiência com ele. A oportunidade de continuarem a explorar o mordedor, descobrindo novas possibilidades de uso, permite que possam ampliar e aprofundar seu conhecimento sobre esse novo objeto, construindo para ele sentidos cada vez mais complexos. São essas as primeiras experiências de conhecimento de mundo que a criança tem a oportunidade de viver, quando acompanhada por um adulto que se preocupa em lhe apresentar o mundo, de forma paulatina, favorecendo que possam ampliar e aprofundar seu conhecimento sobre ele, as pessoas, as relações e sobre si mesmas.

A experiência sempre fala de um processo de descoberta, de atribuição de sentido, e, nessa perspectiva, indica um envolvimento ativo da criança, ela como protagonista de suas descobertas, e não como um sujeito passivo que recebe estímulos do outro e precisa corresponder. Nesse contexto, a melhor forma de contribuirmos para as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças nos seus primeiros anos de vida é garantindo a elas experiências positivas.

A garantia dessas experiências se dá em um cotidiano que oferece às crianças previsibilidade, regularidade e confiabilidade. Esses são elementos centrais para que as

crianças possam se sentir confiantes e seguras para explorar o mundo ao seu redor e dependem da interação com um adulto que crie essas condições no ambiente. Vale ressaltar que não estou falando de situações artificialmente construídas, mas sim de contextos cotidianos que preencham o dia a dia da criança, rico de vivências, a coloquem em contato com o mundo, com os outros e consigo mesma, de forma contínua e regular, e sejam intencionalmente considerados pelo adulto que cuida dela e acredita na sua competência para aprender e se desenvolver desde os primeiros dias de vida.

Melhor momento

Investigações da neurociência demonstraram que o cérebro humano alcança 80% do tamanho adulto durante os três primeiros anos de vida e que nessa etapa se formam 40% das habilidades mentais das pessoas adultas.

Áreas de desenvolvimento altamente importantes, como controle emocional, habilidades sociais, linguagem e aritmética, alcançam seu auge nos primeiros três anos de vida, mas isso acontece mediante as experiências de que as crianças têm a oportunidade de participar. Com isso, não quero dizer que o importante é uma diversidade de vivências, mas sim vivências de qualidade, como, por exemplo, aquelas que têm continuidade no tempo e apoiam as crianças nas suas construções de sentido.

O auge do desenvolvimento da linguagem se dá em torno de 6 meses a 1 ano de idade. Isso não quer dizer que nesse período as crianças obrigatoriamente vão

Nos primeiros anos de vida, é importante que as vivências das crianças propiciem essas descobertas que fazem pelo corpo e pelos seus sentidos

aprender a falar – significa que, se elas não tiverem adultos que acreditem na sua capacidade de se comunicar e de aprender, muito provavelmente não alcançarão o pleno potencial do desenvolvimento da linguagem.

A qualidade (e não a diversidade) de experiências que as crianças vivem nesse momento da vida é altamente potencializadora para que alcancem seu desenvolvimento pleno na primeira infância. Isso depende de adultos que estabeleçam com elas relações autênticas, que acreditem no seu pleno potencial e consigam criar com elas contextos de interações nos quais haja efetivamente uma troca. Uma relação na qual a criança se manifesta e o adulto acolhe, interpreta e responde, abrindo espaço para que uma nova resposta se dê, e essa sequência siga em frente.

O corpo e as atividades artísticas

No início da vida, a criança se relaciona com o mundo, com as pessoas e consigo mesma pelas suas experiências corporais. Interpretar e dar sentido ao mundo implica o uso do corpo, dos seus sentidos; por isso, a criança pequena coloca os objetos na boca, sente seu cheiro, passa pelo seu corpo, brinca com os sons das coisas e do próprio corpo. Nos primeiros anos de vida, é muito importante que as vivências das crianças propiciem essas descobertas que fazem pelo corpo e pelos seus sentidos. Não se trata de praticar esportes, mas sim de ter experiências de descobertas do próprio corpo, do seu limite corporal, de entender que possuem uma existência própria, que sua mãe e o mundo não são continuidade de seu corpo. O colo e os contextos de cuidados pessoais são muito importantes, pois são momentos que, pelo toque, pela contenção do aconchego, propiciam sensações que permite às crianças perceber seu corpo. Trata-se de experiências positivas.

Outro ponto a destacar é a importância de deixar as crianças se desafiarem. Apoiá-las na realização das próprias conquistas, deixar que descubram o equilíbrio de que precisam para andar, por exemplo, é essencial. É em busca desse desafio que as crianças fazem uso de todas as partes de seu corpo e têm a oportunidade de conscientizar-se das reações causadas por suas ações, pois estão efetivamente engajadas e concentradas, realizando diferentes experimentos em busca de vencer o desafio que elas mesmas se propuseram. Essa condição é fundamental para o desenvolvimento das mais variadas habilidades, entre elas, por exemplo, as necessárias para que a criança conquiste destreza para locomover-se. Andar de andador é um contraexemplo dessa situação, uma vez que a criança não toma consciência das ações necessárias para o aprendizado da marcha e muito provavelmente também acaba realizando ações que nem está preparada para viver.

Estado de alerta

Nem todo estresse é ruim, por isso é preciso saber diferenciar cada tipo

O estresse faz parte da vida. Há experiências que podem ser muito negativas, mas podem nos ajudar a entender a diferença entre ética e a moral, ou, ainda, a aprender sobre os cuidados necessários com os outros e com nós mesmos. A neurociência define três tipos:

ESTRESSE POSITIVO

Envolve desafios cotidianos e são importantes para o desenvolvimento da criança e para que ela aprenda a viver em sociedade.

ESTRESSE TOLERÁVEL

Envolve situações difíceis, imprevisíveis, e que podem representar um desafio além daquele para o qual a criança está preparada para lidar como, por exemplo, a morte de alguém próximo.

ESTRESSE TÓXICO

Contínuo, ele gera impactos que vão demandar muito mais investimento para serem reparados. É o caso de uma criança que vive num lar de alta vulnerabilidade, com contexto familiar que a deixa continuamente em estado de atenção, com brigas e gritos, sem atenção e afeto. A longo prazo, isso compromete a segurança e a confiança da criança para aprender, fazer amigos e se relacionar no futuro.

Entender como usar o corpo e se comunicar com o corpo é importante para que as crianças desenvolvam e valorizem a linguagem corporal como uma daquelas que elas podem utilizar para se expressar e aprender. Valorizar o corpo e fazer uso dele de forma ativa para as suas conquistas é uma boa forma de garantir as condições saudáveis como os esportes, por exemplo.

Na mesma linha, podemos pensar nas atividades artísticas. A arte é uma linguagem e ela precisa ser apresentada às crianças como tal. Expressar-se e aprender por meio da arte é valorizar uma prática que faz parte da nossa cultura e da nossa sociedade. A arte como linguagem auxilia as crianças a aprender diferentes formas de interpretar e expressar o mundo de uma maneira muito próxima das suas possibilidades nesse momento da vida. Ao expressarem-se artisticamente, as crianças fazem uso do corpo, da imaginação, organizam ideias e buscam formas de representá-las. Desde o princípio da vida, é importante oferecer às crianças bem pequenas possibilidades para explorarem diferentes suportes e materiais, como massinha, argila, brincar com lama, areia, escutar, cantar e dançar músicas, apreciar expressões artísticas diversas, sempre considerando os interesses das crianças, suas curiosidades sobre o mundo e seu ritmo de desenvolvimento e maturidade.

Tempo precioso

À primeira vista, uma rotina repleta de atividades pode parecer estimulante e importante para o desenvolvimento infantil. Entretanto, uma agenda cheia, em geral, não permite que as crianças tenham experiências que sejam significativas para elas. Nesse momento, elas estão descobrindo o mundo e todo processo de descoberta precisa garantir tempo, continuidade do processo investigativo, além de participação e engajamento ativo das crianças. Se a criança vive uma série de contextos nos quais é passiva, não tem tempo de dar continuidade à suas experiências. Ao receber uma quantidade grande de estímulos, de forma passiva, sem significado, sem tempo para vivenciar com qualidade cada um deles, ela pode entrar em uma situação de estresse negativa, na qual está permanentemente estimulada, sem as condições necessárias para degustar as suas descobertas e atribuir sentido a elas. E, provavelmente, sem respeitar os seus interesses e as suas curiosidades. Isso coloca a criança em uma condição de passividade, como quem recebe muita informação, mas não tem tempo nem condição para que efetivamente possa se apropriar dela. A criança precisa de experiências que tenham continuidade no tempo e as convide a descobrir o mundo como se este fosse inventado por ela!



Brincar na natureza é uma ação que promove saúde física e o desenvolvimento de hábitos, valores e afetos em relação ao meio ambiente

hoje têm dificuldade de oferecer essas condições, seja porque isso significa alto investimento, seja porque se exige um profissional especialista no desenvolvimento infantil e na pedagogia da infância.

O ambiente da creche pode ser muito rico para o aprendizado coletivo da convivência em grupo, mas, se a família conseguir garantir essas possibilidades e as demais experiências importantes para o desenvolvimento das crianças, não é necessário que elas tenham que ir à creche, e a nossa legislação também afirma isso. É um direito da família e um dever do Estado. Então, se essas famílias conseguem, por exemplo, ir cotidianamente a uma praça na qual as crianças possam fazer amigos, brincar com eles e fazer esses passeios com regularidade, é possível oferecer um ambiente muito similar ao que uma creche ofereceria.

Esse ponto dos passeios – especialmente ao ar livre – merece atenção. As crianças estão conhecendo o mundo, e faz parte dessa descoberta o conhecimento da natureza e da variedade dos seus elementos. Um contato criativo, significativo e respeitoso com a natureza desde o início da vida promove a construção de valores positivos para a relação com o ambiente durante toda a vida, além de oferecer experiências com diferentes tipos de elementos e fenômenos naturais. Brincar na natureza é uma ação que promove saúde física e o desenvolvimento de hábitos, valores e afetos em relação ao meio ambiente. Neste momento em que tanto se discute a preservação de nosso planeta, nosso papel como pais e educadores é, também, criar condições para que desde bem pequenas nossas crianças possam conhecer e valorizar a natureza, aprendizados tão essenciais à vida humana. Aprender a se relacionar com ela de maneira afetuosa e respeitosa é um dos primeiros passos para formarmos futuros cidadãos conscientes de suas responsabilidades. 🌱

O mais importante na primeira
infância é o contato pessoal.

Para que o bebê se desenvolva,
seu cérebro precisa ouvir

a voz dos pais e cuidadores

por MARIANA SGARIONI
tradução de ELENICE ARAUJO

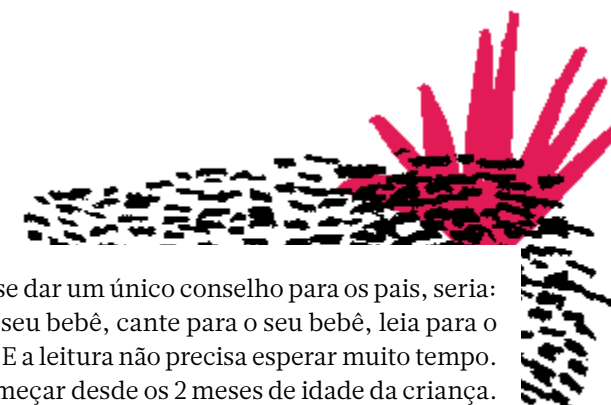
PESQUISADORA E PROFESSORA
DA UNIVERSIDADE DA
CALIFÓRNIA ESTUDA O
IMPACTO DAS MÍDIAS DIGITAIS
NO CÉREBRO DE CRIANÇAS



MARYANNE WOLF
é pesquisadora,
professora e defensora
de crianças e
letramento ao redor do
mundo. Ela é diretora
do Center for Dyslexia,
Diverse Learners, and
Social Justice na UCLA
Graduate School of
Education and
Information Studies

“S

e eu pudesse dar um único conselho para os pais, seria: fale com o seu bebê, cante para o seu bebê, leia para o seu bebê.” E a leitura não precisa esperar muito tempo. Já pode começar desde os 2 meses de idade da criança.



É o que defende Maryanne Wolf, professora e pesquisadora, diretora do Center for Dyslexia, Diverse Learners, and Social Justice da UCLA Graduate School of Education and Information Studies. Segundo ela, bebês e crianças pequenas precisam do contato direto com pessoas familiares – especialmente com suas vozes. Esse contato é imprescindível para o crescimento de diversas áreas fundamentais do cérebro, como a responsável pela linguagem. Em contrapartida, as mídias digitais nessa fase podem ter efeito reverso: produzem superestímulos que provocam o estresse agudo, ocasionando descargas de hormônios extremamente prejudiciais ao desenvolvimento.

Especialista em alfabetização, Maryanne chama atenção para a necessidade de a criança aprender a ler em livros físicos – e não em tablets, computadores ou smartphones – para que saibam se aprofundar nos conteúdos. “Caso contrário, correremos o risco de criar uma geração de leitores superficiais, sem completar todos os processos da leitura profunda; portanto, suscetíveis a informações falsas, as chamadas fake news.”

Maryanne lembra, porém, que não se opõe à tecnologia, e sim ao seu mau uso. Segundo ela, a tecnologia tem muito a oferecer, sobretudo para crianças a partir dos 5 anos. “Se usarmos com sabedoria e sem exagero, essas mídias podem ser grandes aliadas do aprendizado.”

Fale um pouco sobre os primeiros anos da infância e o ambiente digital em que vivemos. Como esse cérebro opera?

A primeira coisa a destacar é que a criança pequena nasce pronta para aprender o idioma e pronta para fazer a conexão entre linguagem e visão e, por fim, entre linguagem, visão e cognição. Os pais com frequência ignoram que o mecanismo da fala começa a se desenvolver já aos 2 meses de idade e que a audição começa a se desenvolver mesmo antes do nascimento. Antes de o nervo auditivo começar a “mielinar” – é esse o termo usado –, ele já está apto a ouvir, mesmo antes do nascimento do bebê. É por isso que certos bebês, assim que nascem, viram a cabeça ao escutar uma voz com a qual se familiarizaram no útero. Existem vários estudos apontando esse fenômeno. O que se sabe é que um bebê, em especial a partir dos 2 meses, começa a desenvolver a linguagem, pois já pode ouvir; eles começam a formar o que chamamos de representações de sons. Os bebês estão aprendendo esses sons e, quando completam 1 ano, já conhecem todos os sons do seu idioma. E o que isso significa para os pais? Significa que talvez já aos 2 meses os bebês escutam com atenção e estão aprendendo os sons. Portanto, os conselhos que dou aos pais são: fale com o seu bebê, cante para o seu bebê e leia para o seu bebê. E eu quero dizer ler de verdade. Eu começaria

aos 2 meses. Os pais devem estabelecer um ritual e ler para o bebê toda noite. A qualquer momento do dia vale também, mas adotem principalmente o ritual na hora de dormir e leiam para o seu bebê. Isso vai desenvolver áreas do cérebro dele ou dela referentes à linguagem. E como sabemos disso? Bem, há um neurologista infantil incrível nos Estados Unidos chamado John Hutton que estuda o desenvolvimento das áreas referentes à linguagem a partir de imagens do cérebro. Ele faz parte de uma iniciativa que oferece livros aos bebês e pais de bebês em todas as visitas de acompanhamento que o pediatra faz. Bem, os bebês acompanhados por John Hutton, e cujos pais leem para eles, mostraram áreas referentes à linguagem mais desenvolvidas do que a das crianças cujos pais não leem para elas.

Muitos pais e educadores usam dispositivos audiovisuais como tablets e smartphones para estimular bebês e crianças pequenas. Esse método é eficiente?

Aqui nos Estados Unidos, nós que nos dedicamos a avaliar o impacto da tecnologia estamos muito preocupados com o fato de nossos bebês estarem sendo estimulados em excesso pelo apelo atraente dos tablets, celulares etc. Veja, bebês têm um mecanismo de atenção semelhante ao que eu e você temos. Mas a atenção deles tem de ser despertada lentamente e compreende o mundo ao seu redor. Quando o mecanismo de atenção do bebê ou da criança pequena é constantemente bombardeado por estímulos contínuos, esse mecanismo se torna propenso a uma reação de estresse agudo. Já se sabe que os bebês têm apresentado um aumento no nível de certos elementos como cortisol, que é o que acontece quando ficamos nervosos e estamos prontos a lutar ou fugir. Bem, os bebês estão sofrendo uma superexposição a esses estímulos audiovisuais contínuos, de tal forma que a atenção deles está mudando e eles estão fazendo mais recodificações. Em outras palavras: estamos alterando o mecanismo de atenção dos nossos pequenos de modo a sempre precisarem de algo. Logo, é quase como se existisse uma forma preliminar de comportamento compulsi-

vo; por isso, tantas crianças se sentem totalmente entediadas quando largam o tablet. Os pais ficam nervosos e não querem ver seu filho/filha aborrecidos e tomam a pior atitude possível, oferecendo mais daquele tipo de estímulo. Assim se inicia um ciclo muito ruim.

Quais os motivos que levam pais ou cuidadores a oferecer estas mídias a bebês tão pequenos?

Os pais usam esses dispositivos como babás. Eu entendo. Trabalham demais e, quando chegam em casa, querem um pouco de paz e sossego. O tablet faz um verdadeiro papel de babá. Ninguém precisa se preocupar, pois o bebê está ali, entretido com o tablet... Enquanto isso, pais ficam no smartphone, em seu Facebook. É a receita para uma mudança infeliz no mecanismo de atenção das nossas crianças. Estou me referindo aos primeiros dois ou três anos da vida do bebê e da criança pequena.

Que impacto isso tem diretamente no desenvolvimento?

Os dispositivos digitais e todo aquele aparato não são necessariamente ruins. Eles foram criados com uma boa intenção, mas estão sendo usados do modo errado, como babás. As crianças precisam de interação humana. Alguns pais acham que não leem tão bem quanto muitos aplicativos – pode até ser verdade –, mas tenha certeza de que o bebê, a criança pequena, gosta da voz do pai e da mãe, gosta da ternura, de sentar no colo. Nenhum aplicativo digital envolve a criança nos braços e dá a afeição e o amor que queremos associar à leitura. A leitura é um dos apelos mais bonitos para nossos filhos, para ingressar no mundo da fantasia.

A leitura é um dos apelos mais bonitos para nossos filhos, para ingressar no mundo da fantasia



Existe uma forma de conseguir algum efeito positivo da tecnologia na educação infantil?

As pessoas acham que eu me oponho à tecnologia, no entanto não estão lendo nem escutando com atenção, porque eu não digo que a tecnologia faz mal. É só que não a estamos usando do modo certo. A tecnologia tem muito a oferecer, ela agrega, complementa o conhecimento. Ela permite, por exemplo, que crianças, sobretudo entre 5 e 10 anos, aprendam codificação e programação; há oportunidades ótimas em aplicativos para que as crianças desenvolvam as habilidades motoras, visuais e espaciais. O que eu proponho é usarmos a tecnologia com sabedoria e ensinarmos nossas crianças entre 5 e 10 anos sobre esses aspectos tão importantes capazes de prepará-las para este século e para desempenhar nosso papel nele. É por isso que penso que o que eu chamo de “cérebro leitor com duplo letramento” é a forma como eu sugiro que os pais e educadores

ao menos reflitam sobre a utilidade disso tudo. Pensando em termos do “cérebro leitor duplamente letrado”, que, portanto, combina duas competências, as crianças podem se dedicar à programação e à codificação, usando a mídia digital para complementar seu conhecimento, durante todo o período entre 5 e 10 anos, e, ao mesmo tempo, desenvolver a aprendizagem da leitura por meio de livros, de texto impresso. Lembre-se de que a criança está nos primeiros anos do estágio sensório-motor e em seguida passa para o de operações concretas, segundo estabeleceu Piaget. Ou seja: a criança explora tudo usando o corpo. O aspecto concreto dos livros, dos impressos, facilita muito o contato dela com o texto com maior efetividade. Hoje, nós dispomos de dados sobre isso, no tocante à criança pequena. Para fazer a avaliação, crianças ouviram uma mesma história. Algumas ouviram do pai ou da mãe. Outras ouviram uma versão gravada em áudio. E algumas assistiram em vídeo. Ou seja, três formas diferentes de a criança ouvir e receber a história: pais, ouvido, tela digital. E veja: as crianças que assistiram à versão em vídeo são as que menos desenvolveram as áreas relativas à linguagem, por conta da atenção passiva. A versão em áudio se saiu melhor, mas a superior foi a lida pelos pais ou um cuidador.

A criança explora
tudo usando o corpo.
O aspecto concreto
dos livros, dos
impressos, facilita
muito o contato com
o texto com maior
efetividade

Ou seja: nada substitui o contato direto.

Sim, o contato. A beleza intrínseca da interação humana. Isso a tela digital não consegue nos dar. Eu penso que as pessoas devem refletir com mais sabedoria. Eu sugiro que as crianças aprendam a ler usando livros, livros físicos, textos impressos, até por volta dos 10 anos de idade. Entretanto, dos 5 aos 10 anos, quero as crianças usando os aplicativos digitais, aprendendo a tirar o melhor proveito da tecnologia. E lá pelos 10, 11 ou 12 anos, quando as crianças já dominam o que chamo de “leitura profunda”, e já começando a refletir criticamente, os professores devem estar aptos a ensiná-las a aplicar essa mesma leitura profunda às telas; sabendo discernir quando fazer isso de modo mais sábio e quando a leitura profunda é dispensável. Logo, o que eu espero para as crianças é que elas compreendam tudo isso, de modo que tirem o máximo proveito da tecnologia, para complementar e treinar as diversas habilidades referentes à programação, tão relevantes. Mas volto a insistir que de 0 até 10 anos a aprendizagem da leitura deve se dar principalmente por livros e textos impressos.

Por quê? Qual a diferença entre uma criança que aprende a ler nos dias de hoje, no mundo digital, e aquela que aprendeu na década de 1980, por exemplo, nos livros físicos?

Veja, quando o cérebro constrói um circuito, como se trata de um circuito plástico, o circuito dos leitores passa a refletir o meio no qual se deu a leitura. Ou seja, os livros e textos impressos constituem uma forma mais lenta de processamento do circuito de leitura, e sabemos que em decorrência disso as crianças que estão aprendendo a ler por meio de livros terão o tipo de cérebro que você e eu desenvolvemos. Mas as crianças que atualmente leem exclusiva ou predominantemente em telas geram preocupação: não sabemos se elas vão desenvolver seus circuitos de leitura por completo, os mecanismos de leitura profunda por meio dos quais você e eu aprendemos a ler. Eu quero falar sobre “leitura profunda”, mas antes disso tenho algo a acrescentar à sua pergunta. Hoje sabemos que nas décadas de 1970 e 1980, que você mencionou, as crianças tinham o hábito de pegar um livro, um jornal, uma revista; 62% delas faziam isso diária ou semanalmente naquela época. Atualmente, esse número caiu para 12% a 14%. Ou seja, elas escolhem obras para ler, estão lendo em formato digital, mas não leem um livro, um jornal, uma revista, como no passado. E que implicações isso tem hoje? O problema de verdade é o grau mais profundo de compreensão das crianças, que irão se tornar cidadãos. Portanto, a pergunta passou a ser: “os leitores estão menos aptos a ler num nível mais profundo?”.

Uma das coisas mais tristes que tenho visto acontecer no mundo é nos tornarmos menos críticos analíticos e menos empáticos



Poderia explicar melhor o conceito de “leitura profunda”?

Nós conectamos o que sabemos, dentro da nossa base de conhecimento, com o que é novo. Isso pressupõe que tenhamos essa base de conhecimento. Contudo, algumas de nossas crianças confiam tanto em uma base de conhecimento externa que não estão consolidando esse repositório de conhecimento em seu interior; elas dependem de fonte externa. Esse é um primeiro aspecto. O segundo é que uma decorrência dessa analogia do processamento entre o que já se sabia e a nova informação é a produção de ideias, insights e inferências sobre aquele novo significado. Isso leva tempo. E a partir dessa inferência fazemos deduções, induções. É como se nos tornássemos leitores investigativos: o cérebro faz as vezes de detetive. Ele desperta todos esses processos inquisitivos para avaliar o significado do texto, se ele é verdadeiro ou falso, e o que isso representa para nós. Ou seja, o que estou dizendo é que, a partir da base de conhecimento, construímos uma plataforma com hipóteses, fazemos inferências e, por fim, desenvolvemos uma análise crítica sobre o que está lá. Dá para encurtar muito esses processos, com uma leitura superficial, e passando logo da informação para a conclusão, sem completar todos os processos da leitura profunda. Mas isso torna o leitor suscetível a informações falsas, às fake news.

As fake news, um grande problema mundial.

Fake news, falsos temores, falsas esperanças. É isso que muitos líderes políticos no mundo todo repetem sem parar, levando leitores e ouvintes a pensar: “Ah, eu já ouvi isso antes, então deve ser verdade”. Ao contrário, eles não estão usando seus processos de análise crítica. Bem, há uma segunda parte disso tudo que para

mim é igualmente perturbadora, que é a tendência de dar uma passada de olhos e não fazer de fato a leitura profunda. E isso é parte do que acontece no cérebro, que é aliar nosso intelecto e nossa empatia, nossos processos empáticos, nossa habilidade de compreender a perspectiva dos outros. Portanto, quando deixamos a empatia de lado, deixamos de aprender quem os outros são, como os outros se sentem. Esta é uma das coisas mais tristes que tenho visto acontecer no mundo, que é nos tornarmos menos críticos analíticos e menos empáticos. Não estamos aprendendo nem compreendendo a fundo como os outros se sentem. E é isso que a leitura faz lindamente.

Temos como comprovar isso?

Sim. Fizemos estudos com jovens adultos de 2002 a 2017. Eles só precisavam fazer uma coisa para demonstrar que a compreensão mudou: ler a mesma história em uma tela, ou num livro, e depois responder a um roteiro de compreensão. O resultado disso é que agora temos dados sobre mais de 871 mil jovens que atestam que sua compreensão foi melhor quando leram um texto impresso, um livro. Aí você pergunta “e com relação às crianças, os jovens adultos, que são mais propensos a ser entusiastas digitais?”. Meu colega, o pesquisador israelense Rakefet Ackerman, indagou e descobriu que as crianças acham que se saem melhor através da tela, porque são mais rápidas e leem mais rápido. E esse é o problema: estão lendo superficialmente e não estão desenvolvendo seu cérebro de leitura profunda.

Existe um tempo razoável em que a criança passe diante de uma tela digital sem ser prejudicada?

Ah, claro, mas aqui há uma questão. Depende de qual idade é a apropriada para cada criança. Algumas crianças com menos de 5 anos já conseguem usar a tecnologia digital de forma bastante positiva. E não se pode dizer que não deveriam fazer isso, mas devemos limitar o

tempo que a criança passa diante da tela, para menores de 5 e entre 5 e 10 anos, de modo que esse uso do dispositivo digital seja significativo. Para algumas crianças, por exemplo – grande parte do meu trabalho em ciência digital é com crianças com dislexia e crianças em fase de alfabetização –, não para todas, mas para algumas das nossas crianças com dislexia não há nada melhor do que o auxílio de uma tela digital que permita acelerar ou reduzir a exibição de acordo com o desempenho da aprendizagem; que permita alterar o tamanho da fonte; e que ofereça aplicativos específicos para aprender a ler. Como já disse, eu recomendo livros físicos para a maior parte das crianças de 0 a 10 anos com exceção daquelas com dislexia, com dificuldades, crianças não alfabetizadas que vivem em localidades onde não há professores. Parte do nosso trabalho inclui levar tablets com aplicativos de leitura para crianças sem professores em partes da África, Índia e até do interior dos Estados Unidos.

A senhora também é mãe. Como seus filhos se relacionam com o mundo digital?

[risos] Meus filhos já são adultos, jovens, e lindos. Meu primeiro filho hoje é artista, um artista ótimo, aliás, e é dislético. Meu outro filho trabalha – não vá rir – no Google! Quem poderia imaginar? [risos]. Portanto, você pode concluir que eu não posso me opor por completo a nada tecnológico. Eu não me oponho jamais à tecnologia: eu me oponho ao seu mau uso. ♡

MÁ QUIL de aprende NAS

NEUROCIENTISTA FALA DO DESENVOLVIMENTO DO CÉREBRO INFANTIL, DE SUA IMPRESSIONANTE CAPACIDADE DE APRENDER, DO EXCESSO DE ESTRESSE TÓXICO E DA IMPORTÂNCIA DE ENSINARMOS NOSSAS CRIANÇAS A DORMIR

por MARIANA SGARIONI

Você pode imaginar o que vai fazer hoje para jantar, para onde vai viajar no fim do ano ou ainda o que fará da vida daqui a 30 anos. Tudo sem sair da cadeira. Esse cérebro, que viaja no tempo como nenhum outro, nasce como um bloco de pedra a ser esculpido e, ao contrário do que se pode imaginar, precisa perder sinapses para aprender – e não ganhar novas. É o que diz o neurocientista Sidarta Ribeiro, professor titular de Neurociência, fundador e vice-diretor do Instituto do Cérebro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Autor de *O oráculo da noite – A história e a ciência do sonho* (Companhia das Letras), Sidarta afirma na entrevista a seguir que as crianças adquirem memória, precisam brincar para aprender e que dormir também é um aprendizado.



SIDARTA RIBEIRO
é professor titular de Neurociência, fundador e vice-diretor do Instituto do Cérebro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Fale um pouco sobre o cérebro de um bebê. Numa de suas aulas, você apresenta uma metáfora visual desse cérebro: uma praia aberta, quase vazia. Como ele nasce?

A gente nasce cheio de neurônios e esses neurônios têm muitas sinapses, fazem muitas conexões. Podemos pensar que o cérebro de um bebê é como se fosse um bloco de pedra que vai passar toda a vida sendo esculpido. O processo de aprendizado tem mais a ver com a perda de sinapses do que com a formação de novas sinapses. Claro que novas sinapses são formadas, e isso é importante, mas também é importante ir desbastando esse bloco de pedra para gerar uma forma específica, que é o cérebro que já tem um repertório. Então o bebê ao nascer tem pouquíssimas memórias. Elas não são só memórias que ele adquiriu no ambiente; são memórias filogenéticas, da espécie. O bebê nasce sabendo chorar, fazer cocô, xixi, dormir, se mexer e aprender. Com esse repertório básico de comportamentos inatos, ele enfrenta o mundo. Em contato com este mundo, vai formando suas memórias. A gente pode pensar que no início é como se fosse uma praia muito plana com poucos sulcos e, em cada sulco, fica uma dessas memórias inatas de que falei. À medida que a atividade elétrica vai passando, esses sulcos vão se formando, aque-

le panorama vai se erodindo e gerando vários caminhos para essas águas que são a metáfora da atividade elétrica. Quando chega no cérebro de um ancião, esta imagem fica como se eu fosse o Grand Canyon. A metáfora é um vale cheio de caminhos possíveis que na verdade dão a sensação de infinito. Quantas memórias uma pessoa pode ter? Muitas. Não infinitas, mas são muitas. Neste caso, temos repertório muito vasto de memórias, e uma certa dificuldade de aprender. Já o bebê tem poucas memórias e uma facilidade muito grande de aprender.

E como o bebê aprende?

Brincando, em contato com a realidade, por tentativa e erro, descobrindo aquilo que é agradável e o que é desagradável. Os mamíferos em geral vêm ao mundo muito imaturos. No ser humano isso chega a um extremo. Um bebê é completamente indefeso, não tem a menor chance de sobreviver numa floresta por muitos e muitos anos, no mundo natural. Tem aquela frase famosa do Tom Jobim que dizia: “Filho meu só crio até os 45 anos”. Porque é isso, somos muito imaturos ao nascer. Isso tem uma vantagem: o cérebro está disponível para o aprendizado por muitas décadas. Na verdade pela vida toda, mas, no início, o aprendizado é muito fácil e isso permite um acúmulo muito grande de memórias. É só a gente pensar no contraste entre um mamífero e um réptil, por exemplo. Um jacaré que acabou de nascer é um jacarezinho pronto. Se você colocar o dedo na boca dele, vai



morder. Portanto, ninguém vai cuidar muito dele, ele cuida de si mesmo. Já um mamífero jovem é indefeso. Mesmo o filhote de leão, de tigre, eles nascem sem nenhum tipo de poder físico. Isso é uma grande desvantagem, se a gente pensar que ele precisa de cuidado parental. Por muitos meses vai precisar do cuidado da mãe, em certos casos, e, em outros, do grupo social inteiro, como os lobos, por exemplo. E qual a vantagem? A vantagem é que ele pode aprender muitas coisas úteis num ambiente seguro, protegido.

Os bebês dormem muito. O que está acontecendo nesse cérebro durante o sono? Bebês sonham?

Há controvérsias porque é impossível ter certeza de que o bebê está ou não sonhando, já que ele não pode falar e relatar esse sonho. As mães e os pais têm certeza que sim. Observam aquele comportamento e percebem que aquilo é muito parecido com o comportamento que nós, adultos, temos quando estamos sonhando. O movimento rápido dos olhos, por exemplo. Já durante a gestação, na segunda metade, começa a surgir o que a gente chama de sono ativo, o sono em que o cérebro está bastante ativado. Este é o precursor do sono REM, que, por sua vez, é o estado em que a gente sonha mais vividamente, que ocupa boa parte da segunda metade da noite. Então o que a gente sabe e pode dizer com certeza é que os bebês têm muito sono e uma boa parte desse sono é REM. Esse sono é fundamental para a síntese de proteínas, para produção de sinapses, para produção de hormônios. Os bebês chegam a dormir por dois terços do tempo, num processo que é muito mais voltado para dentro do que para fora, no início. Mas essa é a construção do bloco de pedra de que falei antes. Depois, no contato com o mundo, é ele que vai sofrer o desgaste. Existem estudos em animais mostrando que, se os movimentos musculares que são inibidos durante o sono forem desinibidos por uma lesão cerebral experimental, os animais se comportam de acordo com a espécie. Ou seja: miam, atacam,

fogem, sugerindo que, em mamíferos como gatos, por exemplo, existe um conteúdo subjetivo, existe um sonho. É bem provável que isso esteja acontecendo com os bebês. E também é provável que esse sonho seja com seios, leite, ou seja, com o mundo dos bebês.

Dormir é algo que se aprende? Por que é tão difícil fazer uma criança pequena, um bebê pequeno, voltar a dormir depois que ele desperta?

O sono dos bebês é bem diferente do nosso. Ele é polifásico, ou seja, dorme e acorda ao longo do dia. Os bebês não estão acoplados ao ciclo claro/escuro, do dia e da noite. E claro que depende muito da personalidade da criança. Em alguns casos, você vai encontrar bebês que dormem tranquilamente a noite toda e, em outros casos, o contrário. Mas, sim, dormir é um aprendizado. Existe uma higiene do sono que permite que você possa passar oito horas inteiras dormindo apenas com microdespertares entre um ciclo completo e outro. Isso é um aprendizado, assim como aprendemos a utilizar o banheiro, a usar roupas e, eventualmente, até falar. Sim, a criança está aprendendo. Mas a gente também tem que pensar que existe o desaprendizado. Nós, adultos, e os adolescentes sobretudo hoje em dia estamos desaprendendo a dormir porque estamos com a noite totalmente invadida por dispositivos eletrônicos, conectados às redes sociais. Isso torna o sono muito difícil. Como uma pessoa vai dormir cedo se ela está sendo estimulada visualmente, através do sistema auditivo também? O tempo todo com novas informações, e ainda por cima com comprimento de onda, com luz azul, por exemplo, que impede a formação de melatonina. Melatonina é fundamental para que o corpo saiba em que momento ele deve começar a dormir. Então, se a pessoa fica assistindo a alguma coisa na internet esperando o sono chegar, o sono não vem. E quando finalmente chega a exaustão, no meio da madrugada, é justo no momento em que o corpo já está se preparando para acordar. A melatonina cai, o cortisol sobe. En-

tão, às vezes a pessoa quer dormir às 4 horas, 5 horas da manhã. Ela está literalmente remando contra a maré: tentando dormir quando seu corpo está tentando acordar.

Qual o papel do cortisol no cérebro infantil?

O cortisol é o hormônio do estresse, fundamental. Não devemos falar se o estresse é bom ou ruim, e sim na quantidade de estresse. Uma pessoa que não tem estresse nenhum não tem adrenalina, não tem noradrenalina, nem cortisol no sistema. Ela não aprende nada. Se você for aumentando o estresse, ela começa a ficar com a capacidade de aprendizado maior, maior, até o máximo, no nível ótimo, ideal. Depois disso, se você continuar aumentando o estresse, vai haver o contrário: zerar o aprendizado. Isso chama-se lei de Yerkes-Dodson, algo conhecido há cem anos. Isso vale para gente, para mosca, para abelha.

Esse é um ponto importante. A Sociedade Brasileira de Pediatria tem discutido nos últimos anos os três tipos de estresse infantil: o positivo, o tolerável e o tóxico.

Exatamente. As crianças estão com excesso de estresse tóxico. Dá para a gente ligar um pouco ao excesso de uso de telas, por exemplo? Sim. O excesso de atividades, pouco tempo para brincar. Acho que a gente está num momento de grande experimento da humanidade que não foi desenhado. Ninguém planejou fazer isso. Nos últimos 20 anos, o planeta inteiro embarcou em ter uma máquina, um computador poderosíssimo no bolso que nos conecta com o mundo e com um monte de gente: o celular. Isso é mais poderoso que o mais poderoso computador da Nasa no final dos anos 1960, e quase todo mundo tem um. Isso faz com que a gente nunca esteja sozinho, o tempo do ócio praticamente não existe mais. A pessoa está diante de uma cena maravilhosa, um lugar muito lindo, e ela está olhando a tela do celular. No máximo, está tirando uma foto daquela cena para botar no Instagram. Eu acho que isso é um problema grave: as pessoas estão realmente dependentes

As crianças estão imersas no mundo virtual, que dá a elas uma sensação de poder

de telas e isso atinge os jovens de uma maneira brutal. Nós somos o que eu chamo de ciborgue da primeira geração. No caso das crianças, são ciborgues da segunda geração, porque já nasceram no mundo das telas, então naturalizam isso. É totalmente normal para uma criança hoje em dia. Se você deixar, ela vai passar o dia inteiro na frente da tela. As crianças estão perdendo o contato com o mundo real e estão imersas no mundo virtual, que dá a elas uma sensação de poder. Um poder que não é real porque, se você pedir para a criança ir à padaria trazer pão e leite, ela não sabe o caminho. A gente também fica inseguro e não quer que ela faça isso porque não vai dar conta. Então cria, na verdade, uma cultura de virtualização das interações.

Estamos criando uma geração menos adaptada ao meio? Ou a gente vai transformar esse meio?

Eu acho que a gente está num ponto de inflexão. A civilização nunca teve tanta capacidade de transformação. Se as 50 pessoas mais ricas do planeta resolvessem parar de acumular e agir para distribuir e educar, rapidamente o planeta tomava jeito. Então, nesse sentido, é um momento muito positivo porque estamos muito perto de uma transformação ampla, já que existem meios tecnológicos para isso. Por outro lado, vemos também o risco de acontecer exatamente o contrário, que as pessoas mais ricas acumulem ainda mais riqueza, que dependam

ainda mais de robôs e inteligência artificial para realizar suas ações no mundo. E daqui a pouco os robôs vão ter todos os empregos e as pessoas vão estar aí virando lata de lixo para comer. Esses dois futuros, a distopia e a utopia, estão à nossa disposição neste momento. Agora.

Há estudos mostrando que uma longa exposição às telas faz com que haja maior liberação de dopamina no cérebro. Você pode falar um pouco da dopamina para crianças?

A dopamina é um neurotransmissor muito importante no cérebro, para o movimento e para a motivação do movimento. Ou seja, a dopamina configura aquilo que a gente chama de sistema de recompensa e punição do cérebro. Quando você busca alguma coisa desejada, ou evita alguma coisa indesejada, a dopamina está envolvida nessa sinalização. E, quando a gente consegue uma recompensa, a dopamina reforça os circuitos neurais que levaram à obtenção desta recompensa. Então cria-se ali um caminho preferencial para a atividade elétrica, que vai fazer com que aquele comportamento seja repetido. E a gente tem liberação de dopamina com tudo o que nos dá prazer. Quando a gente vai a um jogo de fute-

bol, quando a gente vai encontrar um amigo querido, quando a gente vai ver um filme bacana, a gente está tendo muita liberação de dopamina. As telas oferecem isso em grande quantidade. Os videogames oferecem isso em grande quantidade. A cocaína oferece isso. Então uma pessoa que passa oito horas, dez horas por dia na frente de uma tela está tendo um comportamento de adição, de dependência, muito semelhante a um cocainômano. E isso acontece com as crianças também.

Você conta logo no início do seu livro os sonhos de uma criança de 5 anos. O que acontece nessa fase entre 5 e 7 anos?

É um momento muito importante, que coincide com a alfabetização e com o amadurecimento de inferência da mente dos outros. O nome técnico é teoria da mente. Uma criança de 3 anos não tem a clareza de que a mente do pai, da mãe, irmãos é diferente da mente dela própria. Então ela não consegue mentir porque acha que o que ela sabe as outras pessoas também sabem. Quando chega em torno de 5, 6, 7 anos, ela começa a perceber que outras pessoas têm uma mente semelhante à dela, ou seja, pode ter raiva, alegria, emoções, mas não é a mente dela. Essa é a base de um sistema que vai levar à empatia, ao trabalho em grupo, à cooperação, mas também à competição. Entre 5 e 7 anos, o domínio da linguagem se estabelece, a criança aprende a ler e escrever e os sonhos começam a se tornar mais complexos, envolvendo mais personagens, situações sociais mais complexas. Só na adolescência que vão começar a aparecer relações sociais, que ainda não são bem mapeadas. E aí aparece muito o papel do sono como um simulador de situações possíveis.

No seu livro, você afirma que sonhar e imaginar são processos semelhantes. A gente sabe que as crianças constroem a realidade a partir da imaginação. E assim elas crescem. Como funciona esse processo?

No livro eu faço a conjectura de que a nossa capacidade de imaginar, que é basicamente utilizar a memória do passado para poder imaginar o futuro, vem de uma intromissão do sonho na vigília. Então o sonho é a origem dessa capacidade. A gente faz isso durante o sonho *offline*, ou seja, a gente faz isso sem contato com o mundo exterior, com quase todos os músculos desligados, inativados. Quando a gente está em vigília, consegue fazer também esse movimento no tempo e no espaço mental. É o que chamamos de imaginação. Que nada mais é do que um sonho acordado, um devaneio. A imaginação é um tipo de sonho que não envolve movimento muscular. Eu sou capaz de imaginar que estou jogando capoeira, fiz uma armada, fiz uma meia-lua de compasso, me esquivei, mas meu corpo não fez nada disso. Então isso está acontecendo na parte do cérebro que não tem acesso aos músculos. Isso é muito importante, não é trivial. Se você pedir para um engenheiro fazer uma máquina que seja capaz de imaginar um monte de coisas, sem que isso vire uma saída motora, sem que vire um comportamento, ele vai ter que fazer uma série de mecanismos para impedir o contato entre essas coisas. Mas e se você quiser fazer um movimento? É tão fácil a gente desinibir o que está inibido. Isso não seria trivial numa máquina, mas o cérebro não é uma máquina desenhada por um engenheiro. É uma construção da evolução, que foi muito lenta, ao longo de centenas de milhões de anos, no caso da linhagem dos mamíferos, e que permite que a gente faça viagens em qualquer escala de tempo. Você é capaz de imaginar o que vai fazer hoje para jantar, o que vai fazer no final do ano, o que vai fazer daqui a 30 anos. Tudo sem se mexer, sem sair da cadeira. Isso é muito útil, isso foi muito útil para nossa espécie. Foi essa capacidade de imaginar o futuro com base nas memórias do passado que tirou a gente das cavernas e nos trouxe para o século 21.

VEJA MAIS

em app.cadernosglobo.com.br

Nas crianças pequenas, essa capacidade de viajar no tempo ainda é limitada. Para medir o tempo, muitas usam o número de vezes que dormem e acordam...

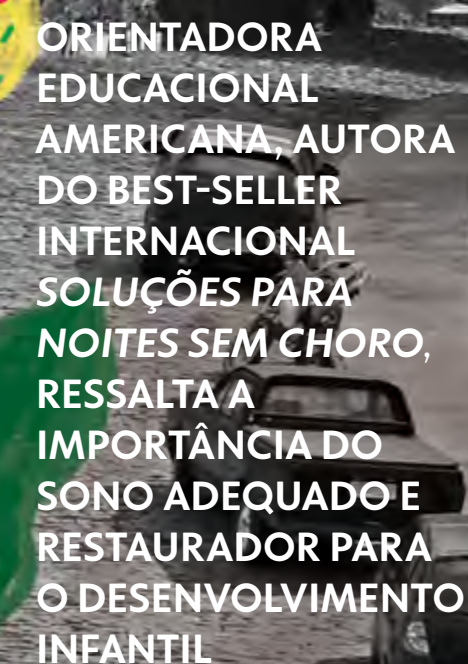
Sim. A gente poderia dizer que a unidade natural de contagem de tempo é o ciclo dia e noite. Então isso faz todo sentido porque a criança pergunta quantas vezes precisa dormir para poder chegar o dia do aniversário ou o Natal. Esse período, entre 5 e 7 anos, é de muita transformação. Não por acaso, é o período da alfabetização. A alfabetização permite a construção de narrativas longas. A narrativa das crianças que não são alfabetizadas tipicamente tem uma estrutura bastante curta, com um tema apenas. Quando esgota aquele tema, muda de assunto. Já uma criança alfabetizada consegue contar uma história que vai muito mais longe na mesma narrativa, no mesmo tema, até que ela fecha um ciclo e vai para outro. Tudo isso tem a ver com o conceito de viagem no tempo e espaço. A criança pequena não tem uma boa ideia do seu espaço, não sabe se locomover, ir até a padaria e voltar. Da mesma forma, ela não sabe o que significa ontem ou o que é amanhã. Ela tem uma grande dificuldade de lidar com alguma coisa que vá além do horizonte desse dia, o que vai acontecer quando for dormir nessa noite. À medida que ela vai amadurecendo, isso tem a ver também com um desbaste, uma poda sináptica que vai diminuindo conexões, vai dando mais especificidade para essas memórias, ela vai conseguindo dizer que hoje é segunda-feira, amanhã, terça-feira, depois é quarta-feira. Começa a criar esse tempo que é um tempo de calendário, que não é só o tempo existencial, é o tempo do presente. ♥

Imaginação nada mais é do que um devaneio, um tipo de sonho acordado que não envolve movimento muscular



para embalar o

sono



**ORIENTADORA
EDUCACIONAL
AMERICANA, AUTORA
DO BEST-SELLER
INTERNACIONAL
SOLUÇÕES PARA
NOITES SEM CHORO,
RESSALTA A
IMPORTÂNCIA DO
SONO ADEQUADO E
RESTAURADOR PARA
O DESENVOLVIMENTO
INFANTIL**

tradução de **ELENICE ARAUJO**

ELIZABETH PANTLEY

é autora de diversos livros sobre cuidado com bebês, entre eles *Soluções para noites sem choro* (MBooks, 2009) – e mãe de quatro filhos

A falta de sono da criança afeta a todos na família, todos os minutos de todo dia, e suas consequências vão muito além do cansaço. O sono influencia quase tudo – a falta de energia (letargia), as crises de temperamento (birra), a hiperatividade, o crescimento, a saúde e a aprendizagem. Um sono adequado e restaurador é essencial para a saúde mental e física e o desenvolvimento social infantil. Ele beneficia a criança de diversas formas:

Reduz a manha, a birra e a irritação durante o dia

Uma boa noite de sono e uma sesta no meio do dia permitem que o corpo da criança libere cortisol e outros hormônios que combatem o estresse e a tensão. Crianças que dormem pouco têm dificuldade para controlar as emoções.

Beneficia a cognição

Crianças que têm um sono adequado passam a maior parte de seu tempo acordadas, relaxadas e em estado de alerta. Elas aprendem mais, desfrutam melhor dos momentos, dando mais oportunidade para os pais interagirem com elas, criarem laços e ensinarem-nas.

Melhora o humor da criança

A criança fica mais feliz depois de uma soneca no meio do dia. A sesta normalmente equilibra o estado de espírito da criança ao longo do dia, eliminando os picos de frustração, as alterações de humor e a irritação.

Estimula o desenvolvimento cerebral

O sono adequado é essencial para o bom desenvolvimento do cérebro. Ele tem um papel importante na aprendizagem, ajudando a converter as informações novas em memória permanente. Além disso, uma quantidade suficiente de sono auxilia o cérebro jovem a desenvolver a capacidade de abstração mais sofisticada.

Amplia o espectro de atenção

Crianças que dormem bem à noite e fazem a sesta todo dia apresentam um espectro de atenção mais longo e retêm melhor as novas informações. Por outro lado, as crianças que dormem pouco estão mais propensas à fadiga e à falta de concentração.

Assegura o crescimento e o desenvolvimento adequados

O hormônio do crescimento é liberado durante o sono profundo, e as crianças que dormem bem tiram proveito do crescimento proporcionado por ele. O relaxamento durante o sono oferece ainda um efeito reparador e rejuvenescedor para o organismo da criança e garante a energia necessária para o crescimento considerável e os picos de desenvolvimento que ocorrem na infância.

Garante uma pausa oportuna aos cuidadores

Não importa o tamanho do amor que sentem por eles: os adultos precisam tanto do sono dos pequenos quanto as crianças precisam dormir. Esse é um momento para eles recarregarem as baterias, zelarem por si mesmos ou cuidarem das tarefas que não conseguem desempenhar enquanto tomam conta da criança. A pausa reduz o estresse do adulto, garantindo mais disposição para se dedicar à criança quando ela acordar. Um sono adequado deixa a família toda mais feliz.



Conversa ao pé do ouvido

Oito sugestões para melhorar o sono do bebê – e, consequentemente, de seus cuidadores

Autora norte-americana selecionou valiosas sugestões para crianças de todas as idades. No Brasil, temos cenários e contextos sociais diversos – entretanto, é possível adaptar estas dicas de acordo com a realidade de cada família. Tratam-se de ideias que podem beneficiar não apenas o sono, mas o humor durante o dia, a saúde e a cognição.

3. GARANTA QUE A CRIANÇA VÁ DORMIR CANSADA

Tire proveito da fisiologia infantil para que as crianças estejam cansadas na hora de dormir. A escuridão desencadeia um aumento na liberação da melatonina, o hormônio do sono – o botão “pare” biológico. Diminuir a intensidade das luzes na hora que antecede a ida para a cama é uma forma de associar o sono da criança com a hora de dormir.

6. PROVIDENCIE A NUTRIÇÃO ADEQUADA

A alimentação afeta diretamente o sono. Os carboidratos surtem um efeito calmante no organismo, já os alimentos ricos em proteínas e açúcares estimulam o estado de alerta. A deficiência vitamínica decorrente de uma alimentação inadequada também pode prejudicar o sono da criança. Ofereça uma dieta variada para seu filho/a para garantir boa saúde e um sono recuperador.

1. ADOTE UM HORÁRIO FIXO PARA IR DORMIR E ACORDAR

O relógio biológico da criança influencia largamente o despertar e o adormecer. Ao estabelecer a hora de ir para cama e de levantar, você ajusta o relógio biológico da criança, que passa a funcionar regularmente. Dormir cedo é o ideal. A maioria das crianças dorme *melhor e por mais tempo* quando vai para cama mais cedo.

4. ESTABELEÇA UMA ROTINA PARA IR PARA CAMA

Rotinas geram segurança. Uma rotina consistente e tranquila para a hora de ir se deitar facilita a transição entre a agitação do dia e o estado de tranquilidade do sono. Siga um ritual para reforçar essa rotina: banho, pijama, escovar os dentes. Isso ajuda a relaxar no momento em que o cansaço e a falta de criatividade batem.

7. AJUDE A CRIANÇA A FICAR EM FORMA E BEM CONDICIONADA

Boa parte das crianças não apresenta uma atividade física satisfatória, o que compromete o sono. As crianças que se exercitam bastante adormecem mais rápido, dormem melhor, têm o sono prolongado e acordam com mais disposição. No entanto, evite as atividades na hora que antecede a ida para cama, pois os exercícios têm efeito estimulante.

2. ESTIMULE O HÁBITO DE TIRAR UM COCHILLO DURANTE O DIA

Dormir de dia é importante na primeira infância. Uma criança cheia de energia pode ter dificuldade para passar bem o dia sem uma pausa para descansar. Ela vai acordar mais disposta e alegre e se tornar mais agitada e hiperalerta, conforme o dia passa. Além disso, o cochilo repercute no sono – um belo cochilo é sinônimo de uma bela noite de sono.

5. CRIE UM AMBIENTE QUE PROPICIE O SONO

O local onde a criança dorme é decisivo para a qualidade do sono. Cuide para que o colchão e o pijama sejam confortáveis; a coberta, aconchegante; a temperatura do quarto, agradável; e o quarto, convidativo.

8. ENSINE A CRIANÇA A RELAXAR

Muitas crianças vão para cama, mas demoram a dormir. Um ritual relaxante antes de se deitar pode estimular o sono. Uma boa rotina deve incluir uma pausa para ouvir uma história. Enquanto os pais leem ou narram o enredo, a criança permanece em repouso, atenta. Esse momento de relaxamento também estimula o sono.

alimento de primeira

PESQUISAS COMPROVAM A EFICÁCIA DA AMAMENTAÇÃO NA REDUÇÃO DE MORTALIDADE INFANTIL, NA PREVENÇÃO DE DOENÇAS E NO DESENVOLVIMENTO SAUDÁVEL

MÁRCIA MARIA TAVARES MACHADO

é PhD, professora e pesquisadora da Universidade Federal do Ceará (UFC)

Quando pensamos em alimento adequado para um bebê, nos vem à mente o leite materno, aquele que conta com todas as propriedades nutricionais, imunológicas, proteicas, afetivas, permeadas de aconchego, para propiciar o crescimento e o desenvolvimento saudável das crianças.

São muitas as evidências científicas que apoiam o uso do leite materno.^{1,2} No entanto, relatórios do Unicef revelam que no mundo apenas 43% dos bebês com menos de 6 meses de idade são amamentados exclusivamente.

No contexto mundial, o aumento das doenças cardiovasculares e dos agravos não transmissíveis tem impulsionado a inquietude entre os tomadores de decisões quanto ao paradoxo entre a desnutrição e a obesidade. Estamos diante de um novo padrão epidemiológico do Brasil, onde as dimensões de escassez de alimentos, impactando a desnutrição, e o excesso de alimentos não saudáveis, repercutindo para o aumento do sobrepeso e obesidade infantil, se apresentam como evidências concretas na vida contemporânea.

No Brasil, o número médio de filhos por mulher em idade reprodutiva

- 1 J. M. F. Gomes et al. Amamentação no Brasil: discurso científico, programas e políticas no século XX. In: S. D. Prado et al. (Org.). Estudos socioculturais em alimentação e saúde: saberes em rede. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2016. v. 5, p. 475-491.
- 2 C. G. Victora et al. Breastfeeding in the 21st century: epidemiology, mechanisms, and lifelong effect. *The Lancet*, v. 387, n. 10017, 2016, p. 475-490.



A amamentação exclusiva nos seis primeiros meses de vida reduz mortes de crianças nessa faixa etária

3 Brasil, Ministério da Saúde (MS). Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher – PNDS 2006: dimensões do processo reprodutivo e da saúde da criança. Brasília: MS, 2009.

4 J. F. Costa. Adultos e crianças. In: *Ordem médica e norma familiar*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989. p. 153–214.

5 S. M. T. Ichisato; A. K. K. Shimo. Revisitando o desmame precoce através de recortes da história. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 10, n. 4, p. 578–585, jul.-ago. 2002.

6 M. F. Rea. Reflexões sobre a amamentação no Brasil. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 19 (supl. 1), 2003, p. 37–45.

7 J. Almeida. Amamentação: um híbrido natureza-cultura. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 1998, v. 6, p. 71–75.

8 A. A. M. Silva. *Amamentação: fardo ou desejo? Estudo histórico social dos deveres e práticas sobre aleitamento na sociedade brasileira*. [dissertação]. Ribeirão Preto (SP): Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto/USP; 1990.

passou de 6,3 em 1940 para 1,8 em 2012. Por outro lado, a taxa de mortalidade infantil no primeiro ano de vida se reduziu de 124 óbitos para cada mil nascidos vivos em 1960 para 16 em 2010 e alcançou o objetivo do milênio antes do tempo previsto, em 2015.³

Na comparação entre pesquisas nacionais de 1970, 1980 e 1990, também se observou o declínio da desnutrição, com redução de 72% do déficit de estatura em crianças. As maiores variações ocorreram na zona urbana em relação à rural, e as diferenças do campo em relação à cidade aumentaram, ao longo dos três períodos, em cerca de 50% (40,5% e 26,6%), 80% (22,7% e 12,5%) e 145% (18,9% e 7,7%), respectivamente, o que caracteriza a desnutrição como produto da desigualdade. Por outro lado, o excesso de peso entre meninos e meninas de 5 a 9 anos aumentou de 13,8% para 19,1% e de 10,4% para 14,3%, respectivamente.³

Sabe-se que a estratégia da amamentação exclusiva nos seis primeiros meses de vida, adotada em larga escala, alcança elevado impacto para a redução das mortes de crianças nessa faixa etária.

Entretanto, nem sempre é possível para todas as mulheres alcançar o êxito de amamentar seus filhos, seja em decorrência de problemas na mama puerperal, da falta de apoio dos profissionais de saúde e de familiares, bem como de mitos e tabus que foram sedimentados histórica e socialmente. A incorporação do conceito de “leite fraco, pouco leite”, introduzida pela indústria de fórmulas infantis por meio do marketing evidenciado por décadas, fez com que muitas mulheres descreditassem do seu potencial para oferecer o leite materno exclusivo.^{4,5,6}

A prática do aleitamento materno estava em declínio nas primeiras décadas do século 20, quando começava a comercialização do leite em pó adaptado para bebês, com um contínuo marketing e propaganda para desacreditar o leite materno. Essa influência da indústria ocorreu de forma tão profunda que foi possível observar a mudança do comportamento em algumas comunidades, no mundo inteiro, nesse período.

As práticas adotadas nas maternidades, que ofereciam fórmulas infantis gratuitamente, a separação das mães de seus filhos logo

após o parto (especialmente no turno noturno), a prescrição pediátrica de leite artificial às crianças, para estimulá-las a se adaptar a outra forma de alimento precocemente e “engordar mais rapidamente”, entre outras, fizeram com que as famílias passassem a acreditar mais nos efeitos imediatos e ditos “modernos”, transformando e impactando a prática da amamentação.

Como consequência desse momento histórico de desmame precoce, durante décadas, no Brasil, foi possível perceber, pelos indicadores da saúde materno-infantil, que milhões de crianças morreram ou adoeceram, revelando-se uma situação que beirava a calamidade pública, sem que durante anos medidas fossem adotadas para minimizar ou reverter esse quadro. Além disso, um discurso reducionista apontava e cobrava a responsabilidade pela amamentação como de exclusividade e obrigação da mulher, gerando em muitas delas a culpabilização e a responsabilização por qualquer complicação que ocorresse com seu filho.^{7,8}

De forma sucinta, iremos percorrer um pouco dessa história até chegar aos dias atuais, em que podemos avaliar, no percurso caminhado, que muitas mudanças ocorreram, mas que não podemos “adormecer e esquecer” muitas conquistas que transformaram o perfil nutricional das crianças brasileiras.

Relembrando a história da amamentação

A espécie humana considerou a alimentação ao seio como a forma natural e quase que totalmente exclusiva nos primeiros meses de vida das crianças.⁹ A construção da história da criança foi se moldando e se transformando ao longo dos anos, havendo durante séculos a associação de um ser totalmente dependente. Só se compreendia e aceitava “o fim do período da infância” quando a criança apresentava reduzidos os seus graus de dependência. O sentimento de indiferença às crianças era decorrente do fato de haver a possibilidade de perdê-las precocemente, já que era elevada a mortalidade infantil.

Historiadores^{4,8,10} relatam que no século 18 as mulheres ricas e aristocráticas da sociedade europeia não admiravam a prática da amamentação, tendo sido muito frequente a utilização de amas de leite remuneradas, reconhecidas por uma função mais biológica que afetiva. Essas amas de leite seguiam regras durante o ato de amamentar as crianças, para evitar que houvesse a formação de vínculo durante o período de contato próximo; elas não poderiam manter relações sexuais, para não “contaminar o leite”, entre outras práticas regulatórias. Até por volta do vigésimo mês de vida, quando ocorria o desmame, muitas crianças permaneciam na casa das amas, longe dos pais.

Esses acontecimentos nos parecem impensáveis ao imaginarmos as repercussões que esse desligamento poderia ocasionar às crianças e suas amas, bem como o contexto

de ruptura e a falta de vínculos entre os pais e os filhos.

As crianças que não eram amamentadas morriam em decorrência do desmame precoce, sendo verificado, naquele século, aumento na mortalidade infantil, que alcançou em Paris e Londres o índice de 80% e 56% de mortes, respectivamente, antes de elas completarem o primeiro ano de vida. Algumas experiências para reverter o quadro foram adotadas na Inglaterra, quando Cadogan instituiu alguns cuidados na alimentação das crianças com amas de leite e a introdução mais tardia de alimentos complementares, salvando milhares de vidas.⁴

9 B. L. Horta; C. Loret de Mola; C. G. Victora. Breastfeeding and intelligence: a systematic review and meta-analysis. *Acta Paediatrica*, v. 104 (supl. 467), 2015, p. 14–19.

10 E. Badinter. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

11 M. F. REA. Os benefícios da amamentação para a saúde da mulher. *Jornal de Pediatria*, Porto Alegre, v. 80, n. 5, 2004.

12 WHO. International code of marketing of breast-milk substitutes. Genebra: World Health Organization, 1981.

A ciência evidencia, no final do século 20, que a mulher participava do processo de reprodução, não sendo apenas um “repositório de sêmen”, como se imaginava séculos antes. Novos desafios passaram a pertencer ao imaginário social quando cobranças para um duplo papel, ser mãe e mulher, foram evidenciadas. A representação feminina é difundida por uma aura de sacralidade: quando do nascimento de uma criança, a mãe deveria dedicar-se e dedicar-se totalmente a ela.⁸ Isso mostrou, ao longo da formação da sociedade, sobretudo a capitalista, que “ser mãe” mantém correspondência com o instinto, como algo inerente a todo ser feminino, cuja manifestação só estaria completa se o ciclo culturalmente imposto à mulher se fechasse: crescer, casar, ser mãe e morrer.

Desse breve recorte da história da alimentação e do comportamento entre mães e filhos (que foi se delineando durante séculos), pode-se perceber que tanto a amamentação quanto a forma de introdução alimentar das crianças constituíram-se, além dos fatores biológicos, como modelos socio-culturalmente condicionados. Daí podemos compreender como muitas práticas adotadas, até nos dias atuais, foram construídas a partir de práticas introduzidas na vida de famílias. Elas foram aceitas, em sua maioria, como inerentes à condição feminina, impregnadas ideologicamente e resultantes de condições concretas da vida.⁷

Na década de 1970, no Brasil o índice de aleitamento materno era muito baixo e algumas estratégias não éticas de distribuição de fórmulas infantis, de forma gratuita em maternidades, eram utilizadas, favorecendo o uso precoce do leite artificial e de mamadeira, inibindo a sucção do bebê e colocando em dúvida o potencial da mãe em produzir leite suficiente para o filho. Em 1979, foi assinada a declaração conjunta (OMS/Unicef) que propôs a valorização do aleitamento materno.¹¹

No entanto, muitas reportagens e propagandas evidenciavam a ideia da praticidade do uso do leite em pó, trazendo a possibilidade de a mãe controlar a alimentação do filho, tendo como grande aliada a prescrição feita pelos pediatras da época. Essa forte ênfase no uso do leite artificial podia ser aprendida nas salas de aula, nos cursos da área de saúde, onde parte do conteúdo da formação de futuros médicos, nutricionistas e enfermeiros tinha como contexto o preparado da mamadeira e a escolha do leite artificial a ser indicado às mães, pois este “era mais similar com o leite materno”.^{6,11}

Durante a década de 1980, todo um movimento pró-amamentação foi sendo implementado no Brasil, com a disseminação de diversos trabalhos e intervenções bem estruturadas, multidisciplinares e intersetoriais, e bem coordenadas, que passaram a ampliar a adesão ao aleitamento materno exclusivo.⁹

O apoio de uma rede de suporte é necessário para que se respeite o desejo da mulher de amamentar ou não

Nesse período, estudos baseados em evidências científicas asseguravam as vantagens da amamentação para a saúde na infância, como também os benefícios que se refletiriam na saúde adulta e na prevenção de doenças cardiovasculares, cânceres, diabetes e obesidade e as vantagens para o bem-estar das mães que amamentavam.

Introduzindo a temática para as relações mais afetivas, foi-se ampliando o olhar para as relações de proximidade entre pais e filhos, tendo como marco inicial o contato mais precoce após o parto, o alojamento conjunto, onde a mãe permaneceria com o filho 24 horas, maior humanização na assistência aos prematuros – inclusive com a implantação do método canguru e de bancos de leite humano, revolucionando o trabalho de apoio a mulheres que permaneciam longe do filho por meses, mas sendo estimuladas a armazenar e pasteurizar o leite, até o momento em que pudessem oferecer o peito diretamente ao filho prematuro.

Em 1981, foi aprovado por 118 países o Código Internacional de Substitutos do Leite Materno, e em 1991 foi assinado o acordo firmado pela Associação de Fabricantes de Alimentos Infantis para cessar a dis-

tribuição gratuita de leites artificiais aos serviços de saúde, a baixo custo.⁶

Em 1990, o Brasil assinou a Declaração de Innocenti, em Florença, Itália, pela qual assumiu o compromisso de fortalecer a promoção da amamentação no país. Já na reunião de Cúpula Mundial, em Nova York, também em 1990, o país assumiu o compromisso de reduzir a mortalidade infantil. Ao mesmo tempo, autoridades da OMS e do Unicef lançaram um documento que se pode reputar como fundamental nos dias de hoje: a Declaração Conjunta sobre o Papel dos Serviços de Saúde e Maternidades, na qual se mencionam dez ações relacionadas a incentivar o aleitamento materno, com o resumo do que as maternidades deveriam fazer – os chamados dez passos para o sucesso do aleitamento materno.^{6,11,12}

Ao longo dessas últimas décadas, houve uma extrema valorização do aleitamento materno, e o Bra-

sil foi capaz de reverter a situação, antes reveladora de descaso pela nutrição infantil (quando tínhamos dados alarmantes de desnutrição), para a melhoria desse indicador.²

Vale ressaltar que o aleitamento materno não deve ser visto como responsabilidade exclusiva da mulher. O apoio de uma rede de suporte à lactante, fortalecida por profissionais da saúde bem treinados, diante dos fracassos da amamentação é necessário para que se respeite o desejo da mulher de amamentar ou não o seu filho. Deve-se levar em conta, também, a opção das mulheres por não amamentar, em face do contexto de valorização da autonomia e do direito de escolha.

Desconstruir diversos valores e significados construídos historicamente é tarefa complexa e demorada, necessitando de escuta atenta, respeitosa, porque são valores que hoje não são aceitos, mas que fizeram parte da vida de outrora.

As estratégias de promoção da amamentação comumente praticadas estão impregnadas de reducionismo biológico, marcado pela incapacidade de se lidar com a ambivalência que se estabelece, para a mulher, entre querer e poder amamentar.⁷

13 D. M. Fergusson; L. J. Woodward. Breast feeding and later psychosocial adjustment. *Paediatric and Perinatal Epidemiology*, v. 13, n. 2, p. 144-157, 1999.

14 M. A. Crawford. The role of essential fatty-acids in neural development: implications for perinatal nutrition. *American Journal of Clinical Nutrition*, v. 57, n. 3, 1993.

As expressivas taxas de aleitamento materno no Brasil, conquistadas desde a década de 1980, se devem ao fato de a Política Nacional de Aleitamento Materno possuir diversas ações que apoiam, promovem e protegem a amamentação. Diversas políticas de apoio à mulher trabalhadora, à inserção do pai para estar junto desde a gravidez de sua companheira, à ampliação da licença-maternidade e da licença-paternidade, entre outras iniciativas, foram capazes de favorecer a ampliação da amamentação exclusiva.⁸ Não podemos esquecer que todas essas iniciativas não favoreceram somente a formulação mais ampliada dos vínculos maternos e paternos, mas também a economia brasileira. Crianças que mamam mais adoeçam menos e são mais saudáveis.

A ampliação e a qualificação dos serviços de saúde e a cobertura da atenção à saúde desde a gestação e em todo o período da primeira infância devem ser uma garantia do Estado para melhorar os indicadores nutricionais, possibilitando a erradicação da desnutrição infantil em grupos populacionais específicos. Desenvolver políticas de proteção para uma alimentação saudável é interromper o ciclo intergeracional de desnutrição e da pobreza.

Durante o ato de amamentar, a mãe promove segurança e acolhimento

Amamentação e desenvolvimento infantil

Durante o ato de amamentar, a mãe oferece não somente um alimento, mas, no contato de proximidade do bebê ao colo, promove segurança e acolhimento. Quando em contato olho a olho, no afago do filho no colo, este começa a entender, por meio de diversos sinais transmitidos pela mãe, que está sendo amparado. E essa sensação de segurança traz reflexões positivas para a criança ao longo de todo o seu desenvolvimento.

Estudos^{15,13} revelam que o aleitamento materno está associado ao melhor desenvolvimento do sistema nervoso central, como vem sendo demonstrado pela melhor acuidade visual de crianças amamentadas ao seio, em relação às crianças alimentadas com leite em pó. Em segundo lugar, as propriedades biológicas e as diferenças na interação mãe-bebê durante o processo de amamentação podem levar a melhores resultados relacionados ao desenvolvimento motor e intelectual. O leite humano contém compostos bioativos que normalmente não estão presentes no leite em pó e são essenciais para o desenvolvimento máximo do sistema nervoso central.

Estudo realizado em Pelotas (RS),⁸ por 30 anos, acompanhou um grupo de 3,5 mil pessoas desde o nascimento. Os resultados evidenciaram que bebês amamentados por mais tempo mostraram níveis mais altos de inteligência, escolaridade e até renda financeira na fase adulta. Isso ocorre pela presença de ácidos graxos saturados no leite materno, que são essenciais para o desenvolvimento do cérebro. No entanto, estudos^{5,13} que analisam os efeitos psicossociais do aleitamento materno a longo prazo apontam resultados variáveis: alguns sugerem benefícios psicossociais limitados e outros são inconclusivos. Não há evidências que possam sugerir que bebês amamentados tenham menor risco de desenvolver problemas comportamentais ou de saúde mental no futuro.

15 D. L. Drane; J. A. Logemann. A critical evaluation of the evidence on the association between type of infant feeding and cognitive development. *Paediatric and Perinatal Epidemiology*, n. 14, p. 349-356, 2000.

16 J. Golding; I. S. Rogers; P. M. Emmett. Association between breast feeding, child development and behaviour. *Early Human Development*, n. 49 (Suppl S), S175-S184, 1997.

Os efeitos do aleitamento materno sobre o desenvolvimento da criança têm implicações importantes tanto para políticas de saúde pública quanto para o planejamento de estratégias de intervenção precoce que visem melhorar os resultados de desenvolvimento de crianças que vivem em situações de risco, como consequência de adversidades biológicas (por exemplo, prematuridade) ou sociais (por exemplo, pobreza). As estratégias de intervenções amplamente baseadas na comunidade e na família podem ser a abordagem mais eficaz para reduzir as taxas de problemas comportamentais e de saúde mental entre crianças e jovens.

Muitas das pesquisas sobre os efeitos psicossociais do aleitamento estão baseadas em estudos observacionais que envolvem desafios éticos de atribuir aleatoriamente mães pertencentes a grupos de aleitamento materno ou grupos de alimentação com fórmula. Nesses estudos,^{5,13} há uma clara dependência em compatibilidade ou ajuste estatístico para os efeitos de outros fatores relacionados ao método de alimentação, que também pode influenciar nos resultados da criança, como o QI materno ou o estilo parental.

No entanto, a partir dos 6 meses de vida, o crescimento das crianças exige doses extras de outros nutrientes. É necessário complementar a alimentação com frutas, legumes, cereais e carnes. Nessa fase, o desenvolvimento motor é um dos principais fatores para que a criança esteja apta a engolir papinhas, estando também integrado o potencial que ela tem para conseguir sentar, sustentar o tronco e

a cabeça, abrir a boca em busca de alimentos e sentir o sabor deles.

A introdução precoce da alimentação complementar pode ser tão prejudicial ao desenvolvimento da criança quanto a sua oferta tardia, de modo que, no primeiro caso, pode influenciar na duração do aleitamento materno, aumentar o risco de contaminação e reações alérgicas e, no segundo caso, levar ao atraso no desenvolvimento das funções do sistema estomatognático e à desaceleração do crescimento, aumentando o risco de desnutrição e deficiência de micronutrientes. Para muitas crianças, esse período de adaptação para o consumo de novos alimentos requer maior dedicação dos pais e muita paciência.

O processo de introdução desses alimentos deve ser gradual, com participação ativa da criança, interagindo e ao mesmo tempo recebendo os alimentos do cuidador, simbolizando uma nova rotina familiar.

As intervenções utilizadas no Brasil e as estratégias para o aumento das taxas de aleitamento materno vêm apresentando resultados significativos nos últimos 30 anos, graças ao esforço de milhões de pessoas que vestiram a camisa em prol dessa causa da vida.

Institui-se em 1990 no Brasil a Política Nacional de Alimentação e Nutrição (Pnan), que explicitou o papel do setor da saúde e ampliou as redes de apoio para a agenda uni-

ca de nutrição. Considerou a pauta da priorização do alimento como um direito humano para todos e da segurança alimentar nutricional.

Todas as medidas de proteção para a promoção da alimentação saudável e de ambientes acolhedores para as crianças implicam medidas regulatórias para proteger a população de práticas abusivas. Entre essas medidas, há que combater as práticas agressivas de marketing e publicidade dos alimentos para o público infantil, muitos deles ricos em gorduras, açúcar e sal, que interferem negativamente nos hábitos alimentares das crianças, ocasionando, o que já estamos observando, um aumento das taxas de sobrepeso e obesidade infantil.

Estamos convictos de que, a qualquer redução do olhar para as políticas públicas de apoio ao aleitamento materno e, por que não dizer, da formação de vínculos, poderemos ter diante de nós um retorno ao que há de mais danoso para a construção humana: a perda de uma vida saudável desde a primeira infância. 🍓



Investimento inicial **62**

3 desafios **70**

Infância em dados **54**

Criança em primeiro lugar **58**



A cidade vista de
outro ângulo **76**

A descoberta da arte **86**

Infância em dados

INDICADORES COLOCAM O BRASIL EM SITUAÇÃO MELHOR DO QUE NO PASSADO, REFORÇAM NECESSIDADE DE ATENÇÃO À PRIMEIRA INFÂNCIA E MOSTRAM COMO DESIGUALDADES SE APRESENTAM NESSA FASE DA VIDA

POPULAÇÃO

Número estimado de crianças de 0 a 6 anos no Brasil

2018.....	20.602.689
2017.....	20.558.096
2016.....	20.581.079
2015.....	20.606.867
2014.....	20.581.926
2013.....	20.648.428
2012.....	20.779.304
2011.....	20.937.635
2010.....	21.204.358

*Estimativa baseada na população de 0-4 anos medida pelo IBGE somada ao número médio da população por idade do grupo etário de 5 e 9 anos.

Fonte: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

EDUCAÇÃO

No Brasil, a maioria das crianças de 0 a 3 anos (creches) e de 4 e 5 anos (pré-escola) é atendida pela rede pública (71,6% das matrículas) nos municípios. Em 2018, o número de estudantes destas faixas etárias matriculados em instituições públicas ou privadas passou de 8,7 milhões.

Crianças matriculadas na educação infantil

● CRECHE ● PRÉ-ESCOLA



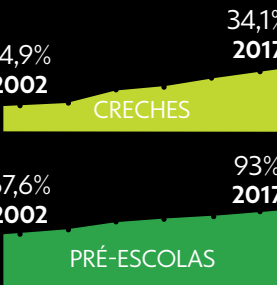
Fonte: INEP, CENSO ESCOLAR 2018

Proporção de crianças matriculadas na educação infantil em 2017, por região

	creches	pré-escolas
Brasil	34,1%	93%
Norte	18,3%	86,9%
Nordeste	30,6%	95,6%
Sudeste	40,4%	94,5%
Sul	40,9%	90,4%
Centro-Oeste	26,9%	88,6%

Fonte: IBGE/PNAD CONTÍNUA/INEP

Proporção de crianças que frequentam creches e pré-escolas

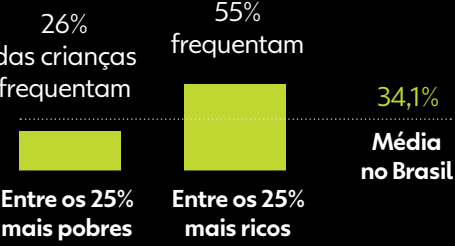


Fonte: INEP, CENSO ESCOLAR 2018

DESIGUALDADE

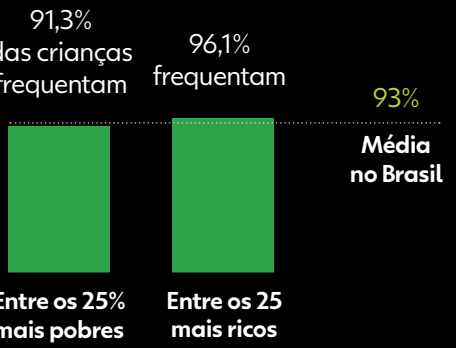
Crianças de famílias mais pobres frequentam menos creches e pré-escolas que crianças de famílias mais ricas

Creche



Fonte: PNAD CONTÍNUA 2016-2017/ANUÁRIO TODOS PELA EDUCAÇÃO

Pré-escola



Fora da escola

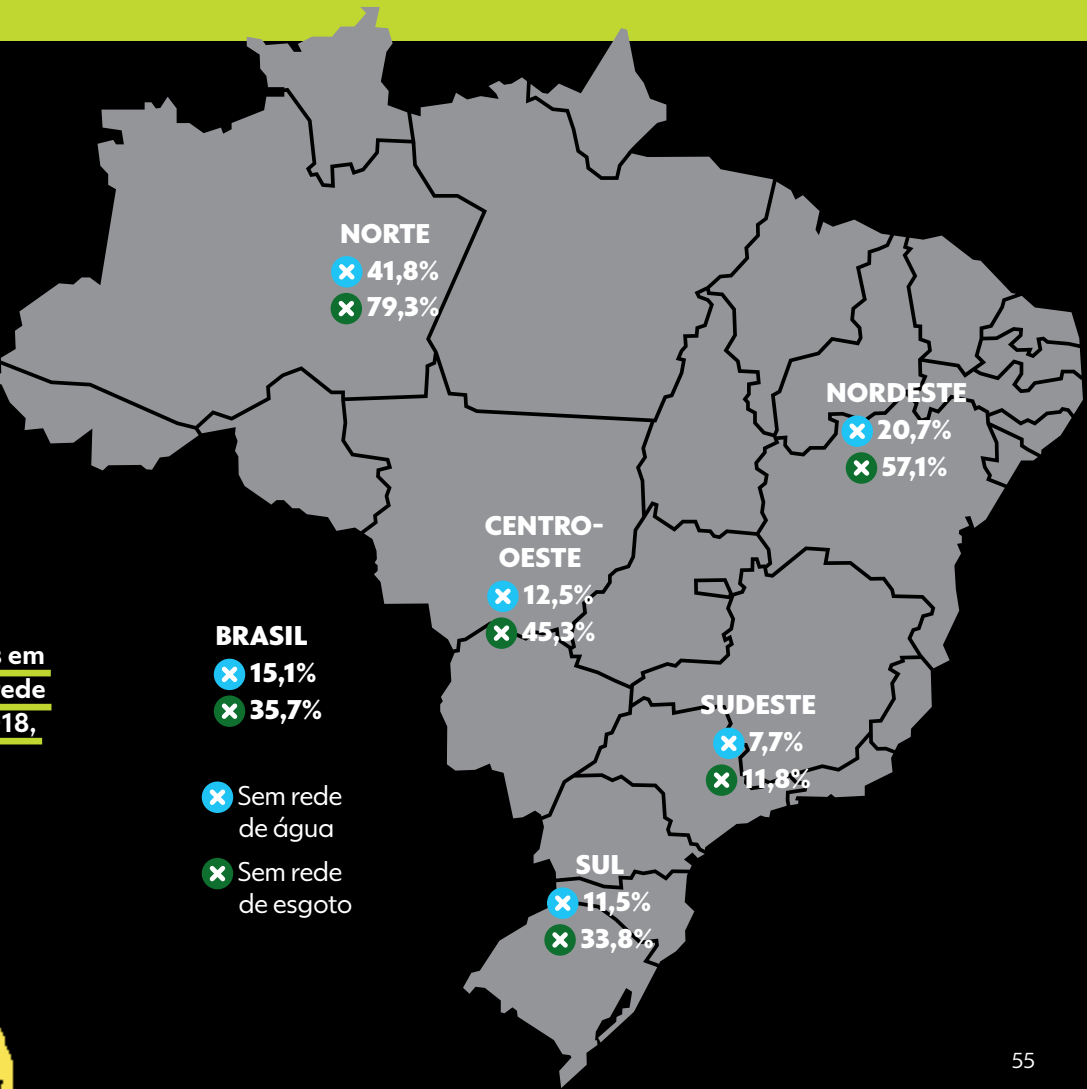
Estima-se que quase **1,5 milhão de crianças e jovens estejam fora da escola.** Destes, 370.410 tinham entre 4 e 5 anos em 2017. O número representou uma queda de 7% em relação ao ano anterior (450.332).

MORADIA E SANEAMENTO

Segundo dados da Pnad 2017 (IBGE), 42% da população no Brasil que convive com uma criança de 0 a 6 anos vive em um domicílio privado com ao menos um serviço de saneamento básico, como acesso a rede de água, rede de esgoto ou coleta de lixo.

Percentual de moradores em domicílios sem acesso a rede de água ou esgoto em 2018, por região:

Fonte: PNAD ANUAL CONTÍNUA 2018 (IBGE)



INFOGRÁFICO

RENDA

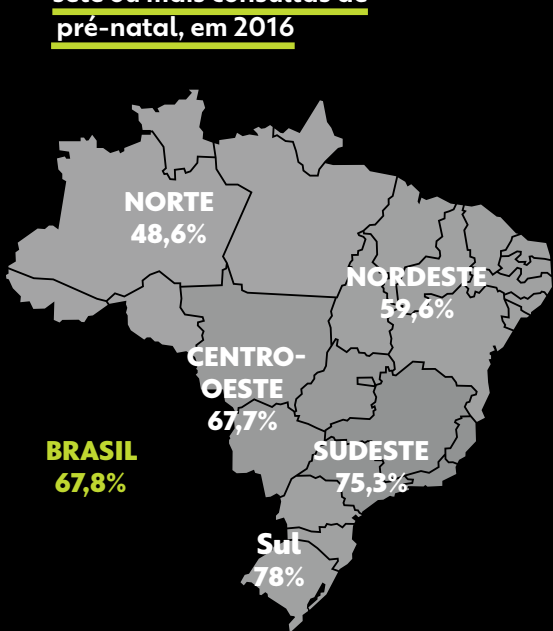
De acordo com o IBGE, em 2015 o rendimento médio domiciliar per capita dos domicílios em que havia crianças foi de R\$ 715 nas casas em que morava pelo menos uma criança de 0 a 4 anos. Esse valor representou pouco mais da metade do rendimento médio per capita nas residências que não envolviam crianças dessas idades (de R\$ 1.348).

Presença de crianças de 0-4 anos em domicílios, por rendimento per capita (*SM = salário mínimo)

rendimento	% há	% não há
0 a ¼ SM	16	5,4
¼ a ½ SM	26,8	10,5
½ a 1 SM	31,1	25,0
1 a 2 SM	16,1	35,1
2 a 3 SM	3,9	10,1
3 SM ou mais	4,4	11,6

SAÚDE: ATENÇÃO PRÉ-NATAL

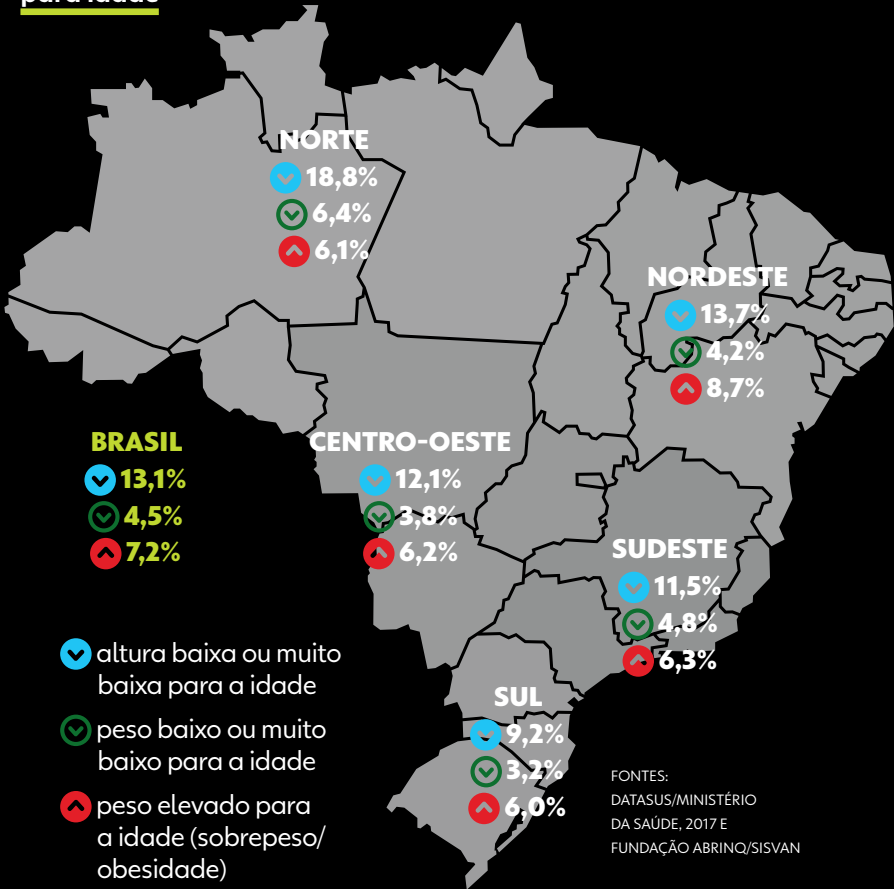
Proporção de mães que fizeram sete ou mais consultas de pré-natal, em 2016



FONTE: DATASUS/MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016

NUTRIÇÃO

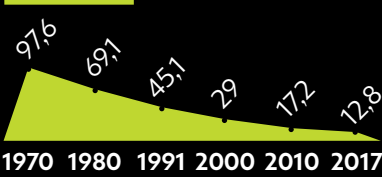
Proporção de crianças de 0 a 5 anos por estado nutricional para idade



- altura baixa ou muito baixa para a idade
- peso baixo ou muito baixo para a idade
- peso elevado para a idade (sobrepeso/obesidade)

MORTALIDADE INFANTIL

Taxa de mortalidade infantil (até 1 ano de idade) em 2017, a cada mil



Taxa de mortalidade infantil em 2017, por UF

SUDESTE	Espírito Santo	8,4
	São Paulo	9,6
	Minas Gerais	10,4
	Rio de Janeiro	11,1
SUL	Santa Catarina	8,9
	Paraná	8,9
	Rio Grande do Sul	9,3
NORTE	Tocantins	15,3
	Pará	16,1
	Acre	16,3
	Roraima	17
	Amazonas	17,7
	Rondônia	19,6
	Amapá	23
NORDESTE	Pernambuco	12,1
	Ceará	13,8
	Rio Grande do Norte	14
	Paraíba	15,4
	Sergipe	15,4
	Bahia	16,6
	Alagoas	18,3
CENTRO-OESTE	Piauí	18,5
	Maranhão	20,3
	Distrito Federal	10,3
	Mato Grosso do Sul	13,6
	Goiás	14,5
	Mato Grosso	16,5

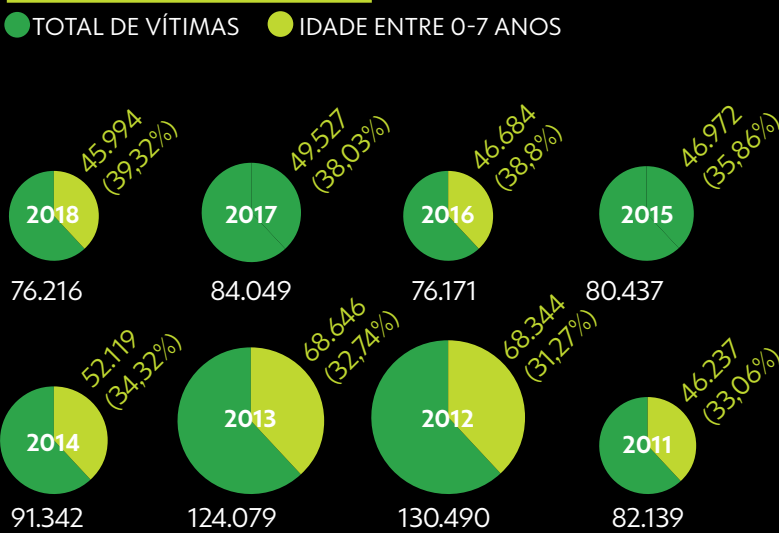
Brasil 12,8

FONTE: IBGE

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

No que se refere à violência doméstica contra a criança, o Brasil apresenta ainda dados alarmantes, apesar da promoção de importantes avanços voltados para a proteção integral dos direitos.

Violências contra criança e adolescente denunciadas ao Disque 100, entre 2011 e 2018



FONTE: BALANÇO GERAL DISQUE 100/MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS

Tipos de violência cometida contra crianças e adolescentes

ano	negligência	física	psicológica	sexual
2011	51.772	41.800	36.536	28.525
2012	88.750	63.858	60.397	37.726
2013	91.159	62.538	52.890	31.895
2014	67.831	44.752	39.164	22.840
2015	58.567	36.794	34.119	17.131
2016	54.304	32.040	33.860	15.707
2017	61.416	33.105	39.561	20.330
2018	55.375	30.962	37.160	17.073
total	529.174	345.849	333.687	191.227

FONTE: BALANÇO GERAL DISQUE 100/MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS

ARTIGO
por PEDRO HARTUNG



CAÇA em primeiro lugar A CRIANÇA

PEDRO HARTUNG
é advogado,
doutorando em Direito
pela Universidade
de São Paulo (USP).
É coordenador do
Programa Prioridade
Absoluta, do Instituto
Alana. É docente e
membro do Painel
Técnico do Curso
de Liderança Executiva
do Center on the
Developing Child,
da Harvard Graduate
School of Education

CUIDAR DA INFÂNCIA
NO PRESENTE SIGNIFICA
CUIDAR DO FUTURO
DA HUMANIDADE. NO
ENTANTO, É PRECISO
QUE AS LEIS DE PROTEÇÃO
SEJAM CUMPRIDAS

“É

o menino que revela o homem”, afirmou certa vez o célebre estudioso do Brasil Gilberto Freyre. Para ele, por meio das crianças e das histórias de como cuidamos delas, é possível contar a nossa própria história, como Brasil e como povo.

Foi por um intenso processo histórico, mediado por uma marcante luta política e social por reconhecimento da condição infantil e do sentimento da infância, que crianças foram consagradas pelas legislações em todo o mundo como sujeitos de direito, ou seja, pessoas reconhecidas pela lei como cidadãos e titulares de direitos e deveres, tal qual qualquer outro indivíduo na sociedade. Contudo, por estarem em um estágio peculiar de desenvolvimento progressivo de suas capacidades, a elas foi garantido um status jurídico diferenciado: o direito à proteção e ao cuidado especiais e integrais, que reconheça sua condição de indivíduos em formação, mas ao mesmo tempo permita sua participação nas ações e decisões de sua comunidade. Chegou-se, após a contribuição de muitas ciências, a um consenso universal: crianças não são miniadultos e, assim, não podem ser tratadas como tais, devendo ser respeitadas em sua condição de maior vulnerabilidade e heteronomia.

Constatou-se, inequivocamente, que crianças estão em uma das fases mais importantes do desenvolvimento humano, como afirmam diversas teorias do desenvolvimento ao longo dos séculos – como as mais recentes de Piaget, Freud, Skinner, Bandura, Vygotsky, Bronfenbrenner e a própria neurociência.

Hoje, é incontestável o entendimento científico da importância de cuidar e proteger crianças, indivíduos considerados até os 18 anos de idade pela Convenção sobre os Direitos da Criança da Organização das Nações Unidas, que foi ratificada pelo Brasil e completa 30 anos neste ano. Essa norma internacional consolidou a compreensão de que as crianças, seus direitos e melhor interesse devem ser garantidos primordialmente por todos os Estados.

Direitos no Brasil

No Brasil, como o ápice do desenvolvimento histórico das leis para a defesa e promoção dos direitos de crianças e adolescentes, a Constituição Federal de 1988 consagrou no texto do artigo 227 a base de tudo o que hoje chamamos de doutrina de proteção integral de crianças e adolescentes, determinando: “É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”.

O artigo 227 – detalhado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – é a pedra angular de um novo tempo e uma nova visão sobre as crianças brasileiras, segundo a qual todas elas, independentemente de origem ou situação, têm o direito de serem colocadas em primeiro lugar por todos nós, como famílias, sociedade e Estado. A revolução do 227 nos trouxe o dever moral e constitucional de sermos responsáveis não somente pelos nossos filhos, mas também – solidariamente – pelos filhos dos outros e os filhos de ninguém.

Contudo, esse não foi sempre o entendimento. Ao longo da história do Brasil, crianças foram ignoradas em sua condição, sofrendo todo tipo de violência, abuso e negligência: crianças indígenas mortas ou forçadamente catequizadas; crianças portuguesas trabalhadoras vindas nas embarcações europeias e crianças negras escravizadas traficadas da África durante o Brasil Colônia; crianças afro-brasileiras, crioulas, pardas ou mulatas em condições de miséria ou indigência nos nascentes centros urbanos do Brasil República; crianças brancas de origem europeia ou filhas dos colonos violentadas sistematicamente dentro das famílias patriarcais e escolas disciplinares; crianças de todas as cores abandonadas ou consideradas “delinquentes”, criadas nas instituições dos expostos, reformatórios e entidades de cunho repressor; crianças torturadas e sequestradas durante a ditadura civil-militar de 1964; crianças trabalhadoras nas fazendas, cidades ou indústrias; crianças presas como se adultos fossem ou consideradas em situação irregular e encaminhadas sistematicamente para internações compulsórias; crianças meninas a quem se negou o direito ao estudo e à própria liberdade, por casamentos precoces e toda forma de desigualdade.

Hoje, é incontestável o entendimento científico da importância de cuidar e proteger crianças

Em verdade, apesar das decisivas mudanças nas leis brasileiras nos últimos 30 anos, o que garantiu uma série de avanços na proteção da criança e seus direitos – como a diminuição da mortalidade infantil, a universalização do acesso ao ensino fundamental e a diminuição da fome e pobreza –, graves violações e significativas heranças estruturais ainda persistem. Uma média de 29 crianças são assassinadas por dia,¹ tendo o Brasil a sétima maior taxa mundial de homicídios entre crianças e adolescentes de 10 a 19 anos, especialmente de crianças negras, pobres e periféricas.² O Brasil foi considerado o país com os maiores índices de violência contra crianças, especialmente física, sexual e psicológica,³ inclusive dentro das próprias famílias.

É preocupante, ainda, a intensificação de um movimento de revisionismo ignorante das leis protetivas no Brasil – como a flexibilização do trabalho infantil e a redução da maioridade penal –, defendido inclusive por alguns governantes e parlamentares que desconsideram a evolução civilizatória e os longos e profundos consensos científicos sobre a importância de investir na infância e adolescência no presente como períodos com janelas de oportu-

nidades únicas e decisivas para o futuro não só desses indivíduos e suas famílias como também de todos nós, como sociedade e país.

Aliás, foi exatamente isso que lembrou e detalhou o Marco Legal da Primeira Infância, uma lei de 2016 que ampliou o entendimento do fato de quanto mais cedo, e desde o começo da vida, investirmos em um indivíduo e sua família com políticas públicas de cuidado e proteção, maiores serão os retornos desse investimento em diminuição de doenças crônicas e gastos de saúde pública com elas, de violência e, inclusive, de desigualdade social e econômica.

Estratégia de desenvolvimento

Portanto, colocar crianças e adolescentes em primeiro lugar não é somente uma determinação moral e constitucional. É a estratégia mais inteligente para o desenvolvimento saudável e socioeconomicamente sustentável de uma sociedade e seus cidadãos. O artigo 227 da Constituição Federal, o ECA e o Marco Legal da Primeira Infância representam um verdadeiro projeto de país a ser ainda implementado e efetivado por todos nós, coletivamente, exercendo cada um o seu papel: o Estado garantin-

do políticas públicas básicas para uma vida digna, com destinação de orçamento privilegiado para políticas que atendam prioritariamente crianças e suas famílias; a sociedade, inclusive empresas, atuando na defesa das crianças e de seus direitos; e as famílias, fortalecidas e conscientes do seu dever de exercício de uma parentalidade positiva, em que o afeto é o fundamento de uma relação constante, presencial e responsiva com seus filhos e filhas.

Para cuidar de uma só criança, é preciso de uma aldeia inteira. Assim, quem pariu e embala todos os dias Mateus, Maria, João e toda e qualquer criança necessita do nosso apoio e cuidado constantes em atos de cidadania, solidariedade e legalidade, traduzidos em políticas públicas e garantia de direitos, como, por exemplo, creche de qualidade e licença parentalidade distribuída equitativamente entre pais e mães.

Em verdade, cuidar de uma e de todas as crianças é cuidar da humanidade que teima, resiliente, em nos habitar. ♥

1 Flacso Brasil. Nota técnica: violência letal contra as crianças e adolescentes do Brasil. 2016. Disponível em: goo.gl/vCuk8A.

2 Unicef. Um rosto familiar: a violência na vida de crianças e adolescentes. 2017. Disponível em: uni.cf/32SxQfH.

3 International Society for the Prevention of Child Abuse and Neglect. The influence of geographical and economic factors in estimates of childhood abuse and neglect using the childhood trauma questionnaire: a worldwide meta-regression analysis. Em: bit.ly/2WqOnFi

TO ST EZ inicial Z Z Z

PARA O ECONOMISTA E PROFESSOR NAÉRCIO MENEZES FILHO, O DINHEIRO INVESTIDO NA PRIMEIRA INFÂNCIA RESULTA EM MAIORES RETORNOS PARA A SOCIEDADE, DIMINUI DESIGUALDADES E GASTOS EXTRAS NO FUTURO

por MURILO RONCOLATO

A

ideia de que primeira infância é um período crucial no desenvolvimento da criança encontra ecos na economia. Articular políticas públicas e investir em crianças nesse estágio inicial da vida ajuda a reduzir o abismo entre ricos e pobres, forma uma população mais escolarizada e gera riquezas para o país.

Dessa tese compartilha o economista Naércio Menezes Filho. O professor titular da Cátedra Ruth Cardoso no Insper defende que a desigualdade no Brasil decorre de uma desigualdade de oportunidades na infância. “O Estado pode economizar recursos lá para a frente, no ciclo de vida dessas pessoas, se investir mais no início da vida, para prevenir em vez de remediar problemas futuros”, diz.

A relação entre desigualdade social e primeira infância ganhou tração principalmente por meio do trabalho do economista e ganhador do Prêmio Nobel James Heckman. Em suas pesquisas nos anos 2000, o americano concluiu que o dinheiro aplicado na educação infantil resultava em um aumento nas taxas de escolaridade e de desempenho no trabalho e reduzia gastos com reforço escolar, qualificação profissional ou mesmo saúde.

Naércio vê o país em uma posição muito mais favorável hoje do que há 30 anos, mas diz que para reduzir desigualdades será preciso desenvolver políticas para atingir objetivos mais ambiciosos. “Não é só a visita domiciliar, não é só a questão da creche, não é só o Bolsa Família, a Estratégia Saúde da Família. É tudo isso junto. Os estudos mostram que é preciso ter os vários mecanismos conectados.”

O entendimento da primeira infância e da sua importância – com embasamento científico, com dados vindos da medicina e da economia – é relativamente recente. Qual tem sido o efeito desse entendimento na sociedade e nos governos?

Mães e pais sempre se preocuparam sobre como criar e cuidar dos seus filhos, mas sempre por uma noção mais intuitiva, buscando referências em livros. E agora, de um tempo para cá, começou a se consolidar essa visão mais embasada em dados, em pesquisas científicas, sobre a importância da primeira infância para a criança e, depois, para a família, para a educação, para o mercado de trabalho, para a sociedade e para o país como um todo. Essa preocupação, essa ênfase na primeira infância, é bastante recente aqui no Brasil. E, dada a importância que a essa fase tem para todos os estágios posteriores da vida da criança, é necessário que se desenvolvam políticas públicas focadas nessa fase. Na medida em que a sociedade começa a ficar atenta à importância desse período, ela vai também exigir dos governantes que proponham políticas públicas específicas: o secretário de Saúde municipal, a assistência social, o governador; no limite, que os próprios candidatos a presidente apresentem, em suas plataformas, seus projetos para a primeira infância. Então você começa a mobilizar a sociedade em torno desse período que não era foco de políticas no passado recente no Brasil.



NAÉRCIO MENEZES FILHO
é economista, membro do Núcleo Ciência Pela Infância (NCPI) e professor titular da Cátedra Ruth Cardoso, no Insper

Na linha do economista prêmio Nobel James Heckman, o senhor já escreveu que para termos um país com mais igualdade de oportunidades é preciso investir antes na primeira infância. Como uma coisa levaria à outra?

O Brasil é um país extremamente desigual. A gente tem uma parcela pequena da população que acaba ficando com uma parcela muito grande da renda, e o mais importante é que isso é determinado por uma desigualdade de oportunidades. Quem nasce numa família pobre vai ter muito mais dificuldades de realizar seus sonhos do que quem nasce numa família mais rica. E isso começa desde a gestação, dos primeiros mil dias de vida da criança. Por quê? Porque é nesse período que se desenvolvem as habilidades cognitivas e socioemocionais, o desenvolvimento cerebral, as sinapses vão sendo realizadas com muita intensidade nesse período. Se você não desenvolve essas habilidades nesse período, fica cada vez mais difícil recuperar o tempo perdido. Quem atinge esse desenvolvimento já conquista uma base sólida desde o início, tem mais facilidade para conseguir acumular conhecimentos posteriores. E aí as crianças vão melhor na escola, têm um desempenho bom, vão progredindo, acabam concluindo o ensino médio na idade certa, entram na faculdade e vão se inserir no mercado de trabalho. Ao passo que as crianças que não têm um desenvolvimento adequado vão ter mais dificuldade de aprendizado. Então o Estado pode

economizar recursos lá para a frente, no ciclo de vida dessas pessoas, se investir mais no início da vida, para prevenir em vez de remediar problemas futuros. Nesse sentido, o dinheiro investido na primeira infância é o que tem maior retorno para a sociedade, porque ele é muito importante e, se for bem realizado, evita gastar muito com programas de qualificação profissional. Tudo isso pode ser evitado com investimento voltado para o início da vida.

Dados de 2018 apontam para a existência de uma população de 20 milhões de crianças de até 6 anos no Brasil. Dessas, um terço é beneficiário do Bolsa Família, ou seja, está vivendo na faixa da linha de pobreza ou da extrema pobreza. Como é possível pensar, de maneira ampla para o país, em políticas públicas para a primeira infância quando a gente já parte de um contexto tão desigual?

O que é importante é ter em mente que o investimento deve focar nos primeiros dias de vida. Idealmente, o governo deveria ter um mapeamento de todas as crianças que vão nascer em determinado ano. O governo já tem o cadastro social que indica todas as famílias que são pobres no Brasil – grande parte das famílias estão inscritas no Cadastro Único. As mães que estão ali para receber os benefícios do Bolsa Família, por exemplo, precisam fazer exames pré-natais. Assim, o governo tem como saber quais as mães em situação de pobreza maior terão filhos no próxi-

mo ano. Dado que já temos esse cadastro, as mães, os indicadores de pobreza, o ideal seria [o governo] ficar atento e, quando nascer uma criança em situação de mais vulnerabilidade, acionar uma série de programas para cuidar do seu desenvolvimento. Da gestação até logo depois que ela nasce, o poder público tem como ver se o seu crescimento está se dando de modo adequado. Existem instrumentos como a Caderneta de Saúde da Criança, que deve ser preenchida pelo médico ou enfermeira com uma certa frequência ao longo do primeiro ano de vida. Então é preciso acompanhar, acender uma luz amarela se forem notados problemas de desenvolvimento infantil, fazer programas de visitação do tipo Estratégia Saúde da Família ou Criança Feliz, para ver se a mãe está interagindo de forma adequada com a criança desde o primeiro ano de vida. Acho que o problema maior não é de focalização, de encontrar essas crianças que estão nascendo em situação de vulnerabilidade, porque nós desenvolvemos mecanismos muito eficientes – como o próprio Cadastro Único, que é a origem para o programa Bolsa Família. A questão é coordenar todas as políticas públicas para atuar especialmente w crianças que nascem em situação de vulnerabilidade para evitar que problemas de desenvolvimento sejam agravados ao longo do tempo.

O Estado pode economizar recursos se investir mais no início da vida das pessoas, para prevenir em vez de remediar problemas futuros

Há quem fale desse tema de um ponto de vista muito determinista, levando a crer que crianças que nasceram, cresceram e se desenvolveram num contexto menos favorável estão de certa forma condenadas a ter uma vida adulta pior do que a de quem cresceu num contexto mais favorecido, como se não houvesse a possibilidade de reversão dessa situação...

Nós devemos ser realistas. No Brasil, há muita desigualdade de oportunidades porque o nosso país é muito desigual. Obviamente, a criança que nasce numa família rica vai ter melhores condições de realizar seus sonhos atualmente do

que a criança que nasce numa família pobre, infelizmente. Mas isso não quer dizer que nada pode ser feito e que as crianças que nascem em famílias pobres estão condenadas ao fracasso. Não é verdade. Primeiro, porque há sempre crianças que conseguem se destacar mesmo crescendo num ambiente de vulnerabilidade, tem crianças que são resilientes, que mesmo em face de adversidades conseguem





Crianças que entram na pré-escola têm notas maiores durante a escola, e isso aumenta a probabilidade de estarem no ensino superior

brilhar no futuro. Segundo, porque há um espaço amplo para a política pública atuar e tentar diminuir essas desigualdades, desde o início da vida. Aliás, no início da vida é quando essas políticas têm maior impacto. Dificilmente você vai conseguir anular completamente essas desigualdades. Agora, se você atuar prevenindo problemas de desenvolvimento infantil desde cedo, você consegue reduzir bastante essas diferenças. Se não [para] acabar, ao menos [para] reduzir essas diferenças e dar condições para a criança que tem o seu potencial: que ela o realize na escola, na faculdade, no trabalho ou sendo empreendedor. Muitas crianças pobres têm seus sonhos abortados, acabam se sentindo desmotivadas, não veem futuro; a sociedade não pensa nelas, não abre as portas. Então, se você criar um ambiente melhor na primeira infância e depois também melhorar a escola pública na qual essa criança vai se matricular, motivar mais os professores, você consegue realmente diminuir bastante essas desigualdades. [Está] longe de ser um determinismo essa relação entre pobreza e resultados futuros.

Além de serem lugares onde pais e cuidadores podem deixar as crianças para ir trabalhar, creches e pré-escolas são importantes no desenvolvimento infantil. Como a educação infantil deve ser vista na formulação de políticas públicas?

Os estudos mostram – eu mesmo já fiz alguns mostrando – que as crianças que entram na pré-escola têm notas maiores durante a escola, no 5º ano, no 9º ano, e isso aumenta a probabilidade de estar no ensino superior. E a creche também tem um papel muito importante. Parece bastante claro que entrar na pré-escola aumenta muito a potencialidade da criança, e a pré-escola tem que ter qualidade, assim como o ensino fundamental. A gente cobra que a escola tenha uma boa gestão, que tenha métodos adequados para lidar com as crianças, para começar a alfabetização. Quanto à creche, nem todos os municípios conseguem atender todas as crianças e não é obrigatório que todas as crianças frequentem creche. Na verdade, é importante que se dê a opção de a criança ir para a creche ou de ficar em casa, se assim a mãe preferir. Oferecer creche e escola de qualidade é essencial para o desenvolvimento integral da criança, inclusive para ela abrir os horizontes e ter acesso a outros bens culturais e institucionais. O grande problema no Brasil é que muitas das creches não têm uma qualidade adequada, deixam muito a desejar tanto em termos de infraestrutura como em termos de currículo, do que deve ser feito, interação com a criança, brincadeiras e tudo isso. Então crianças que frequentam creches de má qualidade podem até sofrer prejuízos no seu desenvolvimento. Nesse campo é muito importante fazer avaliação e ter certeza que as creches que estão sendo abertas

têm alta qualidade para que a criança possa se desenvolver adequadamente. Dentro da primeira infância, o que é importante é uma estratégia multissetorial. Não é só a questão da visita domiciliar, não é só a questão da creche, não é só a questão do programa Bolsa Família, não é só a questão da Estratégia Saúde da Família. É tudo isso junto. Os estudos mostram que são necessárias as várias peças, os vários mecanismos conectados. Então a cidade em que a criança está morando deve ter mecanismo em todos esses campos – inclusive a mobilidade, que é uma linha recente também de pesquisa nessa área, ter certeza sobre o ambiente na rua, perto da casa da criança, perto da creche, o transporte entre a casa e a creche, os parques, tudo isso precisa entrar. Não é responsabilidade só de uma área do tipo educação. Educação é muito importante, a creche é muito importante, a família é importante, a assistência é importante, transporte é importante, os postos de saúde são importantes. Você precisa de uma abordagem

integral, multidisciplinar, orgânica. Nesse sentido, a creche tem papel fundamental, desde que ela tenha qualidade: não é só abrir um prédio, colocar as crianças lá dentro e botar os cuidadores, porque isso pode ser prejudicial. Nesses casos, era até preferível que ela ficasse em casa com a avó, com alguém que pudesse interagir com ela, estimulando essa criança a se desenvolver.

Do lado de quem deve compreender justamente esse tipo de abordagem e aplicar em forma de política, o senhor esteve recentemente em Brasília discutindo a questão da primeira infância no Congresso. Como o tema da primeira infância foi ou tem sido assimilado pela classe política?

A primeira infância tem ganhado destaque em termos de políticas públicas recentemente aqui no Brasil, e isso está atingindo também os representantes da população que estão lá no Congresso Nacional. Eles também estão descobrindo a causa. Foi criado [em 2016] o Marco Legal da Primeira Infância, que foi uma lei que estabeleceu os direitos da primeira infância e o que deve ser feito para promoção da primeira infância no Brasil. E o Congresso tem uma



O grande caso de sucesso é o que aconteceu com a sociedade brasileira nos últimos 30 anos

frente interdisciplinar da primeira infância, que tem deputados de vários partidos. Eles tentam mobilizar os demais parlamentares pela causa da primeira infância, mobilizar o orçamento, tentar descobrir o quanto é gasto na primeira infância, porque os gastos na primeira infância estão espalhados. Tem o gasto na educação, na saúde, na assistência. Então é difícil saber exatamente quanto o país está gastando com a primeira infância. Os deputados têm essa vontade de deixar mais claro o quanto está sendo gasto e o que deve ser feito e também mensurar o retorno. Obviamente, a Câmara dos Deputados reflete um pouco a diversidade do país. Então há deputados que estão preocupados com algumas questões específicas,

alguns com adoção, alguns com comportamento, alguns com desenvolvimento infantil, alguns com dinheiro. Mas eu acho isso natural, porque reflete os anseios da população – e é uma frente no Congresso que é bastante diversa. Mas o mais importante é que se tenha um grupo de deputados com líderes supercompetentes que estejam à frente desse movimento, e a preocupação com a primeira infância é fundamental.

A gente consegue pensar em bons exemplos, tanto de formulação de política quanto de iniciativas da sociedade, sobre a questão da primeira infância no Brasil?

Acho importante a gente lembrar que antes da Constituição de 1988 o país não tinha praticamente nenhuma política na área de saúde, a assistência também estava completamente desestruturada, uma grande parte dos jovens [estava] fora da escola. É preciso fazer uma retrospectiva e ver como a gente avançou nesses últimos 20 anos. Desde a Constituição se estabeleceu o Sistema Único de Saúde, que é uma parte importante para que as pessoas mais pobres tenham acesso a hospitais. Nenhum país tão grande como o Brasil estabeleceu um sistema universal de saúde. Primeiro houve o Programa de Agentes Comunitários de Saúde, depois o Programa Saúde da Família e, agora, o Estratégia e Saúde da Família, em que se atendem 100 milhões de brasileiros indo na casa dessas pessoas a cada duas semanas, vendo como está o ambiente familiar, vendo as crianças, os adultos; se detectar problemas, elas são encaminhadas para o posto de saúde para serem atendidas por especialistas. Depois surgiu o Programa Bolsa Família, de transferência de renda para as famílias

mais pobres, cujo dinheiro é muito importante também para o desenvolvimento infantil, já que famílias na extrema pobreza não têm os rendimentos mínimos para cuidar bem da alimentação da criança e do seu desenvolvimento. Então acho que o melhor caso de sucesso é o que aconteceu no Brasil desde 1988. O Brasil partiu de uma situação de terra arrasada. Praticamente não havia quase nada para a população pobre, a desigualdade era muito grande, só quem tinha emprego formal, carteira de trabalho, tinha acesso aos hospitais, às escolas de qualidade. Houve um grande avanço da democracia. Estamos num estágio, hoje, muito melhor do que em 1988. O grande caso de sucesso é o que aconteceu com a sociedade brasileira nos últimos 30 anos. Saímos de uma situação de muito pouco atendimento na saúde, enfim, para as famílias mais pobres, para uma situação em que elas têm o básico agora. Agora, obviamente, o básico não é o suficiente, tendo em vista nossa grande desigualdade de renda, nossa grande diferença de mobilidade na vida entre pobres e ricos, mas pelo menos a gente tem uma base, a fundação, vamos dizer assim. Agora, a partir dessa fundação, é preciso desenvolver políticas e projetos para atingir objetivos mais ambiciosos. 🍀

VEJA MAIS

em app.cadernosglobo.com.br

Tudo tão desigual

David R. Williams, professor da Escola de Saúde Pública de Harvard aponta como o racismo também promove desigualdades na primeira infância

Para medir os efeitos de uma primeira infância prejudicada ou, ainda, para identificar com mais precisão o público de uma política pública de combate às desigualdades nesse período, é preciso considerar nível socioeconômico e, na sequência, raça. Essa pode ser a síntese do recado dado por David R. Williams, professor de Estudos Afro-americanos e diretor do Departamento de Ciências Sociais e Comportamentais da Escola de Saúde Pública de Harvard, em sua passagem pelo Brasil em outubro de 2019. Na ocasião, o especialista falou em um dos painéis do Simpósio Internacional de Desenvolvimento da Primeira Infância, evento realizado pelo Núcleo Ciência Pela Infância (NCPI), ao lado do professor Naércio Menezes Filho.

Williams analisa uma série de dados, como mortalidade infantil, riqueza e escolaridade nos Estados Unidos, e aponta para as desigualdades determinadas pela raça em todos os casos. O professor cita um estudo (“Socioeconomic disparities in health in the United States: what the patterns tell us”, *American Journal of Public Health*), conduzido por pesquisadores da Universidade da Califórnia, que evidencia uma relação entre anos de escolaridade de gestantes e menores índices de mortalidade infantil. Os dados indicaram que, mesmo com mais anos de estudo, o padrão de discrepâncias entre raças (negros, hispânicos e brancos, do mais alto para o mais baixo, nessa ordem) persistiu. “No Brasil, a história não é diferente”, disse o professor de Harvard ao citar dados de 2014 do Banco Mundial sobre a média de anos de escolaridade entre homens brancos (8,8 anos), homens negros (6,9), mulheres brancas (9) e mulheres negras (7,2).

O especialista de Harvard explora também em suas pesquisas com recorte racial os efeitos do estresse tóxico em gestantes e crianças nesse período inicial da vida. Williams cita estudos que relacionam exposição a estresse tóxico na infância a prejuízos na formação da arquitetura cerebral, com efeitos posteriores. Sabendo disso, quais seriam, portanto, em termos de construção de desigualdades, os impactos da escravidão, da segregação geográfica, do racismo estrutural e das discriminações interpessoais constantes na população negra? Para ele, lutar contra os efeitos duradouros desses problemas demanda um olhar focado na primeira infância, além de políticas para aumentar renda, melhorar condições de bairros mais pobres e, assim, garantir a melhoria da saúde das populações mais afetadas.



3 desafios

PARA AVANÇAR
NA EDUCAÇÃO
INFANTIL, É PRECISO
GARANTIR ACESSO,
QUALIDADE
E AVALIAÇÃO
DE CRECHES
E PRÉ-ESCOLAS

BEATRIZ ABUCHAIM

é psicóloga, doutora
em Educação e gerente
de Conhecimento
Aplicado da Fundação
Maria Cecília Souto Vidigal

A educação infantil tem ganhado um papel de destaque no Brasil, seja por atender à demanda de famílias trabalhadoras, seja pela compreensão de que estímulos adequados nos primeiros anos têm um impacto em toda a vida

A PARTIR DE TRÊS DEPOIMENTOS DE PESSOAS ENVOLVIDAS COM EDUCAÇÃO INFANTIL, SÃO APRESENTADOS OS MAIORES DESAFIOS DESSA ÁREA

OS
S
E
C

“Os primeiros anos de vida do Joaquim foram conturbados para nós, porque eu e minha esposa tínhamos que revezar no trabalho para conseguir cuidar do nosso filho. A gente precisava de dinheiro, mas não podíamos trabalhar ao mesmo tempo, porque ele era muito pequeno.

A vaga na creche veio como um refúgio tanto pra nós quanto pra ele.

Porque nós somos novos, não temos ajuda financeira de nossas famílias e foi ótimo poder deixar nosso filho numa creche de confiança, com profissionais formados para cuidar dele. E ele está crescendo muito bem!

Bernardo, pai de um menino de 3 anos

Esse depoimento revela o quanto é importante para uma família trabalhadora ter acesso a uma creche que promova o desenvolvimento de seus filhos. A educação infantil se sustenta na Constituição Federal de 1988 como um direito não só das famílias, mas também de as crianças frequentarem creches e pré-escolas.

É a primeira etapa da educação básica e uma das políticas mais bem estruturadas para a primeira infância no país. Isso é demonstrado pelos avanços numéricos nas últimas duas décadas. Por exemplo, o atendimento de crianças de 0 a 3 anos nas creches passou de 16%, em 2005, para 34%. Na pré-escola, o total de crianças de 4 e 5 anos matriculadas passou de 72% para 92,4% no mesmo período (Pnad 2018). Esses números, entretanto, estão ainda deficitários em relação ao estipulado no Plano Nacional de Educação 2014-2024, que previa em sua Meta 1 a universalização,

até 2016, da pré-escola – já que esta se tornou obrigatória com a Emenda Constitucional nº 59 de 2009 –, e 50% de crianças de 0 a 3 anos matriculadas em creches.

Essas duas exigências têm desafiado as gestões municipais, responsáveis pela oferta de vagas na educação infantil, em regime de colaboração com os estados e o governo federal. Os esforços para a expansão das redes têm ficado aquém da demanda crescente, sobretudo em zonas urbanas.

A sobrevivência financeira para famílias vulneráveis pode se tornar difícil sem uma vaga em creche. Estudos mostram que o acesso à creche tem sido desigual e que famílias com menos condições socioeconômicas tendem a ficar de fora. Entre os 25% mais pobres da população, apenas 26% das crianças têm acesso a creches, enquanto entre os 25% mais ricos da população a porcentagem sobe para

55%. Também há diferenças significativas entre as regiões do país, que revelam desigualdades históricas: o acesso na região Norte está em 16,9%; enquanto na região Sul chega a 40% (Pnad, 2018).

Essa desigualdade, somada ao não alcance da universalização da pré-escola (estima-se que mais de 300 mil crianças de 4 e 5 anos não estejam matriculadas), aponta para a necessidade de adoção de políticas de expansão das redes que sejam planejadas e privilegiem os mais vulneráveis.

Há ainda o desafio de equacionar essa expansão mantendo padrões de qualidade. O compromisso com a qualidade é a única garantia de que o desenvolvimento das crianças está sendo proporcionado. Uma boa educação infantil tem um grande impacto no desenvolvimento das crianças, em especial as vulneráveis. Mas o que é uma educação infantil de qualidade?



“

Mais do que adquirir uma variedade de conhecimentos, as crianças devem ter vivências na educação infantil.

Precisam desenvolver sua autonomia, aprender a conviver com outras crianças e adultos, se sentirem seguras para falar, desenvolver a curiosidade e a criatividade.

Não é uma preparação para escola, é uma vivência de mundo. As coisas mais importantes se aprendem até os seis anos, como a própria vontade de aprender. Sem a educação infantil ficam lacunas de coisas importantes para o futuro. Cabe aos adultos organizar o ambiente a fim de ampliar as possibilidades das crianças para imaginar, aprender, brincar e sonhar.

Eliana, coordenadora pedagógica

Eliana faz uma síntese do que uma boa prática pedagógica na educação infantil deve contemplar, seguindo a linha dos direitos de aprendizagem propostos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC): conhecer, brincar, explorar, expressar-se, participar e conviver. A proposta do documento é que o trabalho seja feito em torno de cinco “campos de experiência”, os quais subvertem a lógica de uma aprendizagem fragmentada e disciplinar. As crianças devem ter possibilidades de construir conhecimentos por meio de experiências lúdicas, concretas e contextualizadas que integrem vários saberes.

A implementação da BNCC na educação infantil representa um desafio, uma vez que ela requer um profissional muito bem formado. Os cursos de formação inicial não têm promovido uma capacitação qualificada dos profissionais. Estudos mostram que as disciplinas de educação infantil são escassas e pouco conectadas com o cotidiano da escola. Assim, há que se pensar na reestruturação da formação inicial, mas também fazer um grande investimento nos programas de formação continuada, para que a BNCC se traduza em práticas qualificadas.

Eliana menciona a importância de organizar o ambiente para receber as crianças, ou seja, o que o professor deve proporcionar para que elas desfrutem ao máximo de suas experiências. Isso passa por uma esfera importante da qualidade que serve de base para todo o tra-

balho pedagógico: a infraestrutura e os materiais. O prédio, na educação infantil, deve ter recursos mínimos, como parque, área verde, sanitários adequados a crianças pequenas, lactários, entre outros. A maioria das unidades, no entanto, tende à precarização. Por exemplo, o parque infantil está presente em 40% das creches e em 28,6% das pré-escolas (Censo Escolar 2018). Quando se analisam dados de estudos pontuais sobre acesso a brinquedos e materiais pedagógicos, os resultados são preocupantes. Não é incomum o relato de salas sem esses itens. Faltam, no entanto, avaliações representativas do país que permitam traçar um panorama sobre aspectos fundamentais como: infraestrutura, recursos materiais, prática pedagógica, condições de trabalho e de emprego dos profissionais de educação infantil.

“

Se você quer avaliar a qualidade da educação infantil, comece pela carga horária dos profissionais e verifique se eles têm horários para formação em serviço e para planejamento.

Tem que olhar também para as condições físicas de trabalho das pessoas que estão lá diretamente com as crianças. E, é claro, o número de crianças por adulto, que tem um impacto direto no atendimento prestado.

Neide, professora de pré-escola

Não há como aperfeiçoar a qualidade da educação infantil sem dados consistentes que permitam entender o que está deficitário. Neide aponta aspectos que dizem respeito às condições de trabalho dos professores. Muitos desses aspectos relacionados a insumos serão coletados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) como parte do Sistema de Avaliação da Educação Básica, pela autodeclaração de professores, diretores de escola e gestores municipais. Será feito um piloto em 2019 para testar a matriz de avaliação e, assim, traçar um perfil da educação infantil nacional.

Ainda assim, essa avaliação é insuficiente, pois não está sendo medida a qualidade dos processos pedagógicos. Avaliações externas feitas por meio de observações guiadas por indicadores quantificáveis podem ser muito úteis para os municípios repensarem suas

ações e tomarem decisões subsidiadas em dados. Um estudo nacional em seis capitais, realizado em 2009, utilizou instrumentos de observação da qualidade dos ambientes de creches e de pré-escolas em 148 instituições. Os resultados foram alarmantes: 50% das salas de creche e 30% das de pré-escolas apresentaram níveis inadequados de qualidade. Ainda que a amostra não tenha sido representativa do Brasil, esses dados chamam atenção para a necessidade de avaliar a educação infantil de forma consistente e contínua. Só assim se poderão fazer as melhorias necessárias para que as crianças brasileiras tenham oportunidades adequadas para desenvolver todo o seu potencial desde o início da vida. 🍀

A CIDADE VISTA DE OUTRO ÂNGULO

Especialista em planejamento urbano defende a transformação do espaço público em prol das crianças e, assim, de todo mundo

por MURILO RONCOLATO
tradução de ELENICE ARAÚJO



U

ma cidade boa para crianças é uma boa cidade para todos. A máxima sintetiza a mensagem que especialistas engajados no assunto têm se esforçado em espalhar entre governos, empresas e sociedade civil: nossas cidades se desenvolveram de modo desigual e desordenado, priorizando o adulto e o seu automóvel, o que fez delas espaços pouco saudáveis e amigáveis às crianças. Como efeito, sem segurança e locais que os convidem a brincar, aprender e conviver, os pequenos se ausentam do espaço público e da vida em comunidade. Isso é ruim para eles e, portanto, para todos.

A arquiteta e urbanista Skye Duncan é uma dessas vozes ativas pela transformação dos espaços públicos em prol das crianças. Por meio da Global Designing Cities Initiative, organização que coordena desde 2014, Skye implementou projetos e orientou a criação de políticas em cidades como São Paulo e Fortaleza (Brasil), Mumbai (Índia), Bogotá (Colômbia) e Adis Abeba (Etiópia).

Para permitir que crianças deixem o isolamento em espaços fechados e voltem a frequentar as ruas, Skye defende que é preciso empatia para ver a cidade do ponto de vista delas. Ao se deslocar para a escola, a criança deve ter o direito de escolher se vai a pé, de bicicleta ou de transporte público, o que implica pensar nas condições desse trajeto. As calçadas são amplas e acessíveis? Há espaços para brincadeiras, parques, praças ou áreas de descanso? E painéis com o mapa das proximidades? As ruas contam com ciclovias seguras? Há oferta de ônibus ou trens?

“Não importa onde se esteja, há pessoas morrendo desnecessariamente nas ruas, veículos poluindo o ar, pessoas se tornando cada vez menos ativas, e ainda se observa a desigualdade de renda aumentar drasticamente”, diz Skye. “Lutar por um futuro melhor para as crianças, onde quer que se esteja, é provavelmente um dos poucos tópicos capazes de alinhar políticos de partidos distintos e influenciar as tomadas de decisão.”

É comum ouvirmos que, se os espaços públicos forem bons para bebês e crianças, eles serão bons para todos. Qual é a base dessa ideia?

Bebês, crianças e seus responsáveis, como todos sabem, formam o grupo mais sensível ao ambiente edificado onde se encontram. Portanto, se projetarmos ruas e espaços públicos da perspectiva da experiência acumulada por eles, isso significa que estaremos acertando nos detalhes para os demais. Com isso em mente, quando partimos do fundamento de ajudar bebês e seus responsáveis a se deslocarem pela cidade de maneira mais equitativa e segura, entendemos por que o caminho pela calçada deve ser livre e contínuo e os cruzamentos seguros devem ser conectados por rampas de acessibilidade; isso, obviamente, ajuda não só a família, o indivíduo que conduz um carrinho de bebê, mas também o usuário de cadeira de rodas, a navegar melhor pela cidade. Da mesma forma que instalações amplas e protegidas para ciclistas são um convite para as famílias reunidas andarem de bicicleta e ainda podem atrair o ciclista adulto



SKYE DUNCAN
é arquiteta e urbanista,
diretora da Global
Designing Cities
Initiative (GDCI), na
Associação Nacional
de Oficiais de
Transporte da Cidade
(NACTO, em inglês)

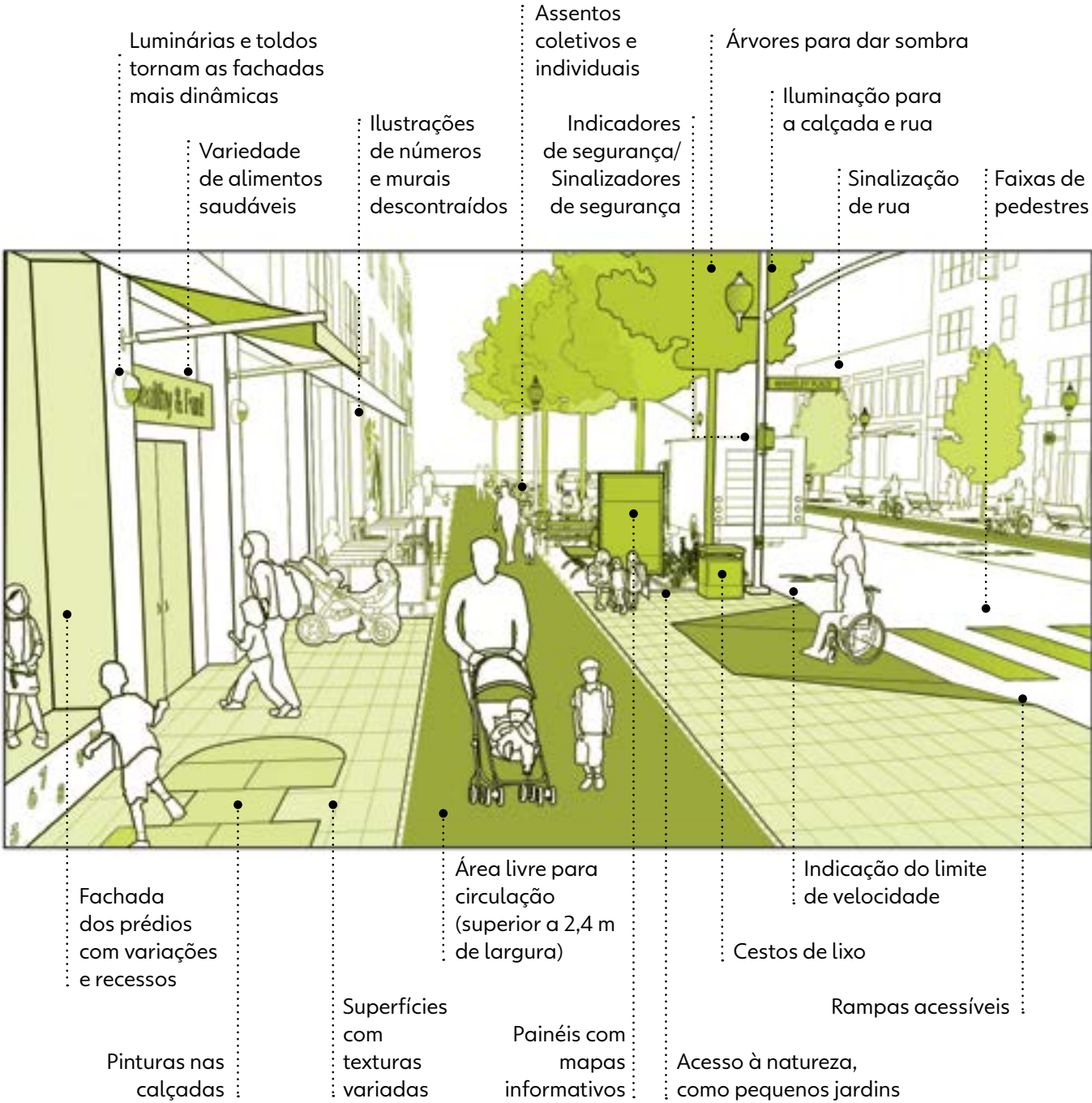
© J.D. DURRANS

menos confiante ao pedalar, sabendo que estará mais seguro graças ao modo como essa via foi projetada. Ou talvez uma parada de trem ou ônibus bem iluminada e convenientemente localizada, com bancos e display de informações, e quem sabe alguma obra de arte envolvente. Isso tudo não apenas beneficia pais, enquanto esperam o ônibus com os filhos, mas também um idoso que se aventure a sair, garantindo que tenham um lugar para sentar e descansar. Um bebedouro convenientemente instalado, ou acesso ao banheiro público, quando se está fazendo um longo percurso, não beneficia apenas as famílias, mas a todos na comunidade. Como o atual prefeito de Bogotá, Enrique Peñalosa, costuma dizer, as crianças são como uma espécie de orientadores. Portanto, tudo o que planejamos, implementamos e priorizamos quando projetamos um desenho sob a ótica dos bebês e seus responsáveis irá na verdade beneficiar a todos e garantir que nossas cidades sejam mais habitáveis e convidativas para todos os cidadãos.

Que tipo de mudança no espaço público pode ter reflexo na saúde das crianças e, assim, de toda a comunidade?

O modo como projetamos nossos espaços públicos, não apenas como projetamos nossos parques e playgrounds, mas também como projetamos nossas ruas. Muitas vezes esquecemos que nossas ruas representam cerca de 80% do espaço público nas cidades, então, como as projetamos pode realmente desencadear problemas básicos de saúde e crises que temos de enfrentar. As mortes no trânsito, por exemplo, hoje são a principal causa de morte entre 5 e 29 anos. Essa é uma fatalidade totalmente evitável, que depende em grande parte de como desenhamos nossas ruas. Ao mesmo tempo, as crianças estão respirando ar tóxico no mundo todo, devido principalmente às emissões de veículos poluidores que circulam pelas ruas. Como criamos ambientes tão inseguros, pais e responsáveis agora hesitam em deixar as crianças irem para a escola a pé ou brincarem nas ruas. O que significa que, hoje, milhões de crianças não cumprem a recomendação mínima diária de atividade física, o que pode acarretar doen-

ças e sintomas crônicos para a vida toda. O quadro parece bastante assustador, e os desafios que estamos enfrentando globalmente certamente são desanimadores, mas o lado positivo é que podemos evitar tudo isso, podemos evitar muitos desses problemas de saúde, e sabemos muito bem o que precisa ser feito. Podemos mudar muitos desses desafios desenhando as ruas sob a ótica dos bebês e responsáveis, lutando por um espaço que ofereça alternativas de mobilidade sustentáveis, como caminhar, andar de bicicleta e usar transporte urbano, em lugar de ficarmos feito parasitas no carro particular, como vem acontecendo literalmente há décadas nos quatro cantos do mundo. Não se trata de ser contra os automóveis, mas sim de oferecer às pessoas alternativas viáveis e acessíveis para elas se locomoverem e acessarem a cidade, coisa que não temos feito na maior parte do mundo. E, é claro, se soubermos que estamos ajudando as pessoas a se deslocarem mais facilmente e com maior eficiência pela cidade, poderemos então avaliar como tirar proveito desse imóvel urbano tão cobiçado – nossas ruas – e oferecer



espaços públicos de qualidade que convidem a serem desfrutados, onde as pessoas possam se relacionar com a vizinhança e as crianças da comunidade local possam brincar e aprender; espaços que promovam um relacionamento afetivo e profundo entre os bebês e responsáveis que circulam por eles. Sabemos que estamos acertando nesse aspecto quando minimizamos o estresse extremo e fomentamos o desenvolvimento de habilidades em geral. E construímos esses relacionamentos responsivos para que possamos ajudar todo bebê a desenvolver um cérebro saudável para, depois, darmos apoio e os estimularmos a se tornarem crianças saudáveis e, no futuro, adultos saudáveis. Portanto, esse é um investimento fundamental e decisivo a ser feito pelas cidades na primeira infância. Naturalmente, podemos nos aplicar no plantio de mais árvores e incorporar o paisagismo às ruas para facilitar o acesso à natureza; isso, além de ajudar a gerenciar melhor os sistemas hídricos e a aumentar a biodiversi-

dade, garantindo a saúde de nossas cidades e regiões, também melhora a saúde mental e o bem-estar de bebês, crianças e seus responsáveis.

Em cidades desenvolvidas de menor porte, as crianças têm a oportunidade de transitar mais livremente e com maior autonomia desde muito pequenas. Como pensar em políticas de mobilidade para crianças de cidades mais inseguras e pobres?

As alternativas de mobilidade de que as pessoas dispõem basicamente ditam seu acesso à cidade, sejam a serviços vitais como assistência médica e creche ou a destinos-chave como parques e praças preferidos, escolas, emprego, e para obterem os insumos do dia a dia, como comida saudável. Assim, a mobilidade independente e segura terá espaço tanto nas cidades grandes quanto nas pequenas, se a projetarmos para isso, se nos lembramos de que o transporte e o espaço público de qualidade constituem um direito básico, como a luta por ar limpo,

pela educação e por alimentos saudáveis. Se valorizamos essas coisas, devemos priorizá-las. Devem ser prioritárias em nossas políticas, na forma como encaramos orçamentos e o planejamento de longo prazo para as cidades, como desenvolvemos seu plano diretor, como escolhemos quais projetos executar, quanto espaço conceder aos carros particulares e quanto espaço conceder aos meios de transporte mais sustentáveis e equitativos. Assim, como mencionei quando estávamos discutindo mobilidade, é difícil colocar isso em pauta. Precisamos atualizar nossas políticas e práticas de design para garantir a prioridade do trânsito, tornando-o acessível e, se possível, gratuito para crianças;

oferecer ciclovias amplas e protegidas em nossas cidades e assegurar que a infraestrutura para pedestres, como calçadas e faixas de travessia seguras e adequadas, com cruzamentos adequados, para que os usuários mais vulneráveis possam se locomover no dia a dia. E, se pensarmos bem, criança não dirige, certo? Elas não podem dirigir, mas podem caminhar e, depois de certa idade, podem andar de bicicleta e, depois, usar o transporte coletivo. Então, se fizermos disso uma prioridade, esse é mesmo o meio mais equitativo de servir aos cidadãos. Também é preciso garantir a criação de ruas que aprimorem a vigilância natural, como diz [a escritora e ativista canadense] Jane Jacob, dar olhos às ruas, garantindo que elas sejam bem iluminadas, divertidas, inspiradoras; que sejam um local que as pessoas tenham vontade de usufruir. É muito mais barato caminhar, andar de bicicleta ou de transporte público do que manter e dirigir um carro particular, principalmente considerando o preço elevado do combustível mais todos os custos acessórios. Contanto que as cidades priorizem seus inves-

timentos para assegurar que o maior setor da sociedade e os mais necessitados sejam atendidos em detrimento dos mais abastados, dos com maior poder de reivindicar, então teremos chance de chegar lá. Assim, podemos garantir que a mobilidade seja um direito fundamental de todas as crianças, de todos os cidadãos, independentemente do tamanho da nossa cidade, seja ela rica ou pobre.

Vocês acumularam experiências diversas trabalhando em conjunto com organizações, empresas e prefeituras de cidades do mundo todo. Quando é mais fácil ou mais difícil fazer alterações urbanísticas voltadas para crianças?

A vontade política é sempre muito útil em apoiar mudanças, mas também não é a única maneira pela qual a mudança pode se dar. O apoio pode vir de cidadãos de organizações sem fins lucrativos, de profissionais, de acadêmicos, ou, ainda, repensando como treinar a próxima geração de profissionais.

Não se trata de ser contra os automóveis, mas sim de oferecer às pessoas alternativas para elas se locomoverem e acessarem a cidade





Não importa quem seja, todo mundo tem um papel a desempenhar na luta por um futuro melhor, mais seguro e sustentável. É claro que cada cidade é diversa, única, os contatos locais e o clima variam tanto quanto sua política. Mas algumas coisas não diferem, não importa em que canto do mundo se esteja, nem a cor da pele das pessoas, o idioma que elas falam, nem quanto dinheiro elas ganham. Há crianças lá que dependem de ambientes bem estruturados, saudáveis e inspiradores para crescer. Não importa onde se esteja, há pessoas morrendo desnecessariamente nas ruas; não importa onde se esteja, há veículos poluindo o ar, há pessoas se tornando cada vez menos ativas – e ainda se observa a desigualdade de renda aumentar drasticamente. Lutar por um futuro melhor para as crianças, onde quer que se esteja, é provavelmente um dos poucos tópicos capazes de alinhar políticos de partidos distintos e influenciar as tomadas de decisão. Tanto os eleitores de esquerda quanto os de direita querem que seus filhos cresçam, desenvolvam-se e prosperem; logo, quanto mais os indivíduos, as organizações, os governantes e os profissionais conseguirem divulgar isso, reforçar a importância do desenvolvimento da primeira infância e tratar as

crianças como um tópico-chave ao qual se dedicar e pelo qual trabalhar e lutar, mais fácil será entender qual o seu papel específico na luta efetiva por mudanças. E, quanto maior o número de cidadãos aptos a exigir o tipo de mudança que realmente precisamos ver, mais próximos ficaremos de enfrentar as crises globais que nos desafiam atualmente. Se estamos nos saindo mal ou razoavelmente? Bem, para ser franca, nunca é fácil operar mudanças, pedir às pessoas que aceitem algo diferente do habitual. Por vezes é muito desconfortável para as pessoas imaginar um futuro diferente no nosso trabalho. Quando trabalhamos com prefeituras pelo mundo, muitas vezes tentamos usar materiais transitórios, como tinta e vasos para transformar ruas e cruzamentos e torná-los mais seguros, e mostrar às pessoas o que é de fato viável, ajudando-as a reimaginar e enxergar um novo mundo de possibilidades, uma nova realidade de como o complexo básico de espaços públicos pode ficar ou como seria usá-lo. Somos muito exigentes quanto a coletar o máximo de dados relativos nesses projetos. Uma das coisas que faci-

litaram um pouco os projetos mais difíceis foi justamente o fato de termos dados e números para comprovar os resultados e o impacto de determinado projeto. Ainda que existam uns poucos eloquentes protestando contra um projeto, quando conseguimos mostrar que, de fato, as velocidades dos veículos inspiram mais segurança, que a grande maioria das pessoas prefere assim; que as pessoas estão usufruindo; e que as empresas estão se saindo melhor, ter todas essas informações pode ser muito útil na luta para tornar as mudanças permanentes ou para promover melhorias, e para as pessoas enxergarem um espectro mais amplo de possibilidades do que podem fazer para mudar as cidades e ruas e torná-las melhores para as crianças.

É preciso dar olhos às ruas, garantindo que elas sejam bem iluminadas, divertidas e inspiradoras

Como você avalia a sua experiência na execução de projetos abertos em algumas cidades brasileiras como São Paulo, Rio e Fortaleza?

Observamos um potencial incrível, no Brasil, para tornar as ruas mais adequadas para bebês e crianças e seus responsáveis, visto que as cidades já estão estabelecendo alguns precedentes globais, redesenhando as ruas e cruzamentos para torná-los mais seguros, instalando redes de ciclovias com faixas bem sinalizadas e seguras, pintando faixas exclusivas de trânsito, para tornar a circulação mais eficiente. Há exemplos como Fortaleza, que oferece ciclovias dedicadas às crianças, e as famílias podem sair e praticar ciclismo unidas; São Paulo, que está trabalhando para melhorar as ruas no entorno das escolas, o que deve gerar um impacto positivo para centenas de crianças em idade escolar; e Boa Vista, que passou a priorizar o desenvolvimento da primeira infância nas reuniões semanais de gabinete e está realmen-

te colocando a importância do desenvolvimento infantil na vanguarda da tomada diária de decisões políticas. Sabemos que ainda há um longo caminho a percorrer, mas estamos vendo mudanças acontecerem. E o que é realmente emocionante é que identificamos uma verdadeira ânsia por mais precedentes locais, para implementar mais projetos e ampliar os projetos existentes, e solicitação de treinamento dos agentes locais, para que sejam apresentados às inúmeras possibilidades e às ferramentas e estratégias disponíveis para ajudá-los a implementar essa mudança. Pessoalmente, estou muito empolgada em ver o que está por vir nos próximos anos, à me-

dida que mais e mais políticos e profissionais informados e esclarecidos no Brasil deixem os interesses particulares de lado. Penso que muitas outras cidades do mundo poderão se espelhar no Brasil para tomar emprestadas, copiar e adaptar essas inovações ao seu contexto local.

Como incluir as crianças nos processos de participação ligados à cidade, como o de discussão de planos diretores, por exemplo?

A maior parte do nosso trabalho está menos relacionada aos planos diretores e mais ao desenho e mobilidade de ruas e ao desenho intermediário e espaços públicos. Mas sem dúvida as crianças podem e devem fazer parte do processo. Obviamente, existem aqueles que viverão sua realidade nas cidades e nos bairros que estão sendo de-

senhados e projetados hoje por adultos; logo, encontrar maneiras significativas de envolver as crianças no início do processo pode, sim, ajudar a identificar desafios específicos e indicar as prioridades locais e informar as decisões sobre o desenho. Quanto a nós, tentaremos trabalhar com parceiros locais para engajar crianças nos projetos que funcionam bem nas cidades; seja tendo crianças em idade escolar colando adesivos com emojis em mapas para nos mostrar onde elas se sentem inseguras ao atravessar a rua em Fortaleza; ou convidando crianças em Bogotá a se interessar em adaptar os espaços públicos do bairro; ou pintando praças ou plantando flores; ou permitindo que as crianças de Milão, na Itália, escolham o nome da praça local; ou pedindo que votem em sua preferência sobre um desenho intermediário, criado para nortear futuros projetos. Portanto, sem dúvida, incluir as crianças no processo é fundamental e muito importante para o nosso trabalho, desenhando ruas melhores, não apenas para as crianças, mas em conjunto com elas.

No Brasil, as desigualdades sociais são muito pronunciadas. Na mesma cidade, bairros convivem com disparidades enormes quanto à presença de equipamentos públicos de cultura, educação e saúde. Como transformar

cidades com realidades tão distintas? É possível tornar o espaço público mais agradável para crianças com pequenas práticas e sem gastar muito?

O trabalho que estamos realizando [em Nova York] na Associação Nacional de Oficiais de Transporte da Cidade [NACTO, na sigla em inglês], em parceria com a Global Design Cities Initiative [GDCI], faz parte principalmente da Iniciativa Bloomberg para Segurança Viária Global, com atuação em duas cidades no Brasil, Fortaleza e São Paulo, e também em Bogotá, na Colômbia, Milão, na Itália, Mumbai, na Índia, e Adis Abeba, na Etiópia. E observamos tipos semelhantes de desigualdades presentes em diversas partes do mundo, com desafios também semelhantes. Mas as mudanças podem ser feitas sem onerar muito? Com certeza. Vimos que é possível fazer mudanças com um orçamento relativamente pequeno: basta ter o coração grande, a mente aberta e um pouco de imaginação. Logicamente, a estratégia das cidades é garantir que qualquer novo investimento em infraestrutura atenda a maioria, da maneira mais

incrível possível e, de fato, garantindo que esses investimentos correspondam às suas prioridades e às necessidades das crianças. Por outro lado, com um pouco de tinta, corantes e pavimento, nossas ruas e nosso complexo de espaços públicos podem se tornar seguros e inspiradores, espaços que convidem as crianças a aprender e brincar; e que permitam aos pais e responsáveis fortalecer os laços com seus bebês e crianças de modo saudável e afetivo. Então é algo que não necessariamente custa muito, basta um pouco de boa vontade, um pouco de imaginação, muitos braços e alguma ação para implementar a mudança. Eu acredito realmente que, ao colocarmos alguns desses projetos em prática, e as pessoas observarem e compreenderem o que podem vir a experimentar e usufruir nas ruas locais, veremos muitas melhorias acontecendo rapidamente. 🍀

É possível fazer mudanças com um orçamento relativamente pequeno: basta ter o coração grande, a mente aberta e um pouco de imaginação



A descoberta da arte

DANÇA, MÚSICA E MOVIMENTO
ESTIMULAM OLHAR DE BEBÊS
E CRIANÇAS PARA O MUNDO

“Antes de uma criança falar, ela canta. Antes de escrever, ela desenha. No momento em que consegue ficar em pé, ela dança. A arte é fundamental para a expressão humana.”
– Phylcia Rashad

A importância da arte já é conhecida na história da humanidade. A grande novidade, no entanto, é a descoberta da arte na e para a primeira infância. No mundo todo há um grande movimento nesse sentido. Espanha, França, Suíça, Dinamarca e Alemanha promovem há mais de dez anos festivais internacionais e exposições sensoriais que propiciam o primeiro contato dos bebês com a arte. Música, artes visuais, dança, teatro, cinema e vídeos no YouTube apontam a urgente necessidade de enriquecermos de conteúdo tudo aquilo que, direta ou indiretamente, chega ou chegará aos nossos bebês.

KAREN ACIOLY
é autora, dramaturga,
diretora teatral e
idealizadora de projetos
multidisciplinares originais



Neste artigo, reuni entrevistas de importantes artistas brasileiros, de comprovada excelência nacional e internacional, que se valem das mais variadas linguagens artísticas para pesquisar a descoberta da experiência da arte para bebês. Muitos começaram suas pesquisas após terem se tornado mães ou pais. Foi o que aconteceu comigo em 2003, quando criei *Bagunça, a ópera baby* e o FIL – Festival Internacional Intercâmbio de Linguagens (que em 2019 chegou à sua 17ª edição). De lá para cá, acompanho o trabalho de cada um desses profissionais e suas ramificações.

Clarice Cardell, da Companhia La Casa Incier-ta (DF); Luiz André Cherubini (SP), do Grupo Sobrevento, pioneiro do desenvolvimento do teatro para bebês no Brasil; Marcella Terry, expoente da música cênica; Andrea Jabor, pesquisadora do movimento e da dança para bebês; Sonia Coelho e Leandro Malman, do Grupo Eranos (SC), responsáveis pela pesquisa do hibridismo de linguagens para bebês, compõem um rico painel do que tem sido a arte para os bebês na última década no Brasil. Esses espetáculos e companhias fizeram parte da escolha do FIL Festival.

Bagunça, a ópera baby

“Tiotiônhatitiantienhémnhunpöi, nhenhémnhunpöi, nenhémnhunpöi, mai nenhéinfei. Nhá tialtia. Nenhém-feititititiotiônhatitia.”

– Dora de Azevedo Acioli Lutz Barbosa,
2001, 1 ano

Interessada em descobrir novas linguagens e narrativas, resolvi escrever em 2003 uma ópera para bebês chamada *Bagunça*. Convidei 20 atores para a etapa inicial da pesquisa de fonte primária: os próprios bebês. Então eu escrevia as cenas e os atores experimentavam o processo criativo com a presença dos bebês, evento ocorrido no Centro de Referência Cultura Infância, no Teatro do Jockey, na ocasião.

Percebemos vários erros e, após notar as reações, reescrevi diversas vezes. Uma das descobertas desse processo criativo nos levou ao “bebelês”, “língua milenar” inventada pelos bebês quando começam a entender que há uma linguagem em que podem se comunicar. A história começava então num berçário e as primeiras cenas eram todas cantadas em bebelês. Uma inversão acontecia a partir daí: os bebês compreendiam, antes dos adultos, o que estava sendo dito; e os adultos tinham de fazer o mesmo esforço (que os bebês normalmente fazem) para decifrar.

Dos tantos momentos marcantes que experimentamos com os bebês, lembro-me de dois absolutamente inesquecíveis: partíamos da ideia de que uma cena com uma boneca seria importante para os bebês. Dessa forma, resolvemos trabalhar minuciosamente na construção da cena em que a atriz reproduzisse os gestos, as falas e as possibilidades de uma “boneca viva”. Os bebês entraram na sala, sentaram-se calmamente. Tudo corria bem até o momento em que a linda e alta atriz, bem-vestida e maquiada, começou a se movimentar e a soltar sons suaves: os bebês desataram a chorar forte, assustadíssimos.

A relação entre um bebê e seu brinquedo passa pela possibilidade de que o bebê possa ser maior do que o brinquedo, e não o contrário. Ou seja, somente a pesquisa nos deu a percepção exata do olhar do bebê para o “objeto”. Foi preciso observarmos melhor, nos colocarmos no lugar dele, imaginarmos o porquê de sua perplexidade diante do que considerava assustador, para reescrever a cena e reinventar bonecos que coubessem nas mãos pequeninas de um bebê.

A partir daí, reescrevi os textos e as músicas ao perceber que havia, naquela experiência, uma nova descoberta de dramaturgia, a qual batizei de “dramaturgia pontilhada”. Nela, a escrita narrativa se daria de uma outra forma: através do tempo de observação do bebê, no campo imagético e sonoro, sem a linearidade da narrativa das histórias com início, meio e fim, pois cada segundo traria em si a complexidade do olhar minucioso de um bebê.

Marcela Terry: música cênica para bebês

Marcela Terry é psicóloga com especialização em Educação Infantil. Além de atuar na área clínica, trabalhou muitos anos como coordenadora de uma creche-escola, com atividades para bebês e crianças de até 3 anos. Desde 2008, dedica-se ao trabalho de sensibilização musical com os grupos “Cirandinhas para Bebês”.

“Depois de ser mãe duas vezes e estar afastada do mercado de trabalho, comecei a imaginar uma proposta de educação infantil voltada para os bebês que pudesse ser realizada em ambientes outros que não a creche-escola e que acolhesse também os responsáveis. Na época, esse tipo de proposta praticamente não existia. Em 2008, nasceram os primeiros grupos ‘Cirandinhas para Bebês e Companhias’ e, assim, muitas vertentes e desdobramentos desse trabalho surgiram, inclusive o ‘Sarau Cirandinhas Bebê e Cia’.

No decorrer das atividades nos grupos Cirandinhas, fui resgatando a linguagem musical que aprendi desde pequena, em família, e que é imensamente apropriada na relação com os bebês. Passei a tocar violão nos encontros e a propor cantorias, danças, brincadeiras interativas com a música e com o corpo, resgatando também outras vivências que tive quando jovem em dança e expressão corporal. Percebi que, apesar de não ser formada em música,

por ter nascido em berço musical, conseguia proporcionar vivências de encantamento nesses encontros. Gradualmente, comecei a assumir mais o fazer artístico, a me sentir mais feliz; e os grupos Cirandinhas, que inicialmente tinham sido pensados como uma proposta de educação infantil, foram se transformando em vivências de música e movimento para os bebês e acompanhantes.

Poucas iniciativas eram voltadas para esse público. Comecei a pesquisar e encontrei no Museu de Arte Naïf uma proposta, ainda iniciante, de visitas mediadas ao museu para bebês – o Naïf para Nenéns. Do contato com esse projeto lindo, nasceram os primeiros ‘Saraus para Bebês’, que eram apresentados mensalmente no Museu Naïf e dialogavam com a obra escolhida para as visitas mediadas. Com um grupo de musicistas de primeiro time, buscava-se um repertório bem brasileiro no tema e organizavam-se os saraus, que aconteciam nos salões do museu, em meio às obras de arte, com grande qualidade musical, dinâmicas sensoriais, brincadeiras. Sempre com a participação dos adultos que acompanhavam as crianças. Foi a partir dessa experiência no Museu de Arte Naïf que partimos para apresentações em

outros espaços culturais, como teatros e salas de cultura.

Quando se trabalha com primeira infância, é fundamental entender que bebês se sentem atraídos por tudo o que é humano. Recém-nascidos olham fixamente para rostos mais do que para outras coisas. Bebês ficam fascinados com caras e bocas, gestuais, expressões, caretadas, alternância de voz. Para se trabalhar com a primeira infância é fundamental afetar-se.

As mães, ao falarem com os bebês, naturalmente afetam sua fala – o ‘manhês’ –, e essa fala, afetiva e afetada, atrai e encanta o bebê. Afetar-se é modificar-se para ir ao encontro do outro, por exemplo, abaixar-se para olhar no olho. É abrir espaço para o imprevisto e acolher o espontâneo. Se é na experiência de relação com o outro que o ser humano se constrói, é fundamental oferecermos nas relações com os bebês o melhor da nossa humanidade. Não podemos esquecer, portanto, que o Sarau é uma vivência de bebês com seus adultos e a vivência precisa fisgar a todos.”



© VITOR SOUZA

Luiz André Cherubini: Grupo Sobrevento

Luiz André Cherubini é um dos diretores artísticos do Primeiro Olhar – Mostra Internacional de Teatro Para Bebês, criada especialmente pelo Grupo Sobrevento (São Paulo), um dos mais importantes grupos de teatro e de formas animadas do país.

“Há anos víamos espetáculos para bebês em festivais de outros países, mas eles não nos faziam realmente vibrar. Com o nascimento de nossos filhos – meu e de Sandra, outra fundadora do Sobrevento –, descobrimos a profundidade do olhar dos bebês, o que nos conduziu à humildade, à gratidão e à empatia. Em 2005, o encontro com os companheiros da companhia espanhola La Casa Incierta, em Madrid, levou-nos à luta pelo desenvolvimento de uma arte voltada para a primeira infância no Brasil.

Em 2006 ou 2007 nasceu o nosso primeiro projeto de um Festival de Arte para Bebês – o Primeiro Olhar. Por termos encontrado todas as portas de teatros fechadas para os bebês em nosso país, nosso primeiro espetáculo de teatro para bebês, *Bailarina*, estreou em 2010 no Teatro Fernán Gómez, em Madrid, depois de cerca de 60 apresentações em creches da periferia de São Paulo.

A mesma história aconteceu com nosso segundo espetáculo, *Meu jardim*, também de 2010. *Terra*, nosso mais recente espetáculo para bebês, é de 2016. Neste meio-tempo, dirigimos e colaboramos com espetáculos para bebês de outras companhias e até mesmo dirigimos um show musical para bebês – *Crianças bebês*. Já fizemos duas edições do Festival Primeiro Teatro e nosso Festival Primeiro Olhar – do Sobrevento e da Companhia La Casa Incierta – atualmente acontece em São Paulo – 8ª edição – e no Distrito Federal – 6ª edição.

Com a observação dos bebês, notamos que eles têm um olhar particularmente profundo, um olhar capaz de se maravilhar com as coisas mais simples, o olhar de quem vê as coisas pela primeira vez, o qual deveríamos cultivar a vida toda. Os bebês não conhecem a

convenção, os truques, as formas sedutoras e obrigam o ator à simplicidade, à profundidade, à sinceridade, à pureza, à inocência, à escuta. Os bebês ainda não foram ensinados a manter certos comportamentos feitos para agradar os pais e os outros. E isso provoca um teatro inesperado para os artistas que se dedicam a esse público.

Ao redor do mundo com o espetáculo *Meu jardim*, percebi que, se as crianças mudam muito de um país para o outro, de uma cultura para a outra, os bebês não. Mesmo assim, já apresentamos o nosso espetáculo em português, em espanhol, em francês, em catalão, em galego e até em eslovaco. Acreditamos que é importante falar com os bebês em seu idioma desde que nascem, como forma de integrá-los ao mundo. As palavras importam. Mas o que é que os bebês entendem? Tudo o que querem e que podem entender.

Entre os conceitos mais importantes do teatro para os bebês, entendemos que eles têm direito à arte, à cultura, ao convívio comunitário e à integração social. Um bebê não é uma folha em branco: é a nossa última versão. Segundo Carlos Laredo, do La Casa Incierta, os bebês não são o último fruto de nossa árvore, mas a raiz mais profunda. O teatro para bebês obriga à humildade, à generosidade e à escuta. Um ator deve aprender com o seu público, e não o ensinar.”

Clarice Cardell: La Casa Incierta

Clarice Cardell é diretora artística do Festival Primeiro Olhar – Arte para a Primeira Infância, atriz, produtora e fundadora da companhia teatral La Casa Incierta, nome de destaque no campo do teatro para bebês na Espanha e no Brasil, com um repertório de 12 espetáculos para bebês. Desde 2005, La Casa Incierta apresenta seu repertório em diversos centros culturais no Brasil e no mundo, em países como França, Bélgica, Itália, Portugal, Holanda, Israel, Finlândia e Rússia.

“O festival nasceu de uma iniciativa da companhia La Casa Incierta, junto ao Grupo Sobrevento, com o objetivo de iniciar um movimento de arte voltada à primeira infância no Brasil. O principal intuito do festival é possibilitar a integração da primeira infância à sociedade, oferecendo um leque de criações artísticas de excelência, realizadas especificamente para que esse público possa se relacionar com a arte e a cultura sem ser considerado como um simples consumidor de um produto de entretenimento, mas sim como um sujeito competente e sensível.

Com Carlos Laredo, um dos diretores do Festival Primeiro Olhar, cria-

dor de Teatralia, um dos mais relevantes festivais da Europa dedicado à infância, atualmente em sua 24ª edição, e com o patrocínio de Madrid, fizemos o primeiro Ciclo de Teatro para Bebês da Espanha: ‘Ciclo Rompiendo el Cascarón’, que realizamos por oito anos (entre 2005 e 2013). Aqui no Brasil, com o Festival Primeiro Olhar, que acaba de cumprir sua sexta edição, começamos sempre do zero, com heroicos malabarismos de sobrevivência.

Dos critérios que marcam a arte para a primeira infância, vimos que, nos últimos anos, as pesquisas em epigenética evidenciaram o infinito potencial dessa fase da vida em acessar as memórias da humanidade nos momentos dramáticos. Como toda a arte em geral, e principalmente para crianças, nossa curadoria sempre observa o compromisso dos artistas com a sensibilidade, a pesquisa e a inovação. Para nós, é muito importante observar que efetivamente os artistas estabelecem um vínculo e um verdadeiro diálogo com as crianças, transcendendo estereótipos ou visões simplistas da infância. Trabalhar para o público da primeira infância é um grande privilégio, pois trata-se de recém-nascidos, que acabam de viver o maior ato heroico da humanidade: o nascer. Os artistas que se aproximam desse público excepcional têm que ter em mente esse grande desafio, de tentar estar à altura da potência do olhar poético e da valentia.

Teríamos vários artistas internacionais para serem mencionados em relação às artes para a primeira infância, tanto de companhias que vêm pesquisando continuamente no campo da arte para primeira infância em países como França, Bélgica, Espanha ou Itália. Teatro Paraíso, Date Danza, Imaginart, Acta – Laurent Dupont, Praxinoscope, La Guimbarde, Theater De Spiegel e La Casa Incierta são alguns exemplos de artistas precursores da arte para a primeira infância no mundo. No Brasil, junto com o Grupo Sobrevento, de São Paulo, estamos cumprindo uma importante tarefa no campo da formação de artistas dedicados à primeira infância. Companhias interessantes ligadas ao teatro físico e de pesquisa, como Coletivo Antônia, Caísa Tibúrcio e Nara Farias, Grupo Psoas e Psolinas ou o artista Zé Regino, vêm se aventurando em projetos sensíveis e comprometidos com a primeira infância”.



Espectáculo *Meu jardim*,
Grupo Sobrevento

Andrea Jabor: dança e interação

Andrea Jabor é diretora, coreógrafa, bailarina e criadora da companhia Arquitetura do Movimento. Fundada em 1999, a premiada companhia conta com um repertório de mais de dez espetáculos.

“Em 2013, comecei a pesquisar o universo dos bebês e seu desenvolvimento. Organizei grupos de estudo com amigas e bebês de 3 a 7 meses e outros em que dei aulas para mães e pais com bebês. Em 2015, fui convidada pelo Instituto Cultural da Dinamarca a participar de uma viagem com uma delegação brasileira de artistas para o April Festival, que trabalha há muitos anos pesquisando e propondo trabalhos artísticos do universo cênico para a primeira infância. Assim me apaixonei e decidi criar uma obra especialmente voltada para essa faixa etária de 2 a 6 anos.

Na dança, trabalho com a construção do tempo e do espaço. No trabalho com bebês, a escuta e leitura das respostas sensoriais e dos movimentos deles são os elementos mais importantes para a interação. Os bebês de 2, 3 anos e as crianças até 6 anos são extremamente exigentes, pois, se não gostam do que veem, choram, saem andando e te deixam sozinho em cena.

Espectáculo
A Rainha e as abelhas

Em *A Rainha e as abelhas*, procuro apresentar um espetáculo que em um primeiro momento desperta a curiosidade pela beleza, pelas imagens, pela música, pelo ambiente. Aos poucos vou conquistando a confiança dos pequenos para estabelecer relações mais íntimas, que despertam os sentidos com o toque, o olhar, uma sensação, um cheiro... Assim eles começam a interagir com a Rainha e vão ganhando cada vez mais confiança, até quererem dançar e estar com a Rainha no final.

Na relação entre pais e bebês, a melhor forma de propor uma interação de dança ou movimento é através do brincar e do cantar. Muitos pais brincam com seus filhos, mas não cantam ou não percebem a riqueza da melodia, do ritmo da música que embala o corpo e leva ao balançar, ao dançar. Nossas cantigas e brinquedos cantados, como as cirandas ou cocos de roda da cultura brasileira, são ótimas formas de começar a trabalhar a dança.”

Sandra Coelho: teatro visual

Sandra Coelho é psicóloga, artista com incursões em teatro, artes visuais, literatura e fotografia.

“O trabalho com a primeira infância se iniciou de uma maneira bem orgânica no grupo. Temos uma peça em repertório de teatro de rua que utiliza o espaço urbano como parte da dramaturgia, onde o ator interage ao vivo com elementos multimídia, chamada *Ronin – Luz e sombra*. Em uma ocasião específica, apresentamos essa peça *indoor*, numa biblioteca, para um público de crianças, e tivemos uma receptividade muito grande, principalmente por não ser uma peça pensada para elas. Na busca para entender as questões que levaram a essa resposta do público infantil, montamos uma peça chamada *Circo Multimídia*, misturando elementos visuais e bonecos num ambiente intimista.

Posteriormente, iniciamos uma longa pesquisa com três turmas de crianças, em escolas da cidade de Itajaí – sede do grupo –, também com elementos multimídia voltados à temática do ‘mar’. Concomitante a isso, eu engravidei, o que acentuou o desejo de inserção nesse universo. Do resultado dessa pesquisa surgiu *#Mergulho*, uma experiência teatral para crianças que nos abriu caminho da arte para primeira infância e bebês. *#Mergulho* utiliza-se de elementos multimídia num ambiente intimista e interativo, os elementos

visuais são utilizados como um meio para a interação com a criança, em que dimensões múltiplas podem coexistir. Na peça, é criado um ambiente híbrido no qual o espaço adquire forma e identidade através da relação entre ator e plateia. Todos os elementos do projeto, iluminação, cores, sons e dinâmica de movimento, foram pensados para estimular e favorecer o lugar ‘relação’, seja ela participativa ou contemplativa. O importante é o envolvimento na ritualística proposta. Quando falamos em recursos multimídia, estamos falando na possibilidade de relacionar imagem, cor e som com as dimensões dos sentidos da criança. Entendemos que o trabalho é dinâmico e, portanto, a pesquisa deve ser constante.

Hoje, com três obras voltadas à infância: *#Mergulho*, *Pô!Ema* e *O barquinho amarelo*, ainda nos consideramos num processo de descobertas. A criança de hoje é múltipla, dinâmica e tem uma poética muito particular. Entender as possibilidades que os recursos multimídia podem trazer na construção de experiências artísticas com crianças é parte de um processo de entendimento sobre a própria contemporaneidade.

O ponto central do nosso trabalho é a relação. Nos apropriamos de elementos multimídia como possibilidade de nos relacionar com a criança, através de imagens, sons, cores, sonoridades, em constante interação com o ator e/ou com eles próprios. Entendemos que a tecnologia é um elemento presente na vida do homem contemporâneo, inclusive na da criança, e que pode e deve ser usada de maneira criativa. Acreditamos que a tecnologia digital pode ser ‘humanizada’ numa obra artística, e o modo como nos relacionamos com ela é que qualifica a experiência.

O universo da primeira infância é muito amplo. As possibilidades de uso de elementos multimídia na construção artística também. Talvez as questões que possam nos mobilizar para as próximas construções dizem respeito a entender melhor a ritualística do teatro para bebês e crianças pequenas. Também queremos entender o papel dos pais/cuidadores na construção de uma experiência poética ou teatral. De todo modo, uma obra para crianças acessa no adulto a sua própria criança interior.” ♥



© RENATO MANGOLIN



© SANDRA COELHO/DIVULGAÇÃO



96
Com a palavra,
quem cuida



110
Aquarela
do Brasil



124
Pela primeira
infância



PRIMEIRA PESSOA
por MARIANA SGARIONI

COM A palavra, QUEM cuida

MÃES, PAIS, AVÓS, PROFESSORES. QUEM TEM FILHO E QUEM NUNCA PENSOU EM TER. OUVIMOS QUEM ESTÁ À FRENTE DA JORNADA DIÁRIA DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL, VIVENDO AS DORES E AS DELÍCIAS DE CUIDAR DE CRIANÇAS EM SUAS PARTICULARIDADES

Gestar, parir e acompanhar o crescimento de uma criança no dia a dia é algo muito distante do que dizem os contos de fadas. O ser humano é uma máquina complexa, única, e não nasce com manual de instruções. Para as mulheres, atrás das cortinas da maternidade está um espelho, a possibilidade quase lisérgica de enxergar a si mesmas fora do próprio corpo. Para os homens, representa a falta de controle, estar de frente com o imprevisto, o inesperado – que, afinal, nada mais é do que a vida. Para quem cuida, é a responsabilidade de estar diante de um adorável ser indefeso que dá um trabalho infinito, mas que representa o melhor que guardamos em nós.

O mundo infantil é um admirável mundo novo. Quem mergulha nesse poço uma vez dificilmente sai o mesmo. Nas próximas páginas, você vai saber o que dizem algumas pessoas que estão lá embaixo, nas profundezas da criação de um ser humano.

Thiago Fontes Carvalho de Queiroz, 37 anos

Rio de Janeiro (RJ), criador do portal Paizinho Vírgula, do canal do YouTube com o mesmo nome e dos podcasts Tricô de Pais, Coisa de Criança e Conta pra Mim. É pai de Dante, 6 anos, Gael, 4, e Maya, 10 meses

“

Quando meu filho mais velho nasceu, há seis anos, senti muita vontade de trocar experiências com outros homens sobre aquele novo mundo que eu estava vivenciando pela primeira vez. Queria saber, queria ouvir, queria falar. Meus medos, minhas ansiedades, minhas dificuldades. A surpresa foi descobrir que eu estava praticamente sozinho. Procurava na internet outros homens que estivessem passando pela mesma situação, e só encontrava depoimentos de mulheres. Então resolvi criar um portal, o Paizinho Vírgula, para falar um pouco do que se passava comigo. Percebi o abismo que nossa cultura cavou quando o assunto é paternidade. O papel de buscar informações sobre a educação das crianças recai sempre sobre os ombros da mãe – o homem não se sente responsável por isso.

Esta ausência dos homens na criação das crianças é algo sintomático, que reflete diretamente a estrutura da sociedade que vivemos.

Com o podcast Tricô de Pais, estes homens, aos poucos, estão chegando mais perto de mim. Recebemos e-mails emocionados de pais que se identificam, dão risada, choram. Ao falarmos sobre as situações por que passamos, conseguimos criar empatia e acessar os sentimentos desses homens. Eles percebem, enfim, que não dá mais para botar tudo pra “debaixo do tapete”. No nosso grupo de apoio virtual de paternidade, contamos hoje com quase 500 homens que trocam de tudo: desde pedidos de ajuda para a mulher que está com depressão pós-parto até dicas de onde tem promoção de fralda descartável. É assim, devagar, que vamos nos conectando e construindo a ideia da real paternidade. Pai é aquele que cria, e não aquele que ajuda. É preciso acabar com esta ideia de ovacionar o homem quando ele faz o mínimo. Quando vou ao mercado com minha filha no colo, por exemplo, todo mundo me olha na rua como se eu fosse um super-herói. Se minha mulher faz o mesmo, ninguém dá bola, como se ela não fizesse mais do que a obrigação. Homens precisam aguentar gozação e cara feia de chefe quando precisam se ausentar do trabalho para ir ao pediatra ou participar da adaptação da criança na escola. “Mas por que você faz questão ir? Sua mulher vai estar lá, não precisa.” Precisa, sim. Ora, porque eu sou o pai. É uma cultura enraizada que precisa ser mudada. Ainda estamos longe do ideal, mas chegaremos lá.

Sheila Paula Borges, 37 anos

advogada, de São José do Rio Preto (SP), é mãe de Ana Júlia, 9 anos, e Benjamin, 2

“

Acho que a maternidade deveria retornar à aldeia, um local de acolhimento, só de mulheres, de onde ela nunca deveria ter saído. Com as redes sociais, parece que estamos conseguindo juntar grupos de apoio e este movimento parece estar acontecendo de novo.

Porque, ao mesmo tempo em que a maternidade nos proporciona uma alegria infinita, também nos leva a um lugar escuro, desesperador, de profunda solidão.

Foi como me senti ao parir minha primeira filha, hoje com 9 anos. Foi uma gravidez planejada, desejada. Eu e meu marido tínhamos uma vida agitada: muitas festas, viagens, baladas. Morávamos longe da nossa família e resolvemos ter o parto com um médico amigo do meu marido, na nossa cidade natal. Eu havia idealizado o parto normal. Queria aquele parto de qualquer maneira, criei muita expectativa. Entretanto, o Brasil é o país da cesárea – médicos e hospitais infelizmente não estão preparados para que a mulher possa parir naturalmente. No caso da minha filha, o hospital não tinha o aparelho que escuta os

batimentos do bebê na barriga. Portanto, apesar de eu ter entrado em trabalho de parto, acabei caindo numa cesárea desnecessária, como a maioria. E foi a partir daí que meu tormento começou, talvez porque eu não tenha tido a descarga de hormônio natural (e necessária) que as mulheres têm no pós-parto. Sofri uma intervenção para a qual meu corpo não estava preparado.

Demorei muito para entender que aquela bebê que tinha nascido de dentro de mim era a mesma que eu tanto queria. Eu cuidava dela, mas o vínculo simplesmente não acontecia. Para mim, ser mãe era a mesma coisa que ser babá: a criança representava um amontoado de tarefas, um cansaço extremo. Eu morria de medo de a minha filha morrer, ou de alguma coisa acontecer com ela. Mas não sentia afeto – ou pelo menos o tal “afeto maternal” que o cristianismo nos vende como inerente a todas as mães. Procurei tratamento quando ela tinha 2 meses e me cuido até hoje. Tanto que no meu segundo filho – que nasceu de parto natural e domiciliar – não tive nada.

Até hoje percebo uma dificuldade de vínculo entre mim e minha filha. Entretanto, somos grudadas uma na outra. Entendemos que estamos aqui para ser mãe e filha. Portanto, vamos viver isso da melhor forma que pudermos. E isso não é amor?

Roberta Porto Silva Albergaria, 43 anos

professora de dança, ex-bailarina,
de Belo Horizonte (MG), mãe de Pedro, 10 anos

“

Dez anos depois – que se passaram como um sopro –, estávamos ali, de volta ao mesmo hospital. No andar dos prematuros, em frente à UTI, acompanhados pelo querido pediatra que recebeu meu filho neste mundo, eu tive finalmente a coragem de perguntar: “Pedro, você gostaria de entrar para conhecer a UTI em que ficou quando nasceu?”. “Sim, mãe, gostaria”, respondeu meu menino alto, forte, imponente e decidido.

E assim entramos, juntos, de mãos dadas, naquela UTI neonatal onde tantas mães rezam pela vida de seus bebês. Há dez anos, eu era uma delas. Um filme passou pela minha cabeça naquele momento. Fui internada ali, no mesmo hospital, grávida, com apenas 24 semanas de gestação. Um exame de rotina descobriu que Pedro corria o risco de nascer muito tempo antes da hora e, portanto, sem chance de sobrevivência. Eu já havia perdido três bebês antes dele, era minha quarta gestação. Não perderia mais este. Era um menino, sabíamos. Porém, ainda sem nome. No hospital, sem saber se ele vingaria, no auge da emoção, meu marido me disse: “Nosso filho vai se chamar Pedro. Significa ‘rocha’”. Nesse dia, voltei a acreditar em Deus, acho.

Pedro, minha pequena rocha, veio ao mundo com 31 semanas de gestação, e pouco mais de 1 quilo. Da minha barriga ele foi direto para a UTI neonatal. O nascimento de uma criança costuma ser uma explosão de alegria, uma festa.

No caso de um prematuro, não tem glamour nem romantização: lidamos com a possibilidade de uma morte real.

É uma ambivalência de sentimentos, é a vida brigando com a morte o tempo todo. Só quem sobreviveu a uma UTI sabe o que significa estar lá e ver seu bebezinho que acabou de sair da barriga, cheio de fios e tubos, lutando para viver. Eu presenciei duas paradas respiratórias do Pedro, quando os monitores mostram um traço contínuo e você vai até o abismo e volta. Fiquei firme ali, com uma resiliência que até hoje não sei de onde tirei. Liguei uma chave na minha cabeça, um botão mesmo. Eu queria tanto esse filho, tanto ser mãe, que fui peitando todas as adversidades que a vida me apresentava. Dizia para mim mesma: “Esse moleque vai ser meu. E eu vou ser dele”. Pois assim foi. E é assim que seguimos juntos até hoje.

Patrícia Angelica Alcântara Assis, 47 anos

policial civil, de Florianópolis (SC), não quer ser mãe

“

Eu não tenho filhos da minha barriga e nem quero ter. Mas isso não significa que não gosto de crianças – pelo contrário, aliás.

Faço questão de estar perto delas, de trabalhar com elas. Sou voluntária num projeto que atende crianças de uma antiga comunidade quilombola em Santa Catarina, onde trabalhamos artes e cultura africanas. Ninguém nunca vai me chamar de mãe, verdade. Mas eu amo ser a Tia Pati – e este amor me preenche até o infinito.

Diferentemente das outras, uma mulher que não quer ter filhos deve explicações à sociedade o tempo inteiro.

É como se eu fosse uma extraterrestre. Preciso explicar, argumentar, convencer os outros sobre algo que deveria ser natural, uma vez que sou dona do meu corpo e da minha vida. As acusações que escuto com frequência sobre minha escolha de não ser mãe são: “Você é egoísta. Você é preguiçosa. Você não gosta de assumir responsabilidades. Você vai ficar sozinha na velhice. Você tem algum problema de saúde?”.

Acho que o principal motivo que me leva a não querer ser mãe é imaginar que meus filhos poderiam crescer sem pai, como a maioria das crianças no Brasil. Eu nunca quis criar filho sozinha – tenho uma sobrinha que sequer tem o nome do pai na certidão de nascimento. Tive alguns relacionamentos anteriores estáveis, mas me decepcionei muito, fui vítima de violência doméstica. Como poderia pensar em ter filhos?

Aos 47 anos, uso como desculpa a minha idade. Agora não dá mais. Então me dizem: “Ora, você pode adotar”. Mas como adotar se eu não tenho esta vontade? É pior colocar uma criança no mundo e só depois descobrir que você não tem nenhum suporte afetivo e material para dar a ela. Sou policial e vejo muito este tipo de situação absurda. Somos adultos e o mínimo que podemos fazer é nos responsabilizar por aqueles que não pediram para nascer.

Marina Vargas Couto, 39 anos

tradutora, de Cabo Frio (RJ), mãe de Bernardo, 7 anos, nascido com síndrome de Down, e Francisco, 5

“

Há algum tempo escrevi um texto sobre ser mãe do Bernardo que se chamava “Meu filho é diferente; todos os filhos são”. Muitas coisas mudaram de lá para cá, inclusive e principalmente na maneira como percebo e vivencio o ser mãe do Bernardo – e do Chico – porque, na realidade, ser mãe dos dois é uma unidade indissolúvel. No título, no entanto, já havia uma verdade que eu ainda não entendia por inteiro, mas que hoje é o norte do pacto que fiz com eles, comigo mesma e com nossa caminhada pela vida: todos os filhos são diferentes, de forma que ter um filho com deficiência é, antes de tudo, ter um filho.

Quando descobri, logo depois do parto, que o Bernardo tinha síndrome de Down, eu me lembro de uma confusão de sentimentos e de uma solidão enorme: eu achava que não era mais como as outras mães e tive medo de não saber como continuar escrevendo aquela história nova, com aquela mudança súbita no roteiro. Mas quando ele veio pro meu colo, já no quarto, tive uma clareza única. Olhei bem pra carinha dele e pensei que a gente ia fazer aquilo com a maior verdade possível. O resto é tempo. E com o tempo percebi que não sabia quase nada sobre a síndrome de Down. Curiosamente, também não sabia quase nada sobre ser mãe. Não sabia quase nada sobre o Bernardo. E, hoje vejo, não sabia quase nada sobre mim. Então o resto foi, basicamente, tempo. E construção.

Sou muito privilegiada, mas há muitos momentos em que não é fácil. Para a maioria das mães de crianças com deficiência, em diferentes medidas, falta apoio, escuta, empatia, recurso, reconhecimento – das pessoas, dos governos, da estrutura social. Em família, é

preciso reajustar noções de tempo, espaço, potência. E nesse processo a gente acaba descobrindo que

*o mais difícil não é a síndrome,
e sim viver em um mundo
que ainda encaixa a deficiência
como uma falta,*

que ainda vê a pessoa com deficiência como menos capaz, um problema incômodo. Um mundo que ainda recusa a diferença, de formas às vezes bastante cruéis.

Nos pormenores da nossa vivência, no entanto, também esquecemos muito: assim como não penso o tempo inteiro que ele tem cabelos castanhos, não penso o tempo inteiro que ele tem síndrome de Down. Na convivência diária, o que se sobrepõe a tudo é a pessoa: com possibilidades variadas, voz, desejos, defeitos, manias, planos para o futuro. Esse entendimento, para a família e a sociedade, é (ou deveria ser) muito rico.

No fim das contas, cada mãe, cada família vive uma experiência única. São tantas coisas que se sobrepõem que às vezes acho difícil dizer “como é ser mãe de uma criança com deficiência”. Mas talvez não seja: é ser mãe. De vez em quando dá mais trabalho, mas aí eu olho pro meu filho mais novo, o Chico, uma criança que chamáramos de típica, e penso: “Que injustiça, ele me dá um trabalho danado também”.

Lucileide Bispo da Silva, 51 anos

empregada doméstica e cozinheira, de Salvador (BA), avó de Mariana Sousa Azevedo, 5 anos

“

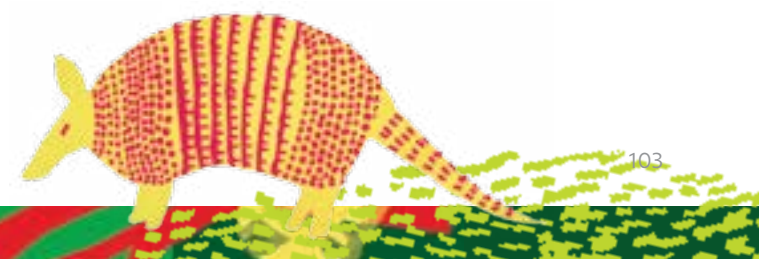
Minha filha mora em Salvador e eu, no Rio de Janeiro. Quando minha neta Mariana ainda era um bebê, minha filha se separou do marido e ficou muito triste. Ele saiu de casa, arrumou outra mulher, e minha filha ficou lá, sozinha, tão jovem, sem trabalho, sem dinheiro, com Mariana nos braços. Ela chegou a vir para minha casa, mas não se adaptou ao Rio de Janeiro. Voltou a Salvador e tentou arrumar emprego. Mas estava muito arrasada com a separação. Chorava demais, não achava trabalho. Sabe, ela é diferente de mim neste aspecto: eu não ligo para homem, não dependo de homem nenhum nesta vida. Minha filha sofre. Sempre que eu telefonava para ela em Salvador, minha neta dizia: “Vovó, a mamãe está triste, está dodói”.

Até o dia que não aguentei. Paguei as passagens e pedi que minha filha trouxesse Mariana para o Rio morar comigo até que ela conseguisse melhorar de vida. Quando ela chegou, meu coração se encheu de alegria. Pois pensei: “Poderei dar à minha neta todo o amor e carinho que nunca pude dar aos meus filhos”. Eu fui mãe solteira. Com pouco mais de 20 anos, tinha três filhos para criar, aluguel para pagar, comida para botar na mesa. Tinha que trabalhar para sustentar todos eles sem nenhum apoio. Não tinha tempo nem para um afago, um carinho. Foi assim que meus filhos cresceram. Agora, com minha neta, tudo é diferente. Eu

saio para trabalhar, e ela vai para uma escola, onde é muito bem cuidada e feliz. Ensino Mariana a rezar todas as noites. A agradecer aos outros, a dar bom-dia, a pedir licença, a ser gentil. Aqui ninguém grita com ela. Mari está rodeada de amor. E ela me diz: “Vovó, quando estou ao seu lado, você é minha mãe. Amo vocês duas. Com as duas por perto, me sinto melhor”. Ela sabe que a avó não tem condições financeiras de dar brinquedos caros, a boneca que ela tanto pede.

*Mas sabe também que a vovó
brinca, a vovó leva para
o parque. Brincar junto
é melhor do que qualquer
brinquedo de shopping!*

A Mari terá que voltar para Salvador um dia. Estamos nos preparando para este momento. Quando este dia chegar, tenho certeza que ela guardará no coração o tempo gostoso que passou com esta sua avó. E quem sabe um dia ela volte, não é mesmo? Eu vou ficar esperando.



Antonia Pellegrino, 40 anos

feminista, escritora e roteirista do Rio de Janeiro (RJ),
mãe de Iolanda, 7 anos, e Lourenço, 6 anos

“

*Não existe separação entre
feminismo e maternidade.
São conceitos que andam
juntos para quem pretende pensar
uma sociedade mais justa*

Na minha casa, por exemplo, o feminismo já começa na educação direta das crianças. Meu filho não é um menino que larga as roupas no chão porque sabe que a mãe vai recolher. A mãe não vai fazer isso porque não é uma obrigação dela e porque este é um trabalho dele. Aos 7 anos de idade, ele tem responsabilidades em casa. Desde cedo ele e a irmã sabem (e vivenciam) a importância do trabalho reprodutivo, que é aquele conjunto de atenções e cuidados secularmente realizado apenas pelas mulheres. Meu papel como mãe, mulher e educadora feminista é mostrar em primeiro lugar aos meus filhos que é inaceitável que este trabalho seja feito apenas pelas mulheres. Não aceito isso. Aqui em casa, meu companheiro lava a louça, vai ao mercado. Porque eu simplesmente não estou disposta a fazer tudo: organizar, pensar, abastecer,

limpar, cozinhar. Não aceito. Meus filhos assim percebem que este não é um trabalho natural das mulheres – é um trabalho imposto a elas, o que é bem diferente. E entendem também que este trabalho reprodutivo, chamado assim como se fosse o contrário do trabalho produtivo, não é vergonhoso nem um demérito para ninguém. Pelo contrário, aliás.

Nós, mães feministas, precisamos dar conta de construir esta percepção de que a humanidade só seguiu crescendo porque o trabalho reprodutivo nunca foi remunerado. E que, até hoje, sequer é visto como trabalho justamente porque sempre foi feito por mulheres. Entretanto, movimenta muito dinheiro no mundo, cifras da ordem de trilhões. Portanto, nossos filhos devem saber que este trabalho é relevante, e não é natural que seja feito só por mulheres.

Acho que o feminino se fortalece quando, cada vez mais, levamos nossas crianças conosco para fora do ambiente doméstico, que é onde se espera que elas estejam. Mulheres trabalhando com seus filhos no colo, amamentando, mostrando que a mulher pode estar em todos os lugares junto com seus filhos, e não separadamente. A criança junto com a mãe deve fazer parte da cena pública. Para que, enfim, tiremos a maternidade da sombra.

Flávio Gonçalves da Costa, 31 anos

tenente da Polícia Militar de São Paulo, é pai de Sophia,
que perdeu a mãe no seu parto

“

Sofri uma ruptura muito forte. Nós tínhamos planos, sonhos, e estávamos muito felizes. O dia do meu casamento foi também de nascimento e morte, tudo junto.

Quando estava chegando na igreja, minha noiva, grávida de seis meses, passou mal e tivemos que levá-la ao hospital às pressas. Chegando lá, constatou-se que ela tinha sofrido um AVC em decorrência de uma eclâmpsia. Apesar de todos os primeiros socorros prestados, Jessica teve morte cerebral. Entretanto, a incrível equipe médica decidiu rapidamente fazer uma cesárea de emergência para salvar Sophia. Foi tudo tão rápido que não entendi nada. Só sei que de repente me entregaram a Sophia nos braços, carimbaram o pezinho dela. E, naquele momento de desespero, o que pude fazer foi cantar para ela. Minha filha abriu os olhos e se acalmou. Porque ela reconheceu minha voz, era esta música que eu cantava quando ainda estava na barriga.

*Agora tudo o que quero é
transmitir meu amor para minha
filha. Não quero que
a dor que estou sentindo seja
maior que meu amor.*

Minha filha não conhece nada neste mundo e eu quero que ela conheça o amor. Todos os dias eu fico com ela na UTI. Faço canguru para que ganhe peso. Converso com ela, canto para ela. Outro dia ela ficou tão feliz ao ouvir minha voz que até ficou com soluço.

Quero ser um pai presente e estar em todos os lugares importantes da vida da Sophia. O melhor pai que puder ser. Mas nunca vou ocupar o lugar da mãe. Ela vai saber que teve uma mãe maravilhosa. E, quando perguntarem quem foi sua mãe, ela vai saber que foi uma mulher que deu a vida por ela. Esta é uma história de amor, e não de morte.

Camila Fremder, 38 anos

escritora e roteirista, de São Paulo (SP),
autora do livro *Adulta sim, madura nem sempre*,
mãe de Arthur, 2 anos

“

Acho que os três primeiros meses do bebê são um susto para a mãe, um choque de realidade. É uma mudança de paradigma que ninguém espera. São muitos sentimentos misturados e difíceis. O primeiro é a solidão materna.

*Por mais que a mulher
tenha apoio e muitas pessoas
em volta para ajudar,
a solidão é inevitável.*

Porque o bebê só depende da mãe para mamar, ele quer o colo da mãe para se acalmar, não tem jeito. Sem contar que você fica ali, sozinha, sentindo as dores físicas que ninguém mais sente. O pai da criança não tem ideia do que a gente está passando. Não é o bico do peito dele que está sangrando, não é a barriga dele que está com uma cicatriz latejando, não é o cabelo dele que está caindo. O perrengue é incomparável.

De todos os desafios, acredito que o mais difícil foi a privação de sono. Eu nunca quis ter babá, mas às vezes entendo muito quem optou por ter uma. No auge do meu cansaço, se me dissessem “você me dá todo seu dinheiro para dormir uma hora?” , eu daria. Essa história que nos dizem para dormir quando o bebê dorme não existe. Estamos exaustas, mas o cérebro não tem botão para desligar a hora que você quer. Você pensa: nunca mais vou conseguir trabalhar, passear, sair com amigos, ver séries, transar. Nunca mais. Até que um dia tudo melhora. Como o tempo na maternidade é relativo, as coisas vão melhorando sem que a gente perceba. No dia que meu filho dormiu uma noite inteira eu nem acreditei!

A gente se cobra demais e a perfeição não chega nunca. Tem sempre alguém cobrando o inatingível. Eu costumo dizer o seguinte: respeite seus limites e faça o melhor que puder fazer. Isso fará de você uma boa mãe. E fim de conversa.

Barbara Dell'Omo Attademo de Castro Faria, 22 anos

estudante de Direito, do Rio de Janeiro (RJ), mãe de Renzo, 6 anos

“

Eu tinha 15 anos. Estava na escola, levava uma vida de adolescente como outra qualquer. Como a maioria das meninas, tinha um ex--namorado quase da minha idade e vivíamos nessas idas e vindas. Numa dessas, descuidamos, e engravidei. Fiquei desesperada e demorei muito a contar – entretanto, em nenhum momento pensei em não levar a gestação adiante. Sempre quis este filho. Morria de medo da reação dos meus pais, da família. Que, aliás, foi a pior possível. Quando meu pai e minha mãe souberam, imediatamente passaram a procurar médicos que ajudassem a encontrar um jeito de interromper a gravidez. No primeiro ultrassom apareceu que eu já estava com quase quatro meses de gestação e esperava um menino. Não havia mais o que fazer. Não foi uma gravidez tranquila, como você pode imaginar. Meus irmãos mais velhos me pressionaram demais, a família não aceitava. Perdi muitas amigas próximas também. Minha vida mudou de uma hora para outra. Renzo nasceu prematuro e teve que ficar dois meses no hospital. Larguei a escola para cuidar dele e viemos morar na casa da minha mãe. Passei muito tempo só cuidando dele, sem trabalhar, sem estudar – muito distante da realidade da maioria das adolescentes. Tivemos momentos muito difíceis. Como sou jovem, minha família toda me desautorizava na educação e nos cuidados do Renzo. Como se eu nunca soubesse de nada, fosse uma incapaz. Eu digo: “Vocês tiveram a chance de vocês. Agora é minha vez de errar, me deixem ser mãe”.

Neste ano, fomos morar nós três juntos, pela primeira vez: eu, Renzo e o pai dele. Como uma família mesmo. Estamos encarando os desafios, que não são poucos.

*Tem dia que quero chorar porque
não me sinto capaz de cuidar
de tudo. E me sinto culpada.*

Sabe, quando eu bati o pé e quis ter o Renzo, não imaginava a dificuldade. Mas, no fim, a gente vai vivendo e acaba conseguindo. Quando me perguntam: “Você se arrependeu?”, eu respondo: “Se eu pudesse voltar atrás, não interromperia a gravidez, não. Eu voltaria mais um pouco e teria usado um contraceptivo”.

Roberta Santiago, 35 anos

jornalista de Niterói (RJ), é homossexual e mãe das gêmeas Olivia e Helena, 4 anos

“

Sou lésbica. E eu sempre quis ser mãe, independentemente da minha orientação sexual.

Quando conheci Juliana e começamos a namorar, concordamos na hora sobre este assunto: queríamos ter filhos. Optamos então pela inseminação artificial, com o sêmen de um doador anônimo. Todo o processo durou cerca de um ano, desde a procura pelos médicos, o procedimento da inseminação e o nascimento das gêmeas. Eu não tenho participação biológica nenhuma na gestação das meninas (elas nasceram da barriga da Juliana), mas nos dois primeiros anos após o nascimento delas fui eu que fiquei em casa – dedicação exclusiva – para criar e fortalecer nosso laço afetivo. Eu tinha muito medo de que o vínculo biológico prevalecesse e eu acabasse ficando de lado, mas algo que a Juliana sempre me disse

é que eu era mãe tanto quanto ela. Desde que as meninas nasceram, fizemos questão de contar a verdadeira história delas, sempre com um discurso de muito empoderamento e inclusão. Elas sempre souberam que não têm um pai, mas sim duas mães. E elas encaram tudo com muita naturalidade. Quando você sai com crianças pequenas, todo mundo pergunta quem é a mãe ou onde está o pai. É nesse momento que você tem que dizer e reafirmar que as duas são mães. Tudo começa com esse exercício, mas nós nunca escondemos a verdade.

Quando as meninas completaram 2 anos, eu e Juliana resolvemos nos separar. Ao contrário do que se imagina, em vez de diminuir, nossa família aumentou: hoje namoro Bianca, que já tem três filhas, também de uma união homoafetiva. Somos agora uma grande família! Conviver com cinco crianças dá trabalho, é exaustivo por vezes. Desafios acontecem o tempo todo e ninguém está pronto para eles. Mas sinto que realizei um sonho: formar uma grande família. Uma família como qualquer outra.



Luciana Bento, 34 anos

servidora pública, carioca, mora em São Paulo (SP), criadora do blog *Mãe Preta*, mãe de Aísha, 7 anos, e Naíma, 5

“

Minha maternância passa muito por isso: pela busca por referências. A criança negra precisa saber que ela existe no mundo, que ela tem representatividade.

Costumo dizer que maternância é a militância que nasce depois da maternidade. No meu caso, depois que as meninas nasceram, emergiram questões relacionadas ao que é ser uma mulher preta, criando filhas pretas na sociedade racista em que vivemos. Resolvi abraçar esta luta porque não queria que minhas filhas sofressem o que eu sofri: aquele racismo cordial, o racismo velado, aquele racismo estrutural típico do Brasil, em que você escuta as piores coisas em tom de brincadeira – e nunca revidou porque aprendeu com seus antepassados a deixar pra lá, a relevar as ofensas, afinal, é só uma piada, não é mesmo? Onde está seu senso de humor?

Com a gravidez, descobri que não havia um espaço na internet ou nos fóruns em que mulheres negras colocassem ali suas vivências. Foi então que criei o blog *Mãe Preta*. Comecei a escrever, a organizar encontros com outras mães pretas, a questionar por que não tem material educativo sobre cultura negra, bonecas, roupas. Não faz sentido que minhas filhas andem com uma roupa de uma boneca branca. Elas não se enxergam ali, é preciso que elas tenham referências. Eu mantenho meu cabelo bem crespo sem trança, sem nada, para que elas se vejam no espelho, vejam meu cabelo exatamente como o delas. Elas precisam admirar alguém que tenha a aparência delas.

Porque todas as referências construídas no Brasil de beleza e inteligência são de pessoas brancas. É o que eu tento transmitir para outras mães: façam seus filhos e filhas se reconhecerem.

Entretanto, veja você: quem é a mulher negra hoje, ou melhor, a mãe negra? É a base da pirâmide. É mulher que ganha perto de um salário mínimo, fica horas dentro de um ônibus lotado, faz tudo sem ajuda, muitas vezes deixa os filhos sozinhos para trabalhar e cuidar do filho dos outros. Esta é a mãe preta. Que horas esta mulher vai pensar em militância, em sexismo, em racismo? Ela precisa se manter viva, antes de qualquer coisa. É de sobrevivência que estamos falando.

A OUA RELA DO BRA SIL

De norte a sul do país,

crianças de até 6 anos

desenham o que pensam sobre

suas vidas e sobre o mundo

ao seu redor



Enzo Augusto
da Rocha, 5 anos

aluno da professora Liciane Lourenço,
no Colégio Senhora de Fátima (Curitiba, PR).

Como vai ser o mundo quando você crescer?

“Quando eu for adulto, o mundo será cheio de
araucária e gralha-azul. Porque nós estamos
protegendo, elas não vão mais estar em extinção.”



Melany Rosângela Sanchez, 6 anos

aluna da professora Dione Fonseca,
na Escola Municipal de Educação Infantil
João Mendonça Falcão (São Paulo, SP)

**Como você gostaria que fosse
o mundo quando crescesse?**

“Um mundo cheio de flores.”

Gabriel Guimarães Mendonça, 5 anos

aluno da professora Larissa
Guimarães, na Escola Mater
Dei (Brasília, DF)

**O que você mais gosta
na escola?**

“O que eu mais gosto é o ônibus
escolar e aprender as vogais.”

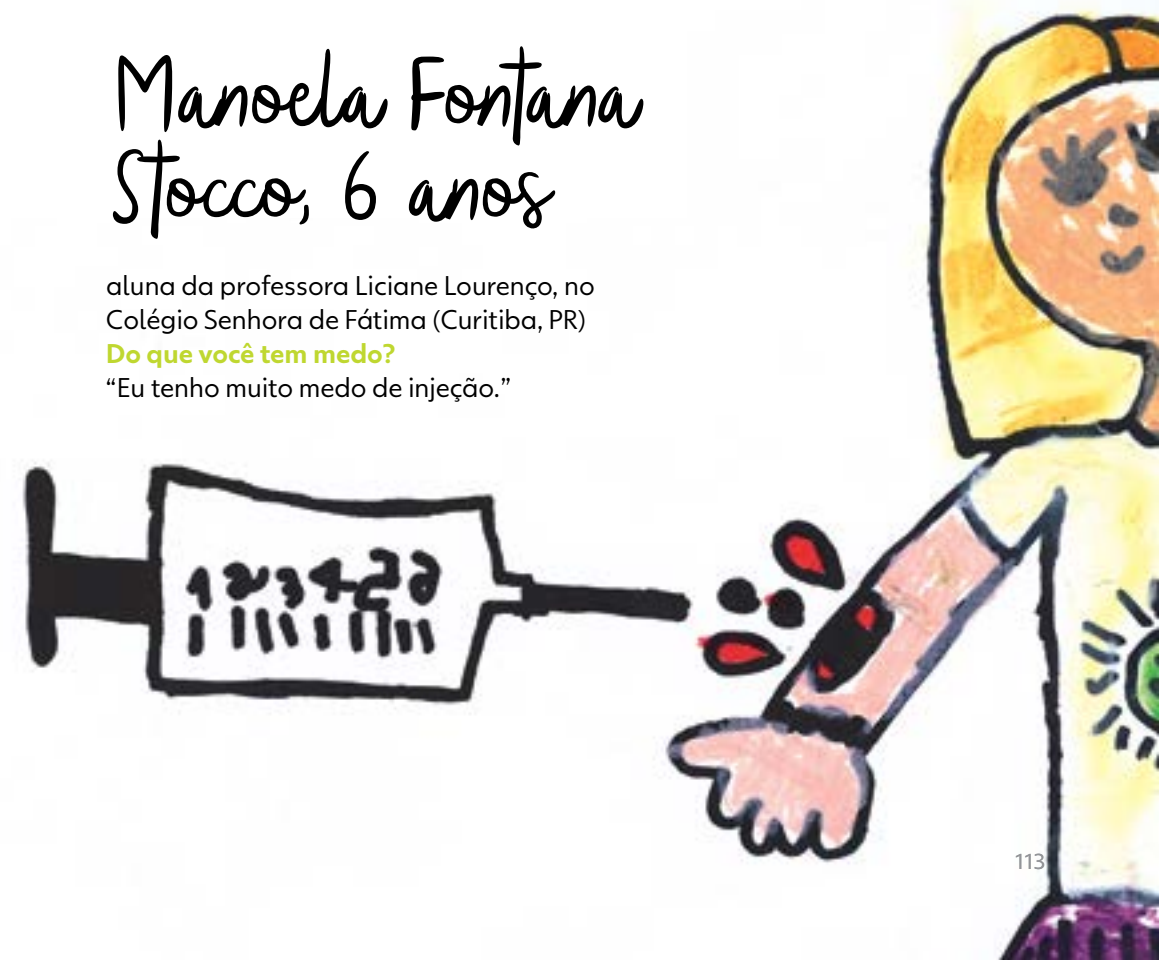


Manoela Fontana Stocco, 6 anos

aluna da professora Liciane Lourenço, no
Colégio Senhora de Fátima (Curitiba, PR)

Do que você tem medo?

“Eu tenho muito medo de injeção.”





Avisil
Luana
Condosi,
6 anos

aluna da professora
Dione Fonseca, na Escola
Municipal de Educação
Infantil João Mendonça
Falcão (São Paulo, SP)
**O que você mais
gosta de fazer?**
“Brincar com as minhas
bonecas.”



Josué
Amosim
Campos,
6 anos

aluno do professor Marinaldo
Sarmiento (um dos 10
Educadores Nota 10 em 2018),
na Escola Municipal de Ensino
Fundamental Jupariquara
(Barcarena, PA)
**Desenhou o que é ser criança
para ele.**

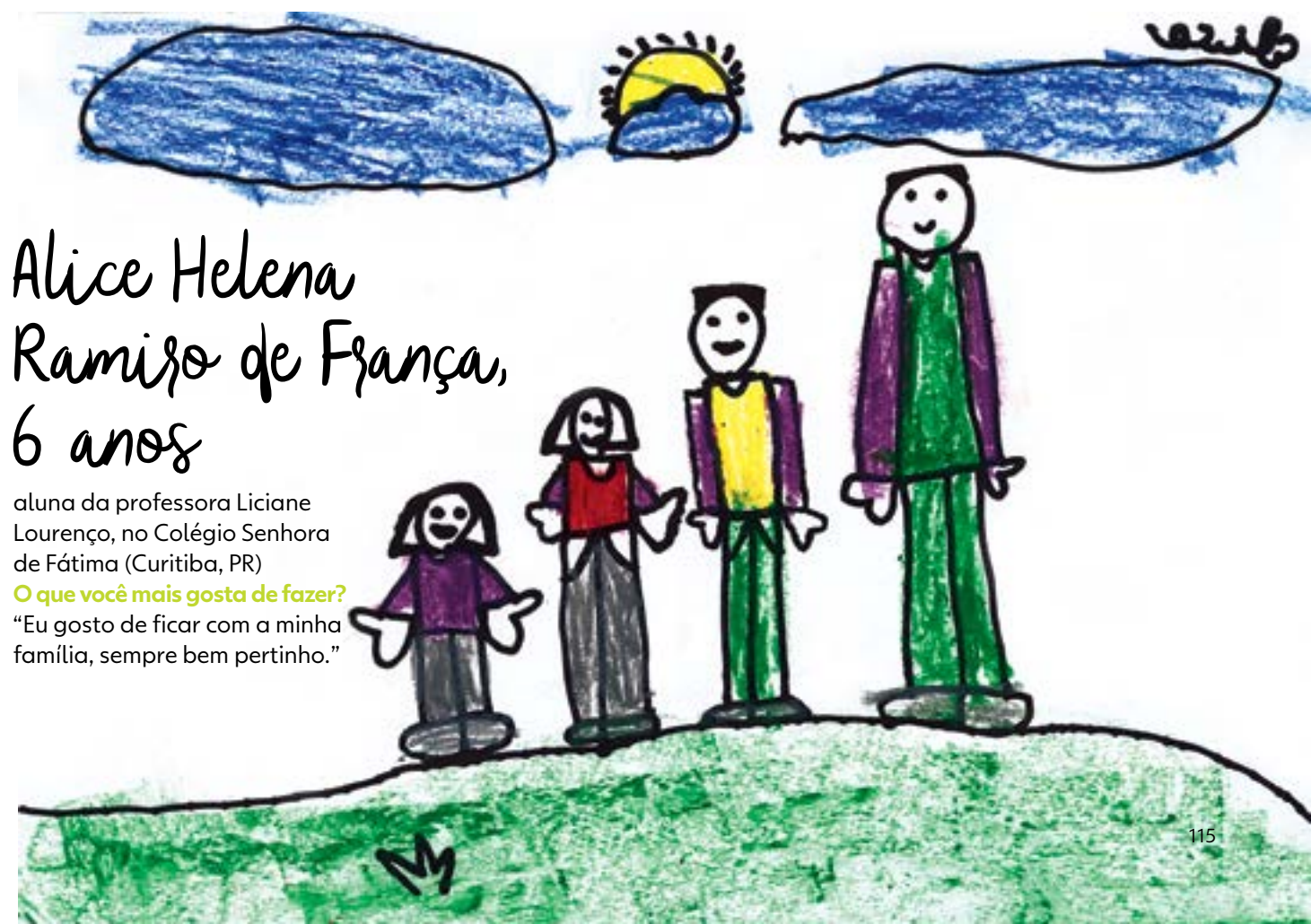
Luiz Eduardo,
5 anos

aluno da professora Maria Kamila Justino,
no Berçário e Escola Luz (João Pessoa, PB)
Desenhe a sua escola e sua cidade.
Desenhou a casa dele e um caminho que
passa por uma floresta com um leão até a
escola.



Alice Helena
Ramizo de França,
6 anos

aluna da professora Liciane
Lourenço, no Colégio Senhora
de Fátima (Curitiba, PR)
O que você mais gosta de fazer?
“Eu gosto de ficar com a minha
família, sempre bem pertinho.”





Athus Nascimento da Mascena, 6 anos

aluno da professora Dione Fonseca, na Escola Municipal de Educação Infantil João Mendonça Falcão (São Paulo, SP)

Desenhe sua casa e cidade.

"Eu gosto de São Paulo porque tem um monte de shopping."

Maskana Barbosa de Sá, 6 anos

aluna do professor Marinaldo Sarmento, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Jupariquara (Barcarena, PA)

Desenhou sua cidade e sua escola.



Demison Gomes da Cunha, 6 anos

aluno do professor Marinaldo Sarmento, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Jupariquara (Barcarena, PA)

Do que você tem medo?

"De cobra."



Luiza Amaral, 4 anos

aluna da professora Maria
Kamila Justino, no Berçário e
Escola Luz (João Pessoa, PB)
Do que você tem medo?
“Da Cuca, do Sítio do Picapau
Amarelo.”



Laís Longo Rebellato, 6 anos

aluna da professora Liciane Lourenço, no
Colégio Senhora de Fátima (Curitiba, PR)
Como vai ser o mundo quando você crescer?
“O mundo vai ser bem difícil. Porque eu vou
ser professora e vou trabalhar muito.”



Bento de Oliveira Noronha, 3 anos

aluno da professora Caroline Gomes,
no Jardim Espaço de Educação Infantil
(Rio de Janeiro, RJ)
O que você mais gosta de fazer?
“Jogar bola, brincar com meu pai
e com a cachorrinha dele.”

Nathan Basseto do Bonfim, 5 anos

aluno da professora
Dione Fonseca, na Escola
Municipal de Educação
Infantil João Mendonça
Falcão (São Paulo, SP)
Do que você tem medo?
“Tenho medo de dormir
sozinho e no escuro.”



Liu Chin, 6 anos

aluna da professora Dione Fonseca, na Escola Municipal de Educação Infantil João Mendonça Falcão (São Paulo, SP)

Como você gostaria que fosse o mundo quando crescerse?

“Eu gostaria que estivesse sem poluição, um respeitando o outro e a terra tivesse muita água e mais amor com todos.”

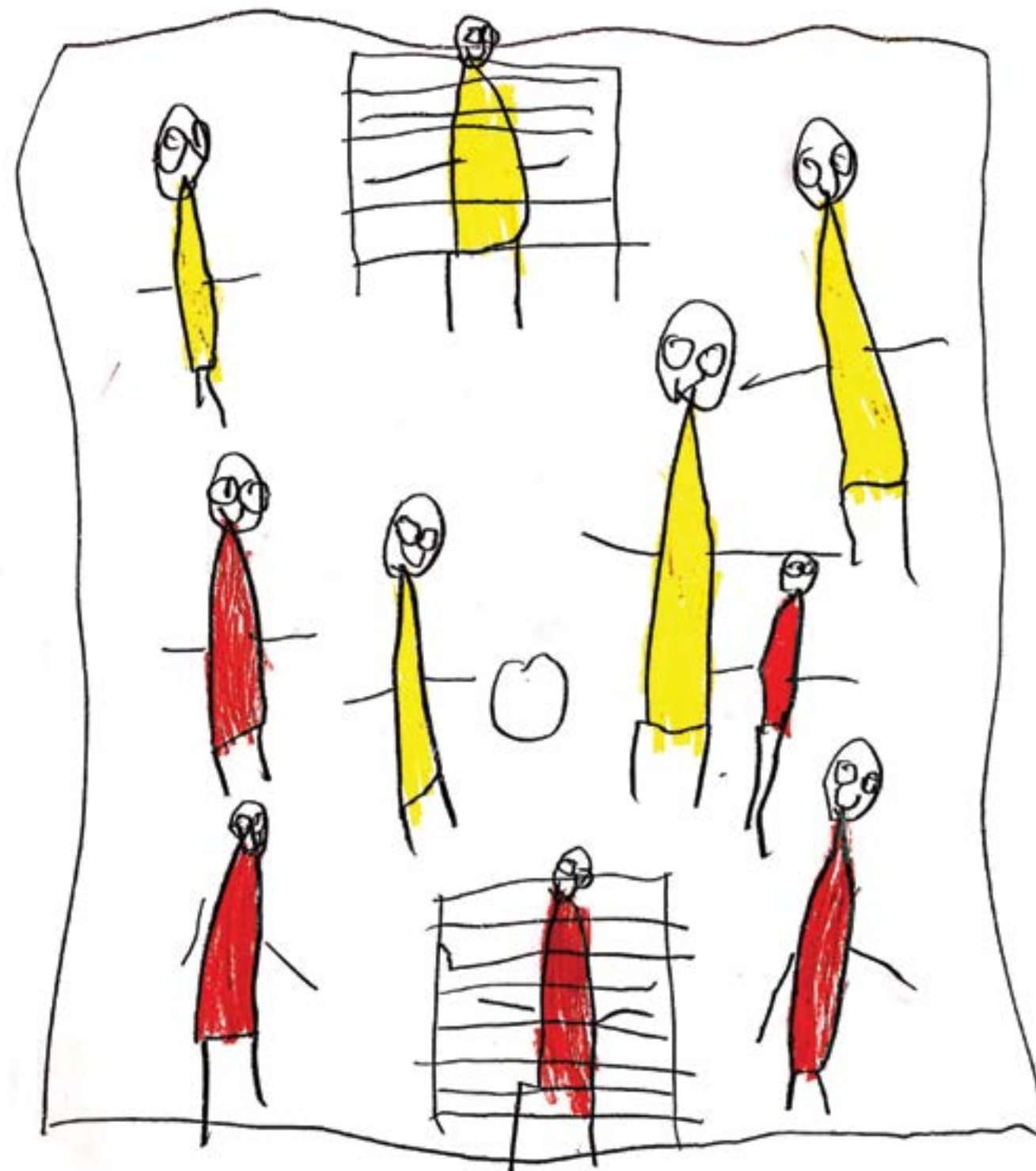
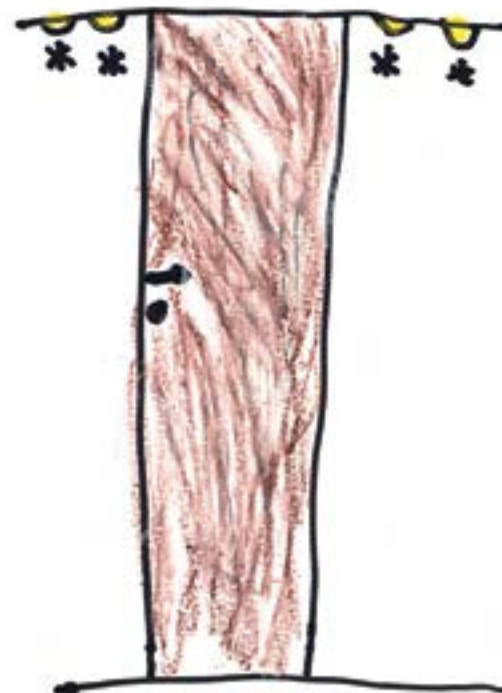


Helena Mello Mengarda, 6 anos

aluna da professora Liciane Lourenço, no Colégio Senhora de Fátima (Curitiba, PR)

Qual é a hora mais legal do seu dia?

“A hora que meu pai está em casa e toma café comigo na mesa.”



Igos Mota, 4 anos

aluno da professora Maria Kamila Justino, no Berçário e Escola Luz (João Pessoa, PB)

O que você mais gosta de fazer?

“Gosto de jogar futebol.”



Olívia Costa
Draumílio Duarte,
4 anos

aluna da professora Caroline Gomes,
no Jardim Espaço de Educação
Infantil (Rio de Janeiro, RJ)
Desenhe a sua cidade e a sua escola.
“Essa é a rua, o caminho da escola, eu
no meu carro, pessoas, lojas, uma
barraquinha de compras.”

Pamella Santos
da Cunha,
5 anos

aluna do professor Marinaldo
Sarmiento, na Escola
Municipal de Ensino Fundamental
Jupariquara (Barcarena, PA)
Do que você tem medo?
“De escuro.”



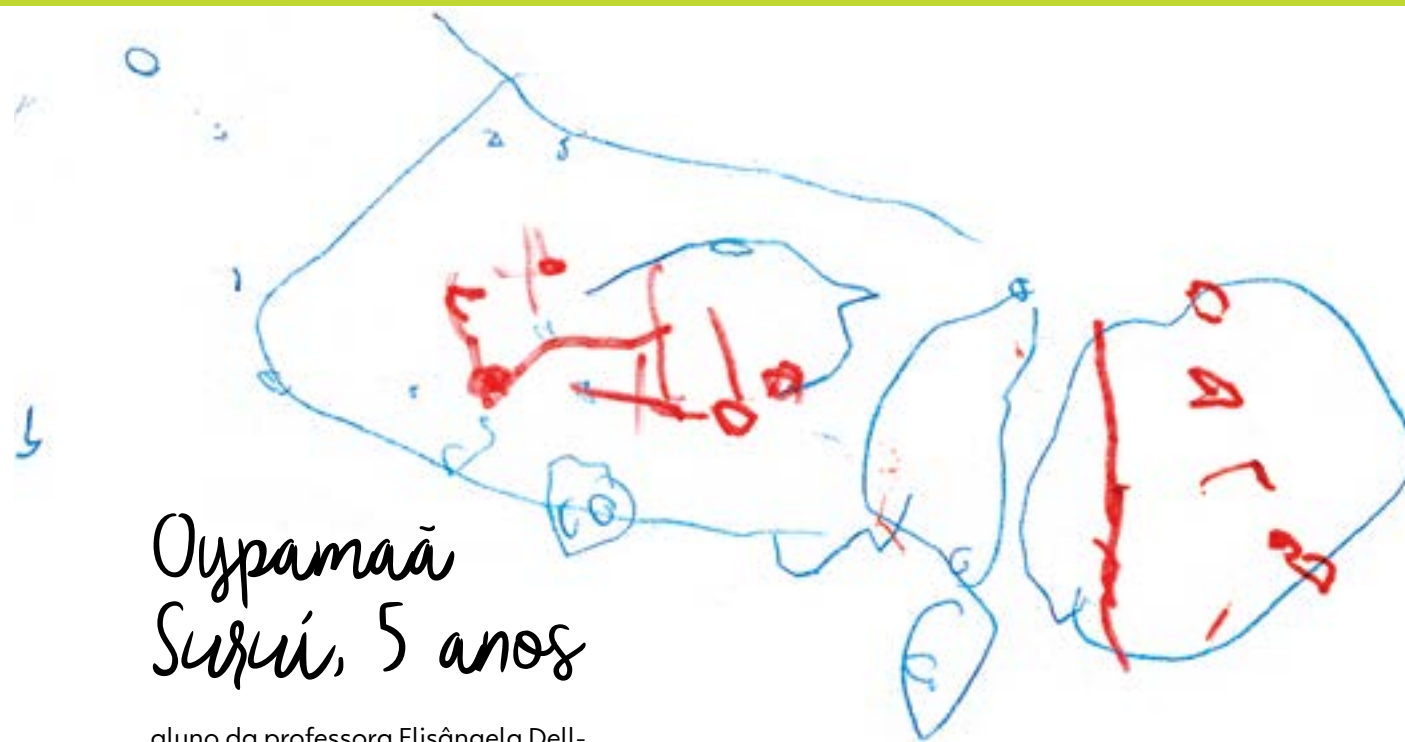
Amanda
Gomes
Oliveira,
6 anos

aluno da professora Dione
Fonseca, na Escola
Municipal de Educação
Infantil João Mendonça
Falcão (São Paulo, SP)
**Qual é a hora mais legal
do seu dia?**
“É quando estou no parque.”



Oypamaã
Suruí, 5 anos

aluno da professora Elisângela Dell-
Armelina Suruí, da Escola Sertanista
Francisco Meireles (Cacoal, RO)
Do que você tem medo?
“Do wao (jacaré).”



pela primeira infância

AS INICIATIVAS, ORGANIZAÇÕES
E POLÍTICAS ATIVAS EM PROL
DA PRIMEIRA INFÂNCIA NO BRASIL
E NA AMÉRICA LATINA

Para avançar, é importante reconhecer o que já foi e ainda vem sendo feito de importante no Brasil (e fora dele) pelo bem de gestantes e crianças no período inicial da vida. Olhando para o cenário atual, é possível reconhecer ações, iniciativas e o trabalho de organizações que atuam de modo dedicado ao tema, promovendo melhorias diretas ou espalhando a palavra sobre sua importância. Há ainda legislações e políticas públicas elaboradas nas últimas décadas que consolidam o modo como sociedade civil, agentes públicos (em âmbito federal, estadual ou municipal) e privados podem e devem intervir na primeira infância, cada uma com a sua especificidade local, respeitando necessidades e culturais próprias. No Brasil, o Marco Legal da Primeira Infância, de 2016, cumpre o papel de guia nacional sobre as melhores práticas a serem adotadas em diferentes instâncias no país, como no caso dos planos municipais e estaduais. Com a visão do todo, é possível ver onde chegamos e o quanto ainda é possível avançar.

Iniciativas e instituições

Criança Esperança

A caminho de completar 35 anos, é uma das maiores campanhas de arrecadação de recursos do mundo e já impactou diretamente a vida de mais de 4 milhões de crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social no Brasil. A campanha é uma parceria da Globo com a Unesco e os recursos são investidos em projetos sociais desenvolvidos por organizações da sociedade civil. O Criança Esperança estimula o debate sobre políticas públicas para a defesa de direitos de crianças e adolescentes e contribuiu até mesmo com as discussões que levaram à criação do Estatuto da Criança e do Adolescente – o ECA.

criancaesperanca.com.br

Fundação Bernard van Leer

A entidade privada com sede na Holanda promove desde 1965 o tema da primeira infância por meio da formação de pais e cuidadores, apoio a iniciativas que discutam a formulação de políticas públicas e ações de disseminação do conhecimento científico sobre o tema no Brasil e no mundo.

bernardvanleer.org

Fundação Maria Cecília Souto Vidigal

Fundada em 1965, a organização trabalha desde 2007 pela causa da Primeira Infância com o objetivo de impactar positivamente o desenvolvimento de crianças em seus primeiros anos de vida. As principais frentes de atuação da Fundação são a promoção da educação infantil de qualidade – creche para quem quer ou precisa e pré-escola para todos; fortalecimento dos serviços de parentalidade, para apoiar quem cuida; a avaliação do desenvolvimento das crianças – o que não se pode medir, não se pode melhorar; e a sensibilização de toda a sociedade sobre o impacto, ao longo da vida, das experiências vividas na primeira infância.

fmcsv.org.br

Núcleo Ciência Pela Infância

Formado por pesquisadores especialistas em diferentes áreas do conhecimento, o NCPI se volta para a produção de estudos e publicações que tratem do tema da primeira infância pelo viés científico, bem como para a capacitação de formuladores de políticas públicas sobre o tema.

ncpi.org.br

Pastoral da Criança

Fundada em 1983 pela médica pediatra e sanitária Zilda Arns e ligada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a Pastoral da Criança atua no Brasil e em diversos países da América Latina e África na redução de mortes materno-infantis. Sua equipe faz acompanhamento de mães durante toda a gestação e de crianças até 6 anos, orientando sobre questões básicas de saúde, nutrição, vacinação e higiene. pastoraldacrianca.org.br

Rede Nacional Primeira Infância

A RNPI é uma articulação formada em 2007 com mais de 200 organizações da sociedade civil, setores público e privado, com o objetivo de atuar na promoção e garantia dos direitos da Primeira Infância. Dentre suas realizações, está a elaboração do Plano Nacional pela Primeira Infância, em 2010, e que visa servir de base para políticas públicas federais, estaduais e municipais.

primeirainfancia.org.br

Unesco

A Unesco é parceira da Globo no Criança Esperança desde 2004, apoiando organizações da sociedade civil que atuam em favor do desenvolvimento na primeira infância. Além disso, desenvolve, em cooperação técnica com estados, municípios e o governo federal, projetos de atenção aos primeiros anos de vida da criança, a exemplo dos programas Primeira Infância Melhor e o Criança Feliz. Mais do que uma preparação para a educação primária, as iniciativas buscam o desenvolvimento integral das necessidades sociais, emocionais, cognitivas e físicas da criança, a fim de construir uma base sólida e ampla para a aprendizagem e o bem-estar ao longo da vida. Investir no desenvolvimento integral da primeira infância, dando atenção às necessidades das crianças, pode contribuir para a redução da pobreza e para construir um mundo mais igual e inclusivo.

brasilia.unesco.org

Unicef

Com sede em Nova York, o Fundo das Nações Unidas para a Infância atua promovendo ações e parcerias com governos e organizações da sociedade civil voltadas para a educação e o fortalecimento dos direitos da criança e do adolescente. Entre as atividades prioritárias para o desenvolvimento infantil, está a Semana do Bebê, iniciativa apoiada pelo Unicef nos 1.924 municípios inscritos no Selo Unicef e nas dez capitais do programa Plataforma dos Centros Urbanos. O Unicef também reúne parceiros nas questões da saúde na primeira infância, principalmente promovendo o aleitamento materno e a alimentação saudável. Para que o desenvolvimento saudável de cada criança se inicie na gestação, o Unicef tem trabalhado para reduzir a curva crescente dos casos de sífilis congênita em Recife, promovendo a consolidação das linhas de cuidado da gestante.

unicef.org/brazil

Políticas públicas em outros países

Exemplos na América Latina

Chile Crece Contigo (Chile)

Iniciado em 2007, o programa compõe o sistema de proteção integral à infância, instituído por lei no Chile, e garante o acompanhamento de gestantes e crianças durante seu desenvolvimento em diferentes áreas de atenção (educação, renda, saúde etc.).

Cuna Mas (Peru)

Lançado em 2012, o programa peruano busca promover o desenvolvimento de crianças com até 3 anos, investindo na parentalidade e no vínculo familiar. O Cuna Más envolve a oferta de lares diurnos e creches para as crianças, bem como um programa de acompanhamento familiar, com visitas semanais ou mensais a domicílios. Em 2017, o programa atendeu mais de 100 mil famílias e 11 mil crianças.

De Cero a Siempre (Colômbia)

O programa foi instituído por lei federal em 2016 e é gerido por uma comissão interministerial (Saúde, Educação, Cultura, Cidades, Esportes etc.) dedicada a coordenar ações de atenção integral à primeira infância e a criação de um sistema único de informação sobre a população na primeira infância.

Educa a tu Hijo (Cuba)

O programa cubano Eduque Seu Filho nasceu em 1992 com o propósito de garantir educação às crianças em idade pré-escolar que viviam em ambiente rural, sem acesso a escolas formais. O trabalho consiste em garantir atendimento por agentes de diferentes setores (saúde, educação, esporte, cultura etc.) às famílias visando o desenvolvimento integral da criança até a idade escolar.

Uruguai Crece Contigo (Uruguai)

De 2012, o programa uruguaio prioriza um público formado por crianças de até 4 anos e mulheres grávidas, definido a partir de levantamento de dados e pesquisas, visando garantir proteção integral à primeira infância e avançar no combate à pobreza no país. O governo adotou práticas educativas sobre a importância da primeira infância, passou a monitorar condições de saúde dessa população, práticas alimentares, higiene, e investiu na formação de vínculos familiares.

Políticas públicas no Brasil

Alguns destaques nacionais e estaduais

Criança Feliz (Brasil)

É um programa nacional de visitação domiciliar criado em 2016 e atrelado ao Marco Legal da Primeira Infância. Seu público prioritário são gestantes e crianças de até 6 anos de famílias beneficiários do Bolsa Família, do Benefício de Prestação Continuada ou, ainda, crianças afastadas do convívio familiar por medida protetiva.

Mais Infância Ceará (CE)

O programa estadual cearense promove, desde 2015, a articulação das áreas de saúde e educação para atuar com foco na primeira infância, com atenção especial ao atendimento pré-escolar, ao cuidado de gestantes e crianças com o objetivo de reduzir a mortalidade materna, perinatal e infantil. O Mais Infância Ceará conta ainda com um eixo de visitação domiciliar, feito em aliança com o Programa de Apoio ao Desenvolvimento Infantil (Padin) e o Criança Feliz, o qual atende aproximadamente 60 mil famílias.

Primeira Infância Acreana (AC)

O programa estadual criado em 2016 tem como principal foco a visita domiciliar a famílias com crianças até 6 anos de idade e em situação de maior vulnerabilidade. São dezenas de municípios atendidos por agentes que acompanham o desenvolvimento de mais de 5,6 mil crianças (dados de 2016 a 2018).

Primeira Infância Melhor (RS)

Foi a primeira política pública de visitação domiciliar semanal ou mensal com foco integral (saúde, educação e assistência social) aplicada por um estado no Brasil, em 2003. O programa gaúcho, que teve como referência o projeto cubano Educa a tu Hijo, se tornou referência para a formulação de políticas específicas para a primeira infância em outros estados do país.

Programa Mãe Coruja (PE)

A política estadual pernambucana atua na redução de mortalidade materna e infantil, bem como no fortalecimento de vínculos dentro e fora das famílias. O programa articula áreas de saúde, educação e assistência social e cobre 105 municípios. Desde sua criação, em 2007, o Mãe Coruja contabiliza 202 mil mulheres cadastradas e 172 mil crianças atendidas.

São Paulo pela Primeiríssima Infância (SP)

O programa estadual articula gestões municipais de saúde, educação infantil e desenvolvimento social para atuar de modo coordenado e com foco no cuidado de famílias gestantes e com crianças até 6 anos. Compõe o programa o IPPI (Índice Paulista da Primeira Infância), que monitorou o atendimento e os indicadores de saúde e educação desse público no estado. ♡

As opiniões expressas nos artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores. Todo material incluído nesta publicação tem autorização dos autores ou de seus representantes legais. Nenhuma parte dos artigos pode ser reproduzida sem a autorização expressa da Globo, dos autores ou seus representantes.

O Caderno Globo é uma publicação periódica, com edições temáticas que se dedicam a aprofundar o debate e estimular a reflexão sobre assuntos relevantes para a sociedade. Concebido e produzido pela Globo, o Caderno faz parte de um amplo projeto de relacionamento da empresa com o meio universitário, estudantes e jovens, que inclui a realização de seminários, encontros e atividades que promovem a escuta, a troca e a disseminação de conhecimento.

